

CADERNOS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

Trabalhos Premiados na 19ª Jornada

ORGANIZAÇÃO ANA PESSOA APARECIDA RANGEL ANA LIGIA MEDEIROS

Fundação Casa de Rui Barbosa

2026

Organização

Ana Pessoa

Aparecida Rangel

Ana Ligia Medeiros

RIO DE JANEIRO

2026

Fundação Casa de Rui Barbosa

Presidente da República
Luiz Inácio Lula da Silva

Ministra da Cultura
Margareth Menezes

Fundação Casa de Rui Barbosa

Presidente
Alexandre Santini

Diretor Executivo
Ricardo Calmon

Diretor do Centro de Pesquisa
Fábio Kerche

Diretora do Centro de Memória e Informação
Lucia Maria Velloso de Oliveira

Chefe do Setor de Editoração
Benjamin Albagli Neto

Preparação
Henrique Torres | Tikinet

Revisão
Giovanna Macedo | Tikinet

Capa
Nicole de Abreu | Tikinet

Diagramação
Ilário Bortoloso Junior | Tikinet

Estagiária de Produção Editorial
Barbara Souza

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C122 Cadernos de Iniciação Científica [recurso eletrônico]: trabalhos premiados na 19ª Jornada / organização Ana Pessoa, Aparecida Rangel, Ana Lígia Medeiros. – Rio de Janeiro : Fundação Casa de Rui Barbosa, 2026.
13,4 MB ; PDF (102 p.) – (Cadernos de Iniciação Científica)

ISBN 978-65-88295-56-4

1. Iniciação científica. I. Pessoa, Ana, *org*. II. Rangel, Aparecida, *org*. III. Medeiros, Ana Lígia, *org*. IV. Jornada de Iniciação Científica (19. : 2024 : Rio de Janeiro, RJ).

CDD 001.2

Elaborada no Serviço de Biblioteca da Fundação Casa de Rui Barbosa
pela bibliotecária Letícia Krauss Provenzano - CRB7/6334

CADERNOS DE
INICIAÇÃO CIENTÍFICA
Trabalhos Premiados na 19ª Jornada

Sumário

Apresentação
As organizadoras

Estudo da coleção bibliográfica de Rui Barbosa
Esther Nascimento M. do C. Araujo

Uma perspectiva arquivística e arquitetônica: levantamento, organização e acesso aos documentos gráficos relacionados ao patrimônio arquitetônico e paisagístico da Fundação Casa de Rui Barbosa
Valéria Peixinho da Silva e Felipe das Neves Lacerda

Reflexões sobre a documentação do Museu Casa de Rui Barbosa: investigação das fichas catalográficas e difusão da informação
Milena Gomes Moreira Bezerra

Fazenda Colubandê: memória dos cristãos-novos no Rio de Janeiro
Anna Figueiredo Vanoli

Contradições na apresentação de africanos no Dicionário de Macedo Soares
Daiane de Souza Villela da Silva

Fundação Casa de Rui Barbosa

APRESENTAÇÃO

A Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB), por meio do Centro de Pesquisa e do Centro de Memória e Informação, tem como uma de suas metas incentivar estudantes com bolsas para pesquisas, sobretudo por meio daquelas capazes de refletir a diversidade de conhecimentos produzidos pela instituição, como história, direito, ciências sociais, políticas culturais, língua portuguesa, literatura, arquivologia, biblioteconomia, preservação, restauração e museologia. São bolsas voltadas tanto para as reflexões teóricas quanto para as ações práticas.

O Programa de Iniciação Científica (PIC-FCRB), criado em 2005, atende às exigências do Plano de Carreira na Área de Ciência e Tecnologia, no qual a FCRB ingressou em 1997, tendo como objetivo despertar a vocação científica e incentivar talentos potenciais entre estudantes de graduação. O PIC trabalha em associação com outro programa de bolsas da instituição, o Programa Institucional de Produção do Conhecimento Científico e Técnico e Científico na área da Cultura (PIPC), voltado para graduados de diferentes níveis (pós-doutorado, doutorado, mestrado, graduado).

O PIC estimula a articulação contínua entre o Centro de Pesquisa e o Centro de Memória e Informação da instituição e as universidades. Anualmente, são realizadas jornadas com o objetivo de apresentar os resultados dos trabalhos desenvolvidos pelos seus bolsistas, sob a supervisão de pesquisadores e tecnologistas da instituição. Essas jornadas visam também atender a um dos requisitos do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico

CADERNOS DE
INICIAÇÃO CIENTÍFICA
Trabalhos Premiados na 19ª Jornada

Sumário

Apresentação
As organizadoras

Estudo da coleção bibliográfica de Rui Barbosa
Esther Nascimento M. do C. Araujo

Uma perspectiva arquivística e arquitetônica: levantamento, organização e acesso aos documentos gráficos relacionados ao patrimônio arquitetônico e paisagístico da Fundação Casa de Rui Barbosa
Valéria Peixinho da Silva e Felipe das Neves Lacerda

Reflexões sobre a documentação do Museu Casa de Rui Barbosa: investigação das fichas catalográficas e difusão da informação
Milena Gomes Moreira Bezerra

Fazenda Colubandê: memória dos cristãos-novos no Rio de Janeiro
Anna Figueiredo Vanoli

Contradições na apresentação de africanos no Dicionário de Macedo Soares
Daiane de Souza Villela da Silva

e Tecnológico (CNPq) para a concessão de bolsas no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Cientifica (Pibic).

Em 2024, dando continuidade a essa prática bem-sucedida, foi organizada a 19ª Jornada PIC-FCRB, realizada em 28 setembro, na sala de cursos da FCRB. As apresentações foram acompanhadas por um Comitê Externo, formado por pesquisadoras reconhecidas, Maria Muaze (PPGH-Unirio) e Rosana Kohl Bines (PPGLCC-PUC).

O Comitê Externo tece comentários sobre as pesquisas apresentadas, argui os estudantes e seleciona os melhores trabalhos. Cabe ressaltar que o Comitê Externo foi formado pelos professores que participaram da avaliação inicial dos projetos que embasaram as pesquisas e acompanharam a evolução dos estudos, bem como o desempenho dos bolsistas.

Nessa jornada foram apresentados 18 trabalhos, que refletiram a variada gama de produção de conhecimento na instituição. A programação da jornada, bem como os resumos dos trabalhos, encontra-se disponível, em versão digital, no *site* da FCRB – Anais da 19ª Jornada de Iniciação Científica. Foram, então, selecionados cinco trabalhos, que temos a satisfação de apresentar nesta edição:

"Estudo da coleção bibliográfica de Rui Barbosa", de Esther Nascimento M. do C. Araújo (UFRJ-FCRB), orientada por Edmar M. Gonçalves (FCRB), que comenta as pesquisas que estão sendo realizadas sobre as intervenções na coleção bibliográfica de Rui Barbosa, seus impactos e os futuros tratamentos que possam recuperar a integridade, a estética e a identidade histórica da coleção.

CADERNOS DE
INICIAÇÃO CIENTÍFICA
Trabalhos Premiados na 19ª Jornada

Sumário

Apresentação
As organizadoras

Estudo da coleção bibliográfica de Rui Barbosa
Esther Nascimento M. do C. Araujo

Uma perspectiva arquivística e arquitetônica: levantamento, organização e acesso aos documentos gráficos relacionados ao patrimônio arquitetônico e paisagístico da Fundação Casa de Rui Barbosa
Valéria Peixinho da Silva e Felipe das Neves Lacerda

Reflexões sobre a documentação do Museu Casa de Rui Barbosa: investigação das fichas catalográficas e difusão da informação
Milena Gomes Moreira Bezerra

Fazenda Colubandê: memória dos cristãos-novos no Rio de Janeiro
Anna Figueiredo Vanoli

Contradições na apresentação de africanos no Dicionário de Macedo Soares
Daiane de Souza Villela da Silva

"Uma perspectiva arquivística e arquitetônica: levantamento, organização e acesso aos documentos gráficos relacionados ao patrimônio arquitetônico e paisagístico da Fundação Casa de Rui Barbosa", de Valéria Peixinho da Silva e Felipe das Neves Lacerda, orientados, respectivamente, pela doutora Bianca Therezinha Carvalho Panisset e pela mestre Márcia Furriel Ramos Gálvez, que apresenta os resultados do trabalho de identificação arquivística da documentação considerando suas características técnicas e sistematizando os resultados em instrumento descritivo disponibilizado para a sociedade nos canais oficiais da instituição.

"Reflexões sobre a documentação do Museu Casa de Rui Barbosa: investigação das fichas catalográficas e difusão da informação", de Milena Gomes Moreira Bezerra, orientada por Gabriela Farias, voltado aos estudos dos dados colhidos no catálogo do museu para o estabelecimento de uma linguagem padronizada que facilite a recuperação da informação a respeito do acervo, bem como viabilize o fluxo de informações entre o museu e outras instituições culturais.

"Fazenda Colubandê: memória dos cristãos-novos no Rio de Janeiro", de Anna Figueiredo Vanoli, orientada por Ana Pessoa, que apresenta um estudo sobre o destino da família Vale, proprietária da outrora próspera fazenda, grande produtora do açúcar do ciclo fluminense, sob o jugo do Santo Ofício, de modo a reconectar o imóvel histórico à memória dos cristãos-novos no Rio de Janeiro.

"Contradições na apresentação de africanos no Dicionário de Macedo Soares", de Daiane de Souza Villela da Silva, orientada por Laura do Carmo, que analisa o *Dicionário*

CADERNOS DE
INICIAÇÃO CIENTÍFICA
Trabalhos Premiados na 19ª Jornada

Sumário

Apresentação
As organizadoras

Estudo da coleção bibliográfica de Rui Barbosa
Esther Nascimento M. do C. Araujo

Uma perspectiva arquivística e arquitetônica: levantamento, organização e acesso aos documentos gráficos relacionados ao patrimônio arquitetônico e paisagístico da Fundação Casa de Rui Barbosa
Valéria Peixinho da Silva e Felipe das Neves Lacerda

Reflexões sobre a documentação do Museu Casa de Rui Barbosa: investigação das fichas catalográficas e difusão da informação
Milena Gomes Moreira Bezerra

Fazenda Colubandê: memória dos cristãos-novos no Rio de Janeiro
Anna Figueiredo Vanoli

Contradições na apresentação de africanos no Dicionário de Macedo Soares
Daiane de Souza Villela da Silva

brasileiro da língua portuguesa, de Antônio Joaquim de Macedo Soares, publicado em 1889, explorando o caráter pró-abolicionista do autor, que contrasta com o crítico dos costumes não europeus, representado por africanos e indígenas.

Comitê Institucional 2024
Ana Pessoa
Aparecida Rangel
Ana Ligia Medeiros

CADERNOS DE
INICIAÇÃO
CIENTÍFICA
Trabalhos Premiados na 19ª Jornada

Sumário

Apresentação
As organizadoras

Estudo da coleção bibliográfica de Rui Barbosa
Esther Nascimento M. do C. Araujo

Uma perspectiva arquivística e arquitetônica: levantamento, organização e acesso aos documentos gráficos relacionados ao patrimônio arquitetônico e paisagístico da Fundação Casa de Rui Barbosa
Valéria Peixinho da Silva e Felipe das Neves Lacerda

Reflexões sobre a documentação do Museu Casa de Rui Barbosa: investigação das fichas catalográficas e difusão da informação
Milena Gomes Moreira Bezerra

Fazenda Colubandê: memória dos cristãos-novos no Rio de Janeiro
Anna Figueiredo Vanoli

Contradições na apresentação de africanos no Dicionário de Macedo Soares
Daiane de Souza Villela da Silva

Estudo da coleção bibliográfica de Rui Barbosa

Esther Nascimento M. do C. Araujo[1]

Orientador: Edmar M. Gonçalves

Introdução

A Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB) abriga um acervo bibliográfico rico e diversificado. A biblioteca pessoal de Rui Barbosa, por exemplo, possui cerca de 37 mil volumes e foi, para o patrono, instrumento de trabalho e fonte de pesquisa profissional, assim como nos momentos de lazer a utilizava para leituras recreativas. Dela forma-se um conjunto no qual é possível o estudo acurado das duas faces de Rui Barbosa, uma relacionada a sua figura pública, sendo possível identificar suas influências, e outra que revela traços de sua personalidade, por vezes identificados nas leituras recreativas que fazia.

Dentre os diversos hábitos do patrono, destaca-se nesta pesquisa o costume de encadernar seus livros na Europa, de acordo com sua preferência estética, enviando em

[1] Graduanda de Conservação e Restauração pela Escola de Belas Artes (EBA) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Atuou como estagiária no Laboratório de Conservação-restauração do Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro (APERJ) e na restauração dos murais "Samba e Carnaval" de Di Cavalcanti; bolsista no Espaço Memorial Carlos Chagas Filho (museu universitário da UFRJ); monitora no Instituto de Conservação e Restauração Pachamama; e extensionista do projeto "Construindo Diálogos: comunidade e patrimônio cultural", orientado pela Prof. Dr. Ana Paula Corrêa de Carvalho. Atualmente, é bolsista do projeto "Estudo da Coleção Bibliográfica de Rui Barbosa", na Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB).

Sumário

Apresentação
As organizadoras

Estudo da coleção bibliográfica de Rui Barbosa
Esther Nascimento M. do C. Araujo

Uma perspectiva arquivística e arquitetônica: levantamento, organização e acesso aos documentos gráficos relacionados ao patrimônio arquitetônico e paisagístico da Fundação Casa de Rui Barbosa
Valéria Peixinho da Silva e Felipe das Neves Lacerda

Reflexões sobre a documentação do Museu Casa de Rui Barbosa: investigação das fichas catalográficas e difusão da informação
Milena Gomes Moreira Bezerra

Fazenda Colubandê: memória dos cristãos-novos no Rio de Janeiro
Anna Figueiredo Vanoli

Contradições na apresentação de africanos no Dicionário de Macedo Soares
Daiane de Souza Villela da Silva

papagaios[2] indicações de sua preferência. As encadernações refletem não só o gosto estético de Barbosa, mas também a preocupação com a preservação dos exemplares, como afirmado por Paccico ao estudar a revista *O Tempo*:

> Esse processo era feito em Paris, através da livraria Briguiet, conforme pode ser confirmado pelas despesas específicas para encadernação em seus livros de assentamento. Para Rui Barbosa, a encadernação era uma atividade importante para manter a qualidade da obra, desde que fossem observados certos cuidados, como manter as margens e a folha de rosto e que a encadernação fosse "com lombada de vitela amarela com os títulos sobressaindo num pequeno pedaço de couro encarnado" (Paccico, 2020, p. 19).

Assim, ao pensarmos na conservação e na restauração dessas estruturas, devemos atentar para o aspecto estético de sua coleção, que, como exposto, está intrinsecamente interligado às peculiaridades do patrono.

Elucidada a importância da preservação dessa coleção, partiremos para a compreensão do contexto em que os estudos para a implementação do Laboratório de Conservação e Restauração de Documentos Gráficos (Lacre) iniciaram-se.

Os estudos para a criação e implementação do Lacre tiveram início em 1975 por meio do Projeto de Instalação de Laboratório de Restauração de Obras (Gonçalves, 2020, p. 85). Nesse projeto foi realizado um diagnóstico com o objetivo de identificar os agentes

[2] São informações sobre o estilo da encadernação, tipo de couro e decoração da capa, além de dados que o proprietário do livro deseja que sejam douradas na capa, como autoria, título etc. (Gonçalves, 2008, p. 60).

Sumário

Apresentação
As organizadoras

Estudo da coleção bibliográfica de Rui Barbosa
Esther Nascimento M. do C. Araujo

Uma perspectiva arquivística e arquitetônica: levantamento, organização e acesso aos documentos gráficos relacionados ao patrimônio arquitetônico e paisagístico da Fundação Casa de Rui Barbosa
Valéria Peixinho da Silva e Felipe das Neves Lacerda

Reflexões sobre a documentação do Museu Casa de Rui Barbosa: investigação das fichas catalográficas e difusão da informação
Milena Gomes Moreira Bezerra

Fazenda Colubandê: memória dos cristãos-novos no Rio de Janeiro
Anna Figueiredo Vanoli

Contradições na apresentação de africanos no Dicionário de Macedo Soares
Daiane de Souza Villela da Silva

nocivos presentes na coleção e estabelecer os protocolos que iriam nortear o laboratório. É também nesse período que surge a primeira menção à implementação de uma encadernação de conservação (Gonçalves, 2020, p. 85).[3]

O Lacre foi finalmente implementado em 1979, com o objetivo de conservar e restaurar bens culturais de valor histórico e artístico em suporte de papel, os quais fossem pertencentes ou não ao acervo da FCRB (Gonçalves, 2020, p. 87). Nesse contexto, levando em consideração a escassez de mão de obra especializada, a demanda gerada por acervos extensos e o caráter pioneiro das pesquisas do campo da conservação-restauração, a FCRB implementou linhas de pesquisa voltadas principalmente para o

> […] estudo, o diagnóstico e as soluções para os diversos danos ao papel, estudo e comportamento das principais pragas, estudos da viabilidade de uso dos materiais de origem nacional, que pudessem substituir ou complementar os de origem estrangeira, plano de capacitação de mão de obra especializada no país e/ou no exterior (Gonçalves, 2020, p. 87).

De acordo com Gonçalves, o Lacre desempenhou diversas atividades, com destaque para a execução do diagnóstico do estado de conservação do acervo bibliográfico que pertenceu a Rui Barbosa. Durante esse diagnóstico, foram apontadas algumas

[3] Gonçalves (2020) afirma que Gilda Lefebvre de Oliveira Neves, chefe do Laboratório de Restauração da Biblioteca Nacional, realizou o diagnóstico e elaborou as recomendações de conservação-restauração, incluindo a recomendação de uma encadernação de conservação, propostas de preservação e de uma oficina de encadernação.

Sumário

Apresentação
As organizadoras

Estudo da coleção bibliográfica de Rui Barbosa
Esther Nascimento M. do C. Araujo

Uma perspectiva arquivística e arquitetônica: levantamento, organização e acesso aos documentos gráficos relacionados ao patrimônio arquitetônico e paisagístico da Fundação Casa de Rui Barbosa
Valéria Peixinho da Silva e Felipe das Neves Lacerda

Reflexões sobre a documentação do Museu Casa de Rui Barbosa: investigação das fichas catalográficas e difusão da informação
Milena Gomes Moreira Bezerra

Fazenda Colubandê: memória dos cristãos-novos no Rio de Janeiro
Anna Figueiredo Vanoli

Contradições na apresentação de africanos no Dicionário de Macedo Soares
Daiane de Souza Villela da Silva

encadernações em mau estado de conservação, bem como alterações nos estilos das encadernações originais. Sobre isso, Gonçalves afirma:

> No início das atividades do Lacre, a equipe executou diversos diagnósticos das condições de conservação dos acervos e principalmente do acervo da biblioteca do museu, que pertenceu a Rui Barbosa. Avaliaram as condições de todas as salas, das estantes e dos livros, onde já apontavam os problemas apresentados por algumas encadernações em mau estado de conservação e também de algumas alterações de seus estilos originais (Gonçalves, 2020, p. 94).

Mais à frente veremos que as alterações estilísticas das encadernações serão foco de estudo do laboratório, tendo em vista o seu notável testemunho como encadernação de época, bem como por personificar os gostos pessoais de Rui Barbosa.

A previsão para que a Oficina de Conservação e Restauração de Encadernações fosse inaugurada juntamente com o Lacre não pôde se concretizar. No entanto, em 1988 a oficina foi criada por meio dos recursos da Financiadora de Estudos e Projetos (Finep) (Gonçalves, 2020). Desde então, ambos têm como objetivo a preservação do acervo bibliográfico e documental da FCRB.

Em 1988, poucos meses antes da criação da Oficina de Encadernação, quando acontecia uma obra de restauração nas salas do museu intituladas “Casamento Civil” e “Código Civil”, houve um sinistro com água provocado por uma enchente e que afetou significativamente diversos volumes das referidas salas, que se

Sumário

Apresentação
As organizadoras

Estudo da coleção bibliográfica de Rui Barbosa
Esther Nascimento M. do C. Araujo

Uma perspectiva arquivística e arquitetônica: levantamento, organização e acesso aos documentos gráficos relacionados ao patrimônio arquitetônico e paisagístico da Fundação Casa de Rui Barbosa
Valéria Peixinho da Silva e Felipe das Neves Lacerda

Reflexões sobre a documentação do Museu Casa de Rui Barbosa: investigação das fichas catalográficas e difusão da informação
Milena Gomes Moreira Bezerra

Fazenda Colubandê: memória dos cristãos-novos no Rio de Janeiro
Anna Figueiredo Vanoli

Contradições na apresentação de africanos no Dicionário de Macedo Soares
Daiane de Souza Villela da Silva

encontravam, à época, armazenados no porão do museu por falta de local mais adequado (Gonçalves, 2020).

Diante do incidente e da necessidade urgente de tratamento de um grande volume de obras afetadas, além do rápido retorno do acervo ao espaço expositivo do museu e da falta de uma oficina de encadernação do Lacre, à época, algumas obras foram selecionadas para serem encadernadas por profissionais externos (Gonçalves, 2020). Infelizmente, as intervenções realizadas nas encadernações não levaram em consideração a historicidade e o valor estético do acervo.

Ressaltamos que o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) desaprova alterações que afetem a integridade, a estética e a identidade histórica da coleção em bens tombados. Assim, a ausência de harmonia visual nas lombadas dos volumes restaurados prejudica a fruição estética dos visitantes e, consequentemente, o circuito expositivo do museu.

Considerando os episódios relatados e principalmente o histórico de diagnósticos[4] realizados, este projeto, "Estudo da coleção bibliográfica de Rui Barbosa", tem como objetivo estudar não apenas as intervenções nas encadernações realizadas por profissionais externos após o sinistro de 1988, mas também todas que foram empregadas – incluindo

[4] A prática de realização de diagnósticos do estado de conservação do acervo na FCRB alimentou parcerias, projetos de pesquisas e publicações. Exemplo disso é a pesquisa coordenada por Milagros Vaillant Callol, de 2007 a 2013, para a capacitação em conservação preventiva e diagnósticos, principalmente no acervo bibliográfico localizado no museu. A partir desse estudo diversas publicações foram realizadas, dentre elas o livro *Biodeterioração do patrimônio histórico documental* (Gonçalves, 2020, p. 97).

Sumário

Apresentação
As organizadoras

Estudo da coleção bibliográfica de Rui Barbosa
Esther Nascimento M. do C. Araujo

Uma perspectiva arquivística e arquitetônica: levantamento, organização e acesso aos documentos gráficos relacionados ao patrimônio arquitetônico e paisagístico da Fundação Casa de Rui Barbosa
Valéria Peixinho da Silva e Felipe das Neves Lacerda

Reflexões sobre a documentação do Museu Casa de Rui Barbosa: investigação das fichas catalográficas e difusão da informação
Milena Gomes Moreira Bezerra

Fazenda Colubandê: memória dos cristãos-novos no Rio de Janeiro
Anna Figueiredo Vanoli

Contradições na apresentação de africanos no Dicionário de Macedo Soares
Daiane de Souza Villela da Silva

as encadernações de conservação – desde a criação do Museu Casa de Rui Barbosa, a fim de levantar o estado de conservação do acervo, seu histórico de intervenções e, ampliar a idoneidade dos conservadores-restauradores.

Sendo assim, os objetivos específicos deste projeto envolvem o diagnóstico e o estudo detalhado dos danos sofridos pelas encadernações dentro do escopo do projeto, como:

a) reunir, por meio de uma ficha de diagnóstico específica, os dados coletados;

b) contribuir para a história da coleção e para o estudo de intervenções realizadas em encadernações; e

c) ampliar a capacidade de tomada de decisão dos conservadores-restauradores.

Para além da continuação dos diagnósticos, haverá também um estudo voltado para a viabilização da organização e preparação de um banco de dados que irá abrigar as informações geradas a partir do levantamento das fichas de diagnóstico. Espera-se também que futuramente esse banco de dados seja parcialmente compartilhado com profissionais e instituições como incentivo à pesquisa.

Metodologia

Para alcançar os objetivos indicados, foi elaborada uma ficha de diagnóstico no aplicativo MobiDB, com foco no acervo bibliográfico. É de extrema importância que a ficha

Sumário

Apresentação
As organizadoras

Estudo da coleção bibliográfica de Rui Barbosa
Esther Nascimento M. do C. Araujo

Uma perspectiva arquivística e arquitetônica: levantamento, organização e acesso aos documentos gráficos relacionados ao patrimônio arquitetônico e paisagístico da Fundação Casa de Rui Barbosa
Valéria Peixinho da Silva e Felipe das Neves Lacerda

Reflexões sobre a documentação do Museu Casa de Rui Barbosa: investigação das fichas catalográficas e difusão da informação
Milena Gomes Moreira Bezerra

Fazenda Colubandê: memória dos cristãos-novos no Rio de Janeiro
Anna Figueiredo Vanoli

Contradições na apresentação de africanos no Dicionário de Macedo Soares
Daiane de Souza Villela da Silva

esteja de acordo com as necessidades da coleção e com os objetivos do projeto para que o levantamento seja abrangente e efetivo.

O exame de diagnóstico é uma documentação de alta relevância para a compreensão do histórico de deterioração e de intervenção. Além disso, é a primeira avaliação do conservador-restaurador sobre o estado de conservação, por meio do exame organoléptico (Xavier; Hannesch; Campos, 2023, p. 244).

Portanto, a ficha possui os tópicos essenciais para a análise de uma coleção de natureza bibliográfica, como campos dedicados à encadernação com itens voltados para formato, lombada, cortes, nervos, revestimentos etc. Também há um campo para as formas de deterioração que possivelmente serão encontradas nos volumes analisados, como abrasão, oxidação, *foxing*, descoloração, ressecamento, rasgos, ataques biológicos, manchas d'água e outros.

Além disso, há os campos com informações intrínsecas sobre o exemplar que está sendo investigado: título, autor, editor, número de páginas e ano, procedência, localização e número de identificação. Como a ficha será usada para identificar e mapear intervenções anteriores, há um campo questionando sobre a presença ou não dessas intervenções. No caso de haver, é possível registrar se estão em bom estado de conservação ou não. No fim da ficha devem ser anexadas imagens do exemplar investigado, bem como o nome do técnico que realizou a investigação.

O levantamento desses dados é realizado no Museu Casa de Rui Barbosa, dentro da área expositiva. Para tanto, se faz necessário: tecido para forrar o mobiliário no qual o

CADERNOS DE
INICIAÇÃO
CIENTÍFICA
Trabalhos Premiados na 19ª Jornada

Sumário

Apresentação
As organizadoras

Estudo da coleção bibliográfica de Rui Barbosa
Esther Nascimento M. do C. Araujo

Uma perspectiva arquivística e arquitetônica: levantamento, organização e acesso aos documentos gráficos relacionados ao patrimônio arquitetônico e paisagístico da Fundação Casa de Rui Barbosa
Valéria Peixinho da Silva e Felipe das Neves Lacerda

Reflexões sobre a documentação do Museu Casa de Rui Barbosa: investigação das fichas catalográficas e difusão da informação
Milena Gomes Moreira Bezerra

Fazenda Colubandê: memória dos cristãos-novos no Rio de Janeiro
Anna Figueiredo Vanoli

Contradições na apresentação de africanos no Dicionário de Macedo Soares
Daiane de Souza Villela da Silva

exemplar será depositado e assim protegê-lo de possíveis abrasões, bem como ao mobiliário usado como base, já que também faz parte do acervo; Ipad[5] para preencher as fichas digitais e fotografar o livro, a fim de registrar seu estado de conservação; tripé e um estúdio fotográfico portátil com fundo preto para que a foto tenha qualidade e seja possível observar as deteriorações presentes sem a interferência do fundo da imagem.

Dito isso, ao chegar à Sala do Código Civil, local no qual estava sendo realizada a investigação, os exemplares eram retirados das estantes sistematicamente, respeitando o número de identificação, e depositados sobre o mobiliário para que as bolsistas realizassem o exame organoléptico, que consiste em usar a visão, a audição, o tato e o olfato para analisar preliminarmente o estado de conservação do exemplar. Concomitantemente, as informações são adicionadas à ficha e, em seguida, o livro é levado ao estúdio fotográfico portátil para que sejam tiradas as fotos: uma foto da capa, uma da folha de rosto e, quando necessário, uma terceira foto de alguma característica relevante ou peculiar, como selos, dedicatórias, marcas de uso etc. Todo o procedimento é realizado com adequado manuseio para preservar a integridade física do acervo e não ocasionar novos danos ou agravar danos já presentes.

Após as análises, os volumes são devolvidos para as estantes, sempre respeitando a ordem que o número de identificação estabelece. Posteriormente os dados coletados são transferidos para um repositório digital temporário do Lacre.

[5] As bolsistas contam com dois Ipad com o *software* MobiDB Database, ambos para a realização do diagnóstico do estado de conservação, incluindo fotografar os exemplares. Os aparelhos são identificados como "Ipad1" e "Ipad2".

Sumário

Apresentação
As organizadoras

Estudo da coleção bibliográfica de Rui Barbosa
Esther Nascimento M. do C. Araujo

Uma perspectiva arquivística e arquitetônica: levantamento, organização e acesso aos documentos gráficos relacionados ao patrimônio arquitetônico e paisagístico da Fundação Casa de Rui Barbosa
Valéria Peixinho da Silva e Felipe das Neves Lacerda

Reflexões sobre a documentação do Museu Casa de Rui Barbosa: investigação das fichas catalográficas e difusão da informação
Milena Gomes Moreira Bezerra

Fazenda Colubandê: memória dos cristãos-novos no Rio de Janeiro
Anna Figueiredo Vanoli

Contradições na apresentação de africanos no Dicionário de Macedo Soares
Daiane de Souza Villela da Silva

Salientamos que os números de identificação dos livros, presentes na lombada e na folha de rosto, são de extrema importância para a adequada identificação dos exemplares, bem como para a manutenção da organização dos livros nas estantes. Isso se dá pois, de acordo com Paccico (2020, p. 42), na década de 1930 houve a sistematização da biblioteca, possibilitando o posterior douramento das lombadas com o código alfanumérico que indica a localização dos livros, mantendo assim a organização estabelecida por Rui Barbosa.

Discussões

Espera-se que, com as informações que estão sendo coletadas com a realização do diagnóstico de conservação, seja criado o banco de dados citado anteriormente. Tal banco de dados servirá como fonte de informação para fundamentar as futuras propostas de intervenção na coleção, registrar o atual estado de conservação da coleção e auxiliar no estudo e na história da encadernação de livros do século XIX no Brasil.

No entanto, durante a elaboração do projeto e a espera pela efetiva implementação do banco de dados, foi criado um repositório digital temporário para abrigar o fluxo de informações que está sendo gerado. Esse repositório digital está alocado na própria rede da FCRB e abriga as fichas de diagnóstico e as imagens geradas pelo Ipad, isto é, documentos gerados e criados no formato digital.

De acordo com Sayão (2007, p. 183), os formatos digitais são "justificados pela enorme economia de espaço físico de armazenamento e, sobretudo, pelos extraordinários ganhos

Sumário

Apresentação
As organizadoras

Estudo da coleção bibliográfica de Rui Barbosa
Esther Nascimento M. do C. Araujo

Uma perspectiva arquivística e arquitetônica: levantamento, organização e acesso aos documentos gráficos relacionados ao patrimônio arquitetônico e paisagístico da Fundação Casa de Rui Barbosa
Valéria Peixinho da Silva e Felipe das Neves Lacerda

Reflexões sobre a documentação do Museu Casa de Rui Barbosa: investigação das fichas catalográficas e difusão da informação
Milena Gomes Moreira Bezerra

Fazenda Colubandê: memória dos cristãos-novos no Rio de Janeiro
Anna Figueiredo Vanoli

Contradições na apresentação de africanos no Dicionário de Macedo Soares
Daiane de Souza Villela da Silva

de produtividade e eficiência proporcionados pela otimização dos fluxos de trabalho e a facilidade de manipulação".

Sobre esses objetos digitais, Formenton e Gracioso afirmam que,

> Estes objetos digitais, nascidos digitais ou digitalizados, são suscetíveis às constantes alterações e a efemeridade dos meios onde são criados, transportados ou armazenados bem como a alta dependência de tecnologias de hardware, de software e de suporte para a sua reprodução que se tornam obsoletas com rapidez ou são danificadas fisicamente (Formenton; Gracioso, 2020, p. 4).

Sayão (2007) acrescenta indicando os métodos para mitigar a obsolescência que atinge os formatos digitais, afirmando que

> são muitas as metodologias de preservação digital: algumas apresentam soluções parciais; outras são simplesmente ausência de solução que partem principalmente dos que confiam demasiadamente que as tecnologias do futuro e as técnicas da arqueologia digital – trabalho sofisticado de recuperação de objetos digitais danificados ou inacessíveis pela obsolescência tecnológica – serão capazes de recuperar o que pode já estar para sempre perdido. Dentre as soluções potencialmente completas, algumas são de uso corrente, mesmo que em pequena escala (Sayão, 2007, p. 193).

Sayão (2007) destaca ainda a possibilidade de ocorrer a "amnésia digital", isto é, a intensa produção de dados, o armazenamento em massa e o constante avanço tecnológico que viabilizam a perda e o esquecimento dos dados armazenados.

CADERNOS DE
INICIAÇÃO
CIENTÍFICA
Trabalhos Premiados na 19ª Jornada

Sumário

Apresentação
As organizadoras

Estudo da coleção bibliográfica de Rui Barbosa
Esther Nascimento M. do C. Araujo

Uma perspectiva arquivística e arquitetônica: levantamento, organização e acesso aos documentos gráficos relacionados ao patrimônio arquitetônico e paisagístico da Fundação Casa de Rui Barbosa
Valéria Peixinho da Silva e Felipe das Neves Lacerda

Reflexões sobre a documentação do Museu Casa de Rui Barbosa: investigação das fichas catalográficas e difusão da informação
Milena Gomes Moreira Bezerra

Fazenda Colubandê: memória dos cristãos-novos no Rio de Janeiro
Anna Figueiredo Vanoli

Contradições na apresentação de africanos no Dicionário de Macedo Soares
Daiane de Souza Villela da Silva

Dentro desse contexto, o repositório digital do projeto sofreu com as mazelas supracitadas, mas principalmente com a dissociação e a perda de dados devido à incompatibilidade de sistemas operacionais; e o armazenamento em massa sem a gestão adequada dos dados gerados, inviabilizando o acesso à informação.

Na prática, as fichas de diagnóstico e as imagens geradas no Ipad eram transferidas para o repositório digital com pouco planejamento e nenhuma gestão, a exemplo das imagens – dados que sofreram o maior impacto da dissociação – transferidas para o repositório digital, que permaneciam com a nomeação genérica gerada automaticamente pelo Ipad, como "IMG_1145".

Tais nomenclaturas impediam que o repositório digital fosse usado como uma plataforma de pesquisa e fonte de informação, visto que não era possível identificar a imagem a partir de um código desconhecido pelos funcionários e bolsistas da FCRB. Soma-se a isso o fato de as imagens serem corrompidas na transferência para o repositório digital, agravando a dissociação de informações (Plano […], 2010, p. 30), isto é, a incapacidade de recuperar ou associar as informações aos livros diagnosticados. O mesmo documento classifica a dissociação como um risco de processo contínuo, isto é, se não for corrigido e sanado será propagado até tornar os dados levantados com as fichas de diagnóstico inutilizáveis e a perda de informação inevitável.

Dentro desse contexto, concluiu-se que, para o andamento pleno do projeto, seria necessário realizar a gestão e a recuperação das imagens criadas durante o preenchimento das

Sumário

Apresentação
As organizadoras

Estudo da coleção bibliográfica de Rui Barbosa
Esther Nascimento M. do C. Araujo

Uma perspectiva arquivística e arquitetônica: levantamento, organização e acesso aos documentos gráficos relacionados ao patrimônio arquitetônico e paisagístico da Fundação Casa de Rui Barbosa
Valéria Peixinho da Silva e Felipe das Neves Lacerda

Reflexões sobre a documentação do Museu Casa de Rui Barbosa: investigação das fichas catalográficas e difusão da informação
Milena Gomes Moreira Bezerra

Fazenda Colubandê: memória dos cristãos-novos no Rio de Janeiro
Anna Figueiredo Vanoli

Contradições na apresentação de africanos no Dicionário de Macedo Soares
Daiane de Souza Villela da Silva

fichas de diagnóstico, com o objetivo de identificar, organizar e preservar as informações no repositório digital da FCRB. Buscando mitigar a dissociação e evitar cenários semelhantes futuramente, foram interrompidas as atividades de diagnóstico para centralizar o foco das bolsistas na preservação digital.

Desse modo, o plano de trabalho foi alterado para as seguintes etapas:

1) identificar as imagens presentes no repositório digital;

2) realizar, por meio de uma planilha, a correlação entre as imagens presentes e as imagens ausentes;

3) recuperar as imagens ausentes por meio do aparelho que originalmente as capturou, isto é, o Ipad.

Além do cenário de dissociação, há a possibilidade de ocorrer a obsolescência dos dados gerados durante o diagnóstico do estado de conservação. Isso pode vir a ocorrer pois o extenso volume de livros a serem diagnosticados demanda um determinado tempo e, ao considerar que esse tempo pode se alongar, é possível prever que a ausência de uma análise dos dados gerados, concomitantemente à realização do diagnóstico, torna obsoleto o diagnóstico do estado de conservação dos primeiros livros diagnosticados.

CADERNOS DE
INICIAÇÃO
CIENTÍFICA
Trabalhos Premiados na 19ª Jornada

Sumário

Apresentação
As organizadoras

Estudo da coleção bibliográfica de Rui Barbosa
Esther Nascimento M. do C. Araujo

Uma perspectiva arquivística e arquitetônica: levantamento, organização e acesso aos documentos gráficos relacionados ao patrimônio arquitetônico e paisagístico da Fundação Casa de Rui Barbosa
Valéria Peixinho da Silva e Felipe das Neves Lacerda

Reflexões sobre a documentação do Museu Casa de Rui Barbosa: investigação das fichas catalográficas e difusão da informação
Milena Gomes Moreira Bezerra

Fazenda Colubandê: memória dos cristãos-novos no Rio de Janeiro
Anna Figueiredo Vanoli

Contradições na apresentação de africanos no Dicionário de Macedo Soares
Daiane de Souza Villela da Silva

Resultados

Até o momento, foram diagnosticados 1.434 livros das Salas de Haia e Código Civil. Desses livros diagnosticados foram feitas inúmeras fotos do mesmo exemplar, as quais, por vezes, são imagens repetidas, genéricas e com baixa qualidade.

Para melhor compreensão, foi realizado um recorte em que os Ipad são analisados separadamente e apenas os formatos JPG são abordados. Vale ressaltar que neste trabalho serão abordados apenas os resultados do "Ipad1", pois foi o equipamento utilizado no recorte deste trabalho.

Assim, no "Ipad1" foram quantificados 2.157 arquivos no formato JPG. Desse total, 77,2%, ou 1.653 arquivos JPG, foram devidamente identificados com o número de identificação dourado na lombada. As imagens não identificadas correspondem a 22,8%, e podem ser enquadradas em uma das justificativas a seguir: imagem corrompida; o arquivo está vazio (não contém informações); imagem genérica que não pode ser corretamente atribuída a um exemplar; ou imagens dúbias que não podem ser identificadas com certeza.

Após esse levantamento e identificação, iniciou-se a segunda etapa, ou seja, o preenchimento de uma planilha para mapear as imagens que não estavam presentes no repositório digital, realizando a correlação entre as imagens presentes e as imagens ausentes. Concomitantemente, iniciou-se a terceira etapa, ou seja, a recuperação manual

Sumário

Apresentação
As organizadoras

Estudo da coleção bibliográfica de Rui Barbosa
Esther Nascimento M. do C. Araujo

Uma perspectiva arquivística e arquitetônica: levantamento, organização e acesso aos documentos gráficos relacionados ao patrimônio arquitetônico e paisagístico da Fundação Casa de Rui Barbosa
Valéria Peixinho da Silva e Felipe das Neves Lacerda

Reflexões sobre a documentação do Museu Casa de Rui Barbosa: investigação das fichas catalográficas e difusão da informação
Milena Gomes Moreira Bezerra

Fazenda Colubandê: memória dos cristãos-novos no Rio de Janeiro
Anna Figueiredo Vanoli

Contradições na apresentação de africanos no Dicionário de Macedo Soares
Daiane de Souza Villela da Silva

das imagens ausentes no repositório digital. A recuperação foi realizada por meio do aparelho que originalmente realizou a captura da imagem, isto é, o próprio Ipad.

No entanto, como o projeto está em andamento, não é possível estabelecer números exatos e definitivos para essa etapa, principalmente em relação ao quantitativo de imagens presentes e ausentes. Dito isso, há uma estimativa de 220 imagens ausentes no repositório digital que abriga as imagens do "Ipad1".

Considerações finais

Como supracitado, as imagens utilizadas para ilustrar o estado de conservação dos exemplares são de extrema importância para as atividades de conservação-restauração, pois proporcionam o registro dos danos presentes naquele exemplar dentro daquela data específica em que o diagnóstico foi realizado. Dialogam com as informações presentes na ficha de diagnóstico e corroboram a elaboração da proposta de conservação-restauração.

É imperativa a importância do projeto, tendo em vista que, além de ser um conjunto significativo e único, é também tombado pelo Iphan e consequentemente está condicionado ao fato de que a coleção não deve sofrer alterações que afetem a sua integridade, sua estética e sua identidade histórica. Por mais que o projeto "Estudo da coleção bibliográfica de Rui Barbosa" esteja em andamento, é possível observar que os objetivos estão sendo alcançados e que o projeto gera frutos positivos.

Sumário

Apresentação
As organizadoras

Estudo da coleção bibliográfica de Rui Barbosa
Esther Nascimento M. do C. Araujo

Uma perspectiva arquivística e arquitetônica: levantamento, organização e acesso aos documentos gráficos relacionados ao patrimônio arquitetônico e paisagístico da Fundação Casa de Rui Barbosa
Valéria Peixinho da Silva e Felipe das Neves Lacerda

Reflexões sobre a documentação do Museu Casa de Rui Barbosa: investigação das fichas catalográficas e difusão da informação
Milena Gomes Moreira Bezerra

Fazenda Colubandê: memória dos cristãos-novos no Rio de Janeiro
Anna Figueiredo Vanoli

Contradições na apresentação de africanos no Dicionário de Macedo Soares
Daiane de Souza Villela da Silva

Salientamos que o projeto não almeja apenas a realização do diagnóstico do estado de conservação da coleção, mas também a interação dos dados gerados com outras atividades de proteção, conservação e pesquisa. Assim, conclui-se que, mesmo o projeto estando em andamento, é possível perceber que as medidas de preservação digital implementadas no repositório digital são efetivas.

O Laboratório de Conservação e Restauração de Documentos Gráficos, como supracitado, possui uma tradição de realizar diagnósticos do estado de conservação desde os estudos para a sua implementação. Portanto, espera-se que, ao concluir as atividades de preservação digital, possa ser iniciada a análise dos dados levantados por meio das fichas de diagnóstico.

Referências

FORMENTON, Danilo; GRACIOSO, Luciana de Souza. Preservação digital: desafios, requisitos, estratégias e produção científica. *Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, Campinas, v. 18, p. 9-27, 2020.

FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. *Estudo e preservação do acervo bibliográfico da Coleção Rui Barbosa.* Rio de Janeiro: FCRB, 2021.

GONÇALVES, Edmar M. *Estudo das estruturas das encadernações de livros do século XIX na coleção Rui Barbosa*: uma contribuição para a conservação-restauração de livros raros no Brasil. 2008. Dissertação (Mestrado em Artes) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

Sumário

Apresentação
As organizadoras

Estudo da coleção bibliográfica de Rui Barbosa
Esther Nascimento M. do C. Araujo

Uma perspectiva arquivística e arquitetônica: levantamento, organização e acesso aos documentos gráficos relacionados ao patrimônio arquitetônico e paisagístico da Fundação Casa de Rui Barbosa
Valéria Peixinho da Silva e Felipe das Neves Lacerda

Reflexões sobre a documentação do Museu Casa de Rui Barbosa: investigação das fichas catalográficas e difusão da informação
Milena Gomes Moreira Bezerra

Fazenda Colubandê: memória dos cristãos-novos no Rio de Janeiro
Anna Figueiredo Vanoli

Contradições na apresentação de africanos no Dicionário de Macedo Soares
Daiane de Souza Villela da Silva

GONÇALVES, Edmar M. *Preservação de patrimônio bibliográfico em museus-casas*: o Museu Casa de Rui Barbosa. 2020. Tese (Doutorado em Estudos do Patrimônio) – Escola das Artes, Universidade Católica Portuguesa, Porto, 2020.

PACCICO, Vivian Faria. *Minha cara bibliotheca*: a trajetória da preservação na coleção bibliográfica Rui Barbosa. 2020. Dissertação (Mestrado em Preservação e Gestão do Patrimônio Cultural das Ciências e da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2020.

PLANO de gerenciamento de riscos: salvaguarda e emergência. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2010.

SAYÃO, Luiz F. Conservação de documentos eletrônicos. *In*: GRANATO, Marcos; SANTOS, Claudia P. dos; ROCHA, Cláudia R. A. da (org.). *Mast Colloquia:* conservação de acervos. Rio de Janeiro: Mast, 2007. v. 9, p. 181-204.

XAVIER, Guilherme; HANNESCH, Ozana; CAMPOS, Guadalupe. Estratégias para a confecção de ficha de diagnóstico em conservação: uma análise deontológica e avaliação de modelos utilizados em centros de referência estrangeiros. *PÓS*: Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes da EBA/UFMG, Belo Horizonte, v. 13, n. 29, 2023.

CADERNOS DE
INICIAÇÃO
CIENTÍFICA
Trabalhos Premiados na 19ª Jornada

Sumário

Apresentação
As organizadoras

Estudo da coleção bibliográfica de Rui Barbosa
Esther Nascimento M. do C. Araujo

Uma perspectiva arquivística e arquitetônica: levantamento, organização e acesso aos documentos gráficos relacionados ao patrimônio arquitetônico e paisagístico da Fundação Casa de Rui Barbosa
Valéria Peixinho da Silva e Felipe das Neves Lacerda

Reflexões sobre a documentação do Museu Casa de Rui Barbosa: investigação das fichas catalográficas e difusão da informação
Milena Gomes Moreira Bezerra

Fazenda Colubandê: memória dos cristãos-novos no Rio de Janeiro
Anna Figueiredo Vanoli

Contradições na apresentação de africanos no Dicionário de Macedo Soares
Daiane de Souza Villela da Silva

Uma perspectiva arquivística e arquitetônica: levantamento, organização e acesso aos documentos gráficos relacionados ao patrimônio arquitetônico e paisagístico da Fundação Casa de Rui Barbosa

Valéria Peixinho da Silva[6] e Felipe das Neves Lacerda[7]

Orientadoras: Bianca Therezinha Carvalho Panisset e Márcia Furriel Ramos Gálvez

Introdução

O objetivo deste trabalho consiste em apresentar e discutir os resultados do primeiro ano do projeto de pesquisa "Gestão de documentos da FCRB: levantamento, organização e acesso de documentos específicos das áreas de arquitetura sob a perspectiva do contexto arquivístico", do Programa de Iniciação Científica da Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB). Trata-se de documentos gráficos arquivados na instituição e produzidos para registrar intervenções propostas e/ou executadas sobre o patrimônio arquitetônico e paisagístico da FCRB. Como objetivo geral, a pesquisa realizou

[6] Graduanda em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Técnica em Design de Interiores pela ETEC Carlos de Campos – SP. Integrante do grupo de pesquisa RestaurArq – Preservação e restauração do patrimônio edificado, até agosto de 2023. Integrante do grupo de extensão "Os Passos e os 'Paços': Rio de Janeiro, Roma, Lisboa e Paris". Integrante do grupo de extensão "Inventário do Patrimônio Cultural da Cidade do Rio de Janeiro". Estagiou na Agência de Arquitetura Azevedo, atuando no projeto de restauro da Estação Barão de Mauá (também conhecida como Estação Leopoldina).

[7] Graduando em Arquivologia pela Universidade Federal Fluminense, estagiário no Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro na Coordenadoria de Gestão de Documentos, bolsista de iniciação científica na Fundação Casa de Rui Barbosa. Atua na área de Ciência da Informação, com ênfase em Arquivologia.

Sumário

Apresentação
As organizadoras

Estudo da coleção bibliográfica de Rui Barbosa
Esther Nascimento M. do C. Araujo

Uma perspectiva arquivística e arquitetônica: levantamento, organização e acesso aos documentos gráficos relacionados ao patrimônio arquitetônico e paisagístico da Fundação Casa de Rui Barbosa
Valéria Peixinho da Silva e Felipe das Neves Lacerda

Reflexões sobre a documentação do Museu Casa de Rui Barbosa: investigação das fichas catalográficas e difusão da informação
Milena Gomes Moreira Bezerra

Fazenda Colubandê: memória dos cristãos-novos no Rio de Janeiro
Anna Figueiredo Vanoli

Contradições na apresentação de africanos no Dicionário de Macedo Soares
Daiane de Souza Villela da Silva

a identificação arquivística dessa documentação, considerando suas características técnicas, e sistematizou os resultados em instrumento descritivo disponibilizado para a sociedade nos canais oficiais da instituição.

Segundo Rodrigues e Viana,

> A identificação é um método de pesquisa sobre o documento de arquivo em seu contexto orgânico-funcional que produz conhecimento arquivístico para normalizar o seu reconhecimento, denominação e agrupamento em séries documentais para fins de implantação de programas de gestão de documentos e de tratamento de documentos acumulados em arquivos (Rodrigues; Viana, 2023).

Nesse sentido, o processo de identificação é um passo metodológico fundamental, tendo em vista a manutenção da organicidade do fundo arquivístico e sua sistematização em um instrumento de pesquisa.

A pesquisa evidenciou a necessidade de ter na instituição um projeto focado em solucionar demandas conjuntas e específicas entre o Serviço de Arquivo Histórico e Institucional (Sahi) e o Núcleo de Preservação Arquitetônica (NPARQ), na medida em que a quantidade de documentos aguardando processamento técnico impactava o fluxo de recuperação da informação demandada pelo NPARQ.

Esse tipo de documentação apresenta uma especificidade para além do suporte material (documentos de grande dimensão). São, em sua maioria, projetos de arquitetura e engenharia, geralmente contendo pranchas desenhadas e material escrito (documentos

Sumário

Apresentação
As organizadoras

Estudo da coleção bibliográfica de Rui Barbosa
Esther Nascimento M. do C. Araujo

Uma perspectiva arquivística e arquitetônica: levantamento, organização e acesso aos documentos gráficos relacionados ao patrimônio arquitetônico e paisagístico da Fundação Casa de Rui Barbosa
Valéria Peixinho da Silva e Felipe das Neves Lacerda

Reflexões sobre a documentação do Museu Casa de Rui Barbosa: investigação das fichas catalográficas e difusão da informação
Milena Gomes Moreira Bezerra

Fazenda Colubandê: memória dos cristãos-novos no Rio de Janeiro
Anna Figueiredo Vanoli

Contradições na apresentação de africanos no Dicionário de Macedo Soares
Daiane de Souza Villela da Silva

gráficos e textuais). Os documentos trabalhados na pesquisa foram recolhidos para o Sahi, enviados em grande parte pelo NPARQ, mas também oriundos de processos de contratação de empresas que realizaram, sob supervisão interna, intervenções no patrimônio arquitetônico e paisagístico da FCRB.

A partir do processamento técnico desse conjunto documental, foi produzido um inventário analítico que descreve documento por documento. Além disso, foram realizadas atualizações descritivas nos outros inventários existentes e disponibilizados para acesso dos usuários pelo Sahi, como os inventários de arquivo intermediário, da mapoteca, de arquivo permanente e de documentos avulsos. Produziu-se ainda um diretório de arquivos digitais que espelhou o inventário analítico e reuniu os representantes digitais e os documentos nato digitais desse acervo.

O trabalho sistêmico com os documentos gráficos possibilitou obter uma nova dimensão desse acervo arquivístico, gerando resultados qualitativos e quantitativos que representam as intervenções no patrimônio paisagístico e arquitetônico da FCRB.

A organização proposta, além de inserir o conjunto documental no sistema de arquivos da fundação, permitiu uma compreensão do contexto arquivístico dos documentos objeto da nossa análise e de seus contextos de proveniência, administrativo e de uso, que, juntos, possibilitam uma compreensão maior da instituição produtora e das atividades que geraram os documentos, ao passo que operacionalizam o acesso. A articulação entre as áreas de arquivologia e arquitetura enriqueceu as descrições dos documentos, ampliando

Sumário

Apresentação
As organizadoras

Estudo da coleção bibliográfica de Rui Barbosa
Esther Nascimento M. do C. Araujo

Uma perspectiva arquivística e arquitetônica: levantamento, organização e acesso aos documentos gráficos relacionados ao patrimônio arquitetônico e paisagístico da Fundação Casa de Rui Barbosa
Valéria Peixinho da Silva e Felipe das Neves Lacerda

Reflexões sobre a documentação do Museu Casa de Rui Barbosa: investigação das fichas catalográficas e difusão da informação
Milena Gomes Moreira Bezerra

Fazenda Colubandê: memória dos cristãos-novos no Rio de Janeiro
Anna Figueiredo Vanoli

Contradições na apresentação de africanos no Dicionário de Macedo Soares
Daiane de Souza Villela da Silva

a capacidade de recuperação de informação e facilitando o acesso, para qualquer que seja o objetivo da consulta.

Métodos e procedimentos de organização e acesso

Contextualizando a natureza da abordagem do estudo realizado e levando em consideração o acervo tratado, foi executada uma pesquisa descritiva, que possibilita a representação do item documental em maior detalhamento, permitindo que as minuciosidades do fundo em questão sejam retratadas como objeto final de inventário analítico. Grácio e Garrutti (2005) afirmam que é imprescindível aproximar os resultados qualitativos dos quantitativos, pois a junção de ambos os dados possibilita uma concepção mais estruturada no âmbito da pesquisa desenvolvida.

Com o manuseio dos documentos, surgiram diversos desafios ao longo do desenvolvimento da pesquisa. Um dos maiores obstáculos foi lidar com o estado físico do suporte em papel, o que, em alguns casos, necessitou de intervenção conservativa. Para enfrentar essas questões, foi feita uma seleção criteriosa dos documentos a receberem tratamento.

A análise e o processamento técnico da documentação evidenciaram a presença de cópias, muitas vezes da mesma planta, as quais, diante do cenário, não demonstraram uma grande relevância para o acervo, uma vez que o arquivo original apresentava boas condições e já estava acompanhado de cópia legível e conservada.

CADERNOS DE
INICIAÇÃO
CIENTÍFICA
Trabalhos Premiados na 19ª Jornada

Sumário

Apresentação
As organizadoras

Estudo da coleção bibliográfica de Rui Barbosa
Esther Nascimento M. do C. Araujo

Uma perspectiva arquivística e arquitetônica: levantamento, organização e acesso aos documentos gráficos relacionados ao patrimônio arquitetônico e paisagístico da Fundação Casa de Rui Barbosa
Valéria Peixinho da Silva e Felipe das Neves Lacerda

Reflexões sobre a documentação do Museu Casa de Rui Barbosa: investigação das fichas catalográficas e difusão da informação
Milena Gomes Moreira Bezerra

Fazenda Colubandê: memória dos cristãos-novos no Rio de Janeiro
Anna Figueiredo Vanoli

Contradições na apresentação de africanos no Dicionário de Macedo Soares
Daiane de Souza Villela da Silva

Perspectiva arquivística: organização e difusão do acervo

O *Dicionário brasileiro de terminologia arquivística* (2005) versa que um instrumento de pesquisa descreve sumária ou analiticamente as unidades de arquivamento de um fundo ou parte dele, cuja apresentação obedece a uma ordenação lógica que poderá refletir ou não a disposição física dos documentos. No âmbito deste projeto, optou-se por uma abordagem que possibilitasse a produção de um inventário analítico.

Bellotto (2004) afirma que é de responsabilidade do arquivista levar em consideração a natureza essencial do documento de arquivo para a tomada de decisão em relação à escolha do instrumento de pesquisa. Os documentos gráficos relacionados à preservação e documentação do patrimônio arquitetônico e paisagístico da FCRB têm dois atributos levantados por Bellotto (2004) que justificam a criação de um inventário analítico, quais sejam: documentos de especialíssimo interesse e denso conteúdo. Portanto, a escolha por representar todos os itens documentais dos conjuntos justifica-se pelo especial interesse institucional em sua rica história arquitetônica.

Desse modo, as categorias de informação do inventário analítico foram escolhidas de modo a atender às perspectivas das áreas de arquitetura e de arquivologia. São elas: "unidade de arquivamento", em que se identificou o número do envelope no qual os documentos gráficos foram acondicionados e reunidos; "data limite", que consiste do intervalo de tempo referente ao conjunto acondicionado no envelope em questão; "código de classificação", referente ao código arquivístico institucional que representa

Sumário

Apresentação
As organizadoras

Estudo da coleção bibliográfica de Rui Barbosa
Esther Nascimento M. do C. Araujo

Uma perspectiva arquivística e arquitetônica: levantamento, organização e acesso aos documentos gráficos relacionados ao patrimônio arquitetônico e paisagístico da Fundação Casa de Rui Barbosa
Valéria Peixinho da Silva e Felipe das Neves Lacerda

Reflexões sobre a documentação do Museu Casa de Rui Barbosa: investigação das fichas catalográficas e difusão da informação
Milena Gomes Moreira Bezerra

Fazenda Colubandê: memória dos cristãos-novos no Rio de Janeiro
Anna Figueiredo Vanoli

Contradições na apresentação de africanos no Dicionário de Macedo Soares
Daiane de Souza Villela da Silva

a atividade produtora do documento; "nome do projeto", identificador do projeto que gerou a documentação; "autoria", que consiste no nome do profissional responsável pelo documento gráfico; "palavras-chave", que representa termos descritivos do documento gráfico; "descrição", consistindo na informação técnica referente ao documento; "número da prancha", número sequencial original do conjunto documental; "suporte/técnica", que é o material do suporte empregado no desenvolvimento do desenho; "ver também", que faz referência aos documentos relacionados; e "notação do documento digital", que relaciona a notação atribuída ao documento digital, conforme Figura 1.

Figura 1 – Campos para descrição e envelope 63.

UNIDADE DE ARQUIVAMENTO	DATA-LIMITE	CÓDIGO DE CLASSIFICAÇÃO/ ASSUNTO	NOME DO PROJETO	AUTORIA	PALAVRAS- CHAVES	DESCRIÇÃO	Nº PRANCHA	SUPORTE/TÉCNICA	VER TAMBÉM	NOTAÇÃO DO DOCUMENTO DIGITAL
ENVELOPE 63	1959-1964	FCRB 1.9.3.4 / TERRENO 130	Estudo preliminar - Centro de Pesquisas e Biblioteca	M.E.C	TERRENO 130 PLANTA DE SITUAÇÃO	Planta de situação	1 / 4	Desenho feito à mão - nanquim	VER TB DA 01- 27 (17); 28 (04); 29 (04); 33 (05); 34 (01); DA 02- 44 (12); 47 (01); PROC. 24	133
		FCRB 1.9.3.4 / TERRENO 130	Estudo preliminar - Centro de Pesquisas e Biblioteca	M.E.C	TERRENO 130 PLANTA DE SITUAÇÃO	Estudos preliminares - centro de pesquisas - planta de situação	2 / 4	Desenho feito à mão - nanquim	VER TB DA 01- 27 (17); 28 (04); 29 (04); 33 (05); 34 (01); DA 02- 44 (12); 47 (01); PROC. 24	136
		FCRB 1.9.3.4 / TERRENO 130	Estudo preliminar - Centro de Pesquisas e Biblioteca	M.E.C	TERRENO 130 PLANTA DE SITUAÇÃO	Estudos preliminares - centro de pesquisas - plantas	3 / 4	Desenho feito à mão - nanquim	VER TB DA 01- 27 (17); 28 (04); 29 (04); 33 (05); 34 (01); DA 02- 44 (12); 47 (01); PROC. 24	137
		FCRB 1.9.3.4 / TERRENO 130	Estudo preliminar - Centro de Pesquisas e Biblioteca	M.E.C	TERRENO 130 PLANTA DE SITUAÇÃO	Estudos preliminares - centro de pesquisas - fachada	4 / 4	Desenho feito à mão - nanquim	VER TB DA 01- 27 (17); 28 (04); 29 (04); 33 (05); 34 (01); DA 02- 44 (12); 47 (01); PROC. 24	138

Fonte: Elaborada pelos autores.

A organização dos conjuntos documentais ocorreu de maneira a buscar integralmente o vínculo orgânico dos projetos, organizando-os segundo sua produção e agrupando-os na mesma unidade de arquivamento. Ainda é observada a possibilidade de ramificações nos documentos gráficos, explicadas pela quantidade de versões e revisões produzidas, assim como aquelas alteradas no momento da confecção da intervenção.

Conforme avançava a produção do inventário, tornou-se perceptível a necessidade de criação de um diretório arquivístico digital que armazenasse os representantes digitais

Sumário

Apresentação
As organizadoras

Estudo da coleção bibliográfica de Rui Barbosa
Esther Nascimento M. do C. Araujo

Uma perspectiva arquivística e arquitetônica: levantamento, organização e acesso aos documentos gráficos relacionados ao patrimônio arquitetônico e paisagístico da Fundação Casa de Rui Barbosa
Valéria Peixinho da Silva e Felipe das Neves Lacerda

Reflexões sobre a documentação do Museu Casa de Rui Barbosa: investigação das fichas catalográficas e difusão da informação
Milena Gomes Moreira Bezerra

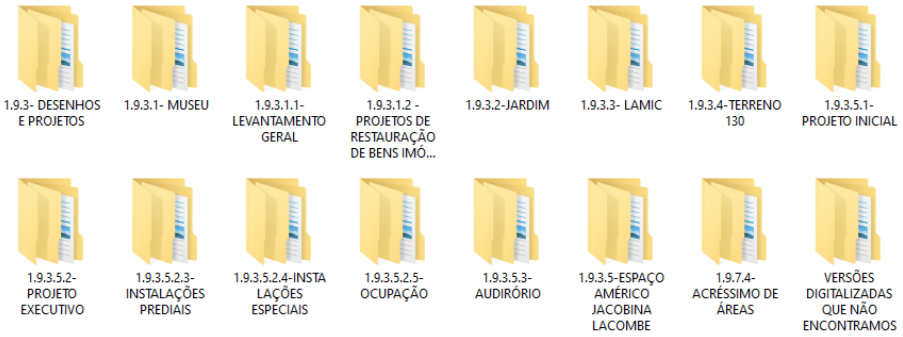
Fazenda Colubandê: memória dos cristãos-novos no Rio de Janeiro
Anna Figueiredo Vanoli

Contradições na apresentação de africanos no Dicionário de Macedo Soares
Daiane de Souza Villela da Silva

dos documentos físicos, seguindo sua ordenação. Tendo em vista a complexidade de manuseio de documentos físicos e de recuperação de documentos digitais, a criação desse diretório buscou uma maneira de facilitar a recuperação das unidades de arquivamento e seus itens. Portanto, com o seu pleno funcionamento, permite-se aos usuários internos e externos recuperar o conteúdo de uma prancha sem que haja a necessidade de que acessem a unidade de arquivamento original em papel.

Com relação à organização conceitual do diretório, optamos por utilizar o código de classificação como maior unidade de recuperação, para a criação de pastas que agrupam as unidades de arquivamento de mesma classificação. Quanto à ordenação dos envelopes nas pastas dos seus códigos, segue-se a numeração do envelope físico, enquanto a ordenação dos itens documentais em suas unidades de arquivamento foi feita seguindo a numeração sequencial dos envelopes físicos, conforme representado na Figura 2.

Figura 2 – Diretório de arquivos digitais.



Fonte: Elaborada pelos autores.

Sumário

Apresentação
As organizadoras

Estudo da coleção bibliográfica de Rui Barbosa
Esther Nascimento M. do C. Araujo

Uma perspectiva arquivística e arquitetônica: levantamento, organização e acesso aos documentos gráficos relacionados ao patrimônio arquitetônico e paisagístico da Fundação Casa de Rui Barbosa
Valéria Peixinho da Silva e Felipe das Neves Lacerda

Reflexões sobre a documentação do Museu Casa de Rui Barbosa: investigação das fichas catalográficas e difusão da informação
Milena Gomes Moreira Bezerra

Fazenda Colubandê: memória dos cristãos-novos no Rio de Janeiro
Anna Figueiredo Vanoli

Contradições na apresentação de africanos no Dicionário de Macedo Soares
Daiane de Souza Villela da Silva

Outrossim, alcançamos a construção de um instrumento de pesquisa robusto, capaz de recuperar individualmente as pranchas da fundação, descritas de modo a facilitar a recuperação por profissionais das mais diversas áreas. Logo, esse inventário foi pensado e executado em conjunto com profissionais da área de arquitetura para obter os melhores resultados no nível de recuperação da informação. O instrumento seguirá em atualizações constantes, dado que a fundação é ativa no tocante a intervenções patrimoniais, não sendo possível a vinculação de um resultado. Entretanto, o levantamento parcial do instrumento aponta substanciais resultados, com a descrição de 80 envelopes.

Perspectiva arquitetônica: contexto e conjunto documental

A produção documental da FCRB referente às intervenções no patrimônio arquitetônico e paisagístico é vasta e inclui registros detalhados sobre o museu, o jardim, o Espaço Américo Jacobina Lacombe, a Edícula Jardim (Lamic/PPGMA), o estacionamento e novos projetos. Tais documentos proporcionam uma visão clara das intervenções realizadas ao longo dos anos, desde a criação do Museu Casa de Rui Barbosa. A conservação da memória da instituição é essencial para garantir que seu patrimônio seja mantido em boas condições.

Esse acervo permitirá traçar uma linha cronológica das intervenções sobre o patrimônio da FCRB, evidenciando sua evolução ao longo do tempo, refletida nas mudanças nas técnicas arquitetônicas e nas práticas de preservação. Entre os documentos, encontram-se pranchas de diferentes tipos, incluindo arquitetônicas, estruturais, de fundação,

CADERNOS DE
INICIAÇÃO CIENTÍFICA
Trabalhos Premiados na 19ª Jornada

Sumário

Apresentação
As organizadoras

Estudo da coleção bibliográfica de Rui Barbosa
Esther Nascimento M. do C. Araujo

Uma perspectiva arquivística e arquitetônica: levantamento, organização e acesso aos documentos gráficos relacionados ao patrimônio arquitetônico e paisagístico da Fundação Casa de Rui Barbosa
Valéria Peixinho da Silva e Felipe das Neves Lacerda

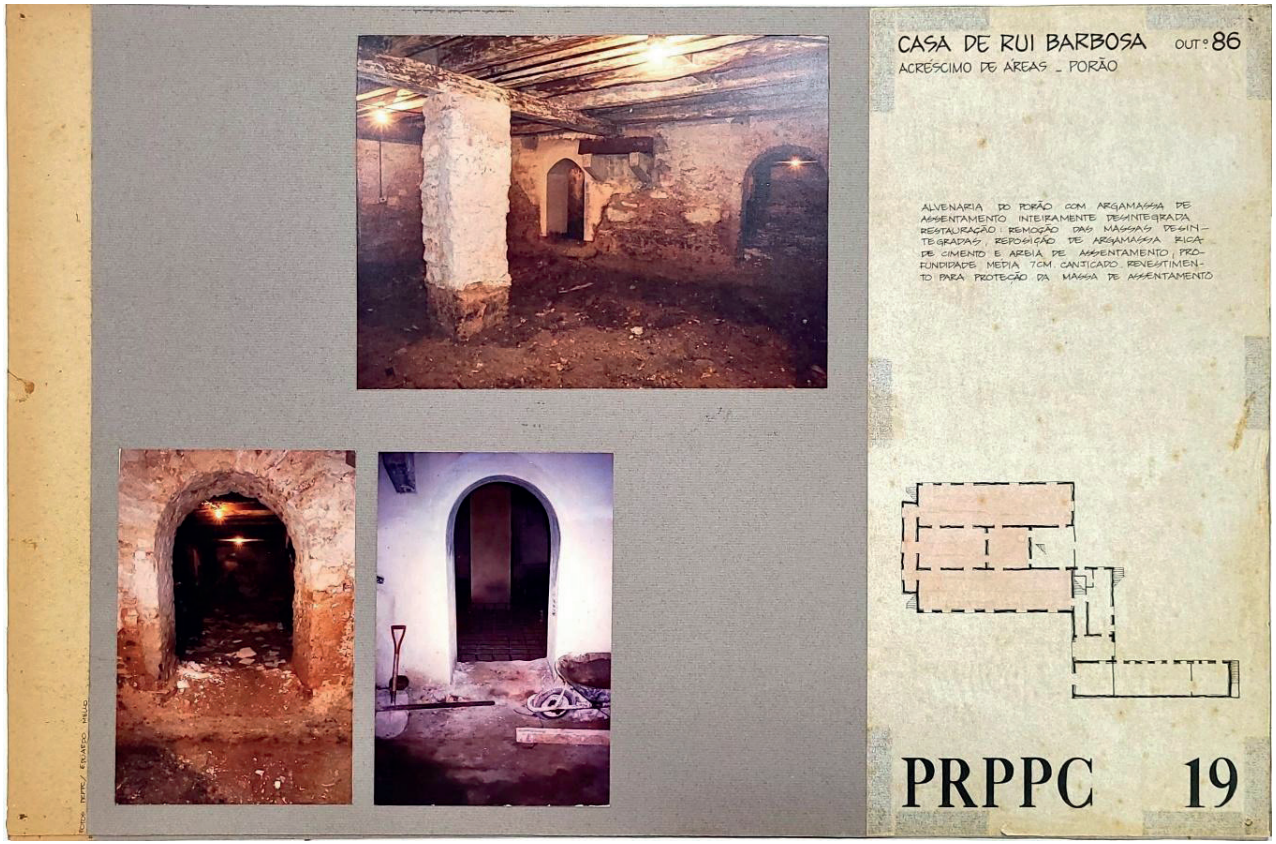
Reflexões sobre a documentação do Museu Casa de Rui Barbosa: investigação das fichas catalográficas e difusão da informação
Milena Gomes Moreira Bezerra

Fazenda Colubandê: memória dos cristãos-novos no Rio de Janeiro
Anna Figueiredo Vanoli

Contradições na apresentação de africanos no Dicionário de Macedo Soares
Daiane de Souza Villela da Silva

instalações elétricas e hidrossanitárias, além de layouts dos móveis internos do edifício administrativo. Há também registros detalhados das espécies de plantas do jardim, do mobiliário externo e dos elementos de comunicação visual do museu, ao longo de anos, conforme evidenciado na figura abaixo.

Figura 3 – Prancha Museu 19.



Fonte: Arquivo Institucional da FCRB.

Sumário

Apresentação
As organizadoras

Estudo da coleção bibliográfica de Rui Barbosa
Esther Nascimento M. do C. Araujo

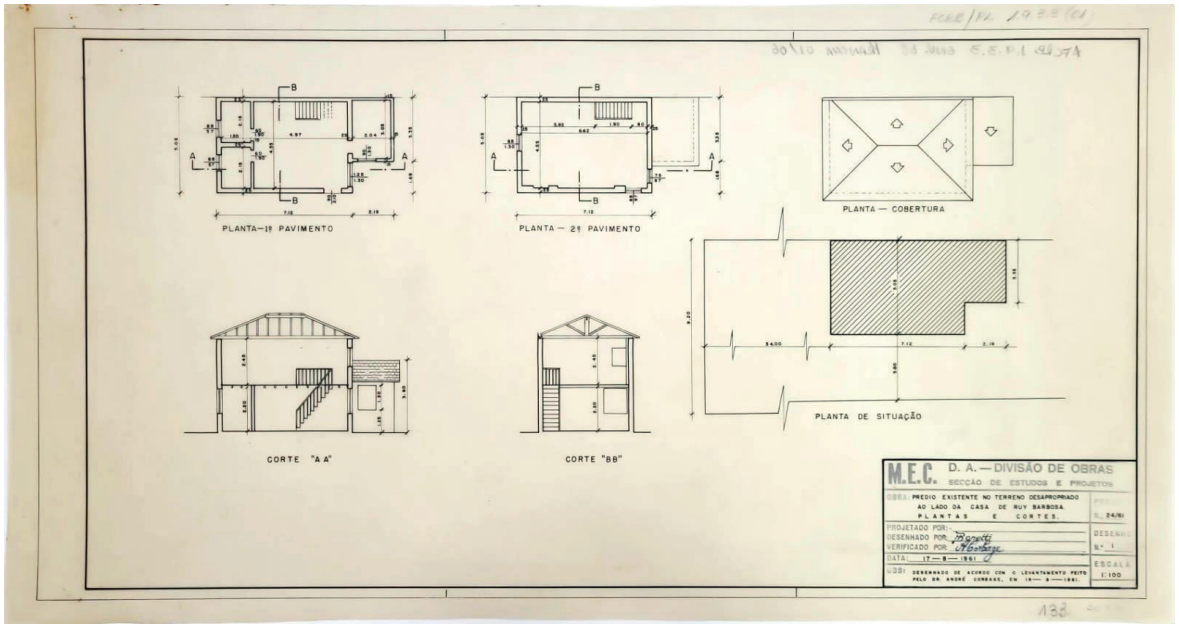
Uma perspectiva arquivística e arquitetônica: levantamento, organização e acesso aos documentos gráficos relacionados ao patrimônio arquitetônico e paisagístico da Fundação Casa de Rui Barbosa
Valéria Peixinho da Silva e Felipe das Neves Lacerda

Reflexões sobre a documentação do Museu Casa de Rui Barbosa: investigação das fichas catalográficas e difusão da informação
Milena Gomes Moreira Bezerra

Fazenda Colubandê: memória dos cristãos-novos no Rio de Janeiro
Anna Figueiredo Vanoli

Contradições na apresentação de africanos no Dicionário de Macedo Soares
Daiane de Souza Villela da Silva

Figura 4 – "Casa do Zelador" de 1961, que se transformou no que hoje é o LAMIC e sede do PPGMA da FCRB.



Fonte: Arquivo Institucional da FCRB.

Durante o processo de mapeamento e levantamento dos documentos gráficos, foi observado um aumento significativo na quantidade de registros digitais a partir do início do século XXI, impulsionado pela adoção de softwares como AutoCAD e outros programas de desenho técnico. Esse crescimento evidencia uma transformação no modo de produção e armazenamento dos documentos, facilitando a gestão de projetos cada vez mais complexos. Observa-se também que o nível de detalhamento dos projetos aumentou ao longo dos anos, refletido no crescente número de pranchas digitais e físicas recebidas pela fundação.

CADERNOS DE
INICIAÇÃO
CIENTÍFICA
Trabalhos Premiados na 19ª Jornada

Sumário

Apresentação
As organizadoras

Estudo da coleção bibliográfica de Rui Barbosa
Esther Nascimento M. do C. Araujo

Uma perspectiva arquivística e arquitetônica: levantamento, organização e acesso aos documentos gráficos relacionados ao patrimônio arquitetônico e paisagístico da Fundação Casa de Rui Barbosa
Valéria Peixinho da Silva e Felipe das Neves Lacerda

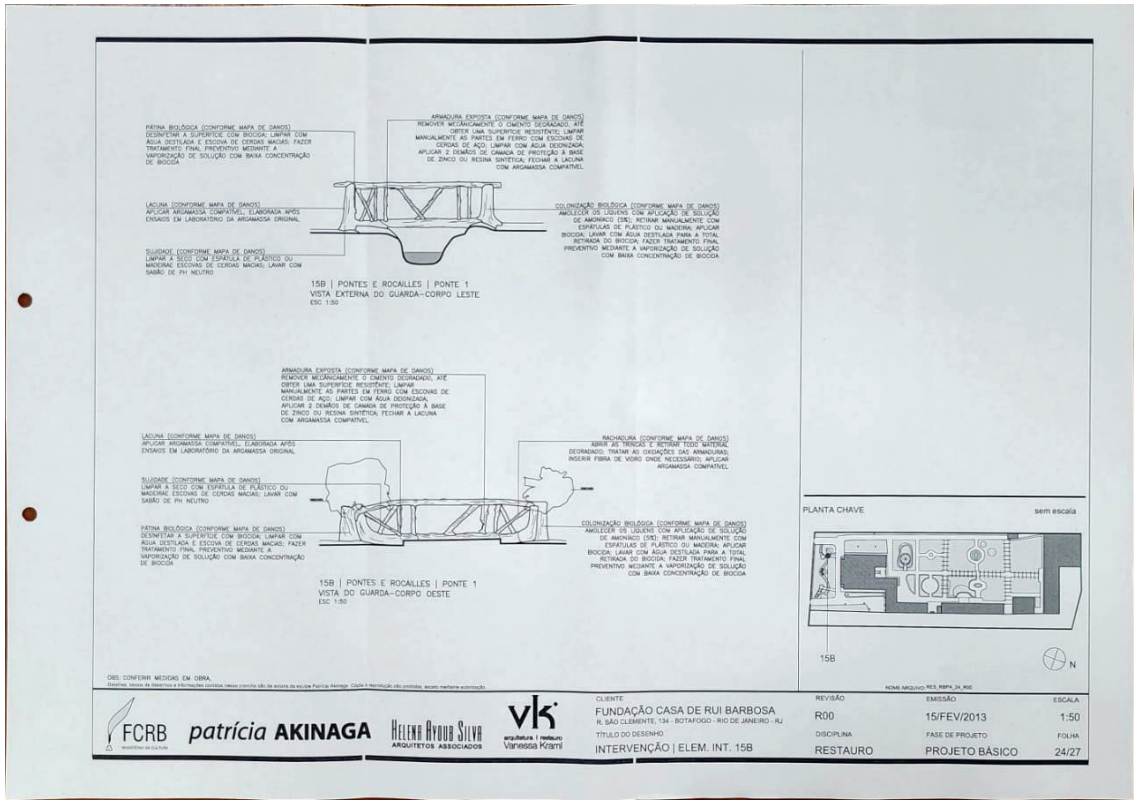
Reflexões sobre a documentação do Museu Casa de Rui Barbosa: investigação das fichas catalográficas e difusão da informação
Milena Gomes Moreira Bezerra

Fazenda Colubandê: memória dos cristãos-novos no Rio de Janeiro
Anna Figueiredo Vanoli

Contradições na apresentação de africanos no Dicionário de Macedo Soares
Daiane de Souza Villela da Silva

Um exemplo da variação de detalhes resultante das mudanças nas técnicas de desenho técnico pode ser observado na única representação dos *rocailles* presente no acervo analisado, datada de 2013. Embora esses elementos já estivessem presentes no jardim antes mesmo de Rui Barbosa residir na casa, no final do século XIX, só há registro gráfico dele em projeto de restauração realizado no século XXI (Figura 5).

Figura 5 – Representação técnica do elemento arquitetônico *rocaille*.



Fonte: Arquivo Institucional da FCRB.

Sumário

Apresentação
As organizadoras

Estudo da coleção bibliográfica de Rui Barbosa
Esther Nascimento M. do C. Araujo

Uma perspectiva arquivística e arquitetônica: levantamento, organização e acesso aos documentos gráficos relacionados ao patrimônio arquitetônico e paisagístico da Fundação Casa de Rui Barbosa
Valéria Peixinho da Silva e Felipe das Neves Lacerda

Reflexões sobre a documentação do Museu Casa de Rui Barbosa: investigação das fichas catalográficas e difusão da informação
Milena Gomes Moreira Bezerra

Fazenda Colubandê: memória dos cristãos-novos no Rio de Janeiro
Anna Figueiredo Vanoli

Contradições na apresentação de africanos no Dicionário de Macedo Soares
Daiane de Souza Villela da Silva

O acervo documental da FCRB é essencial para preservar a memória arquitetônica e acompanhar a evolução das intervenções sobre o patrimônio edificado da instituição. A integração de tecnologias e a nova classificação arquivística melhoraram o acesso, conectando os formatos físico e digital de forma eficiente. Esse trabalho assegura a preservação do passado e possibilita um aprofundamento de contexto para futuras intervenções, mantendo o vínculo entre arquivologia e arquitetura.

Considerações finais

Com os resultados alcançados por esta pesquisa, destacam-se a criação do inventário analítico e a produção de um diretório de arquivos. Por meio do levantamento, classificação e descrição dos documentos gráficos da FCRB, foi possível estabelecer uma base sólida para a gestão arquivística do acervo.

O inventário analítico, em particular, surge como uma ferramenta essencial para a preservação da memória arquitetônica e paisagística da fundação. Logo, sua produção foi elaborada para obter os melhores resultados no nível de descrição e recuperação da informação.

A importância da gestão documental foi reforçada ao longo do estudo, demonstrando que uma organização adequada não só preserva o patrimônio arquitetônico e paisagístico, mas também facilita o acesso à informação e fortalece a transparência institucional. Ao garantir que registros detalhados estejam acessíveis a pesquisadores e ao público,

Sumário

Apresentação
As organizadoras

Estudo da coleção bibliográfica de Rui Barbosa
Esther Nascimento M. do C. Araujo

Uma perspectiva arquivística e arquitetônica: levantamento, organização e acesso aos documentos gráficos relacionados ao patrimônio arquitetônico e paisagístico da Fundação Casa de Rui Barbosa
Valéria Peixinho da Silva e Felipe das Neves Lacerda

Reflexões sobre a documentação do Museu Casa de Rui Barbosa: investigação das fichas catalográficas e difusão da informação
Milena Gomes Moreira Bezerra

Fazenda Colubandê: memória dos cristãos-novos no Rio de Janeiro
Anna Figueiredo Vanoli

Contradições na apresentação de africanos no Dicionário de Macedo Soares
Daiane de Souza Villela da Silva

a FCRB promove a continuidade do conhecimento científico e histórico, contribuindo para a preservação da identidade cultural e patrimonial do país.

Perspectivas futuras incluem a continuidade da pesquisa, com a complementação do inventário por meio da digitalização das pranchas inventariadas. A criação de um catálogo temático também está em vista, de modo a ampliar a divulgação e o acesso ao conhecimento gerado. Esse catálogo permitirá uma consulta mais direcionada aos diferentes aspectos das intervenções realizadas no patrimônio da Casa de Rui Barbosa, promovendo uma visão abrangente e integrada da história arquitetônica e paisagística preservada no acervo da fundação.

Referências

ARQUIVO NACIONAL (Brasil). *Dicionário brasileiro de terminologia arquivística*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2025.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. *Arquivos permanentes*: tratamento documental. São Paulo: T. A. Queiroz, 2004.

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 1999.

GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 2019.

Sumário

Apresentação
As organizadoras

Estudo da coleção bibliográfica de Rui Barbosa
Esther Nascimento M. do C. Araujo

Uma perspectiva arquivística e arquitetônica: levantamento, organização e acesso aos documentos gráficos relacionados ao patrimônio arquitetônico e paisagístico da Fundação Casa de Rui Barbosa
Valéria Peixinho da Silva e Felipe das Neves Lacerda

Reflexões sobre a documentação do Museu Casa de Rui Barbosa: investigação das fichas catalográficas e difusão da informação
Milena Gomes Moreira Bezerra

Fazenda Colubandê: memória dos cristãos-novos no Rio de Janeiro
Anna Figueiredo Vanoli

Contradições na apresentação de africanos no Dicionário de Macedo Soares
Daiane de Souza Villela da Silva

GRÁCIO, Maria Cláudia Cabrini; GARRUTTI, Érica Aparecida. Estatística aplicada à educação: uma análise de conteúdos programáticos de planos de ensino de livros didáticos. *Revista de Matemática e Estatística*, São Paulo, v. 23, n. 3, p. 107-126, 2005.

RODRIGUES, Ana Célia; VIANA, Claudio Muniz. Documento de arquitetura: gênese e tratamento na perspectiva da tipologia documental. *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra*, Coimbra, v. 1, n. 1, p. 107-138, 2023.

CADERNOS DE
INICIAÇÃO
CIENTÍFICA
Trabalhos Premiados na 19ª Jornada

Sumário

Apresentação
As organizadoras

Estudo da coleção bibliográfica de Rui Barbosa
Esther Nascimento M. do C. Araujo

Uma perspectiva arquivística e arquitetônica: levantamento, organização e acesso aos documentos gráficos relacionados ao patrimônio arquitetônico e paisagístico da Fundação Casa de Rui Barbosa
Valéria Peixinho da Silva e Felipe das Neves Lacerda

Reflexões sobre a documentação do Museu Casa de Rui Barbosa: investigação das fichas catalográficas e difusão da informação
Milena Gomes Moreira Bezerra

Fazenda Colubandê: memória dos cristãos-novos no Rio de Janeiro
Anna Figueiredo Vanoli

Contradições na apresentação de africanos no Dicionário de Macedo Soares
Daiane de Souza Villela da Silva

Reflexões sobre a documentação do Museu Casa de Rui Barbosa: investigação das fichas catalográficas e difusão da informação

Milena Gomes Moreira Bezerra[8]

Orientadora: Gabriela Farias

Introdução

A elaboração e a manutenção de registros documentais, dentro de um museu, possibilitam a formação de narrativas que retratam a trajetória cultural de cada um dos objetos que compõem seu acervo. Esses registros desempenham o papel de fonte de pesquisa em diversos campos do saber e são amplamente reconhecidos por teóricos e profissionais da área como um dos fundamentos essenciais de qualquer instituição museológica, em conjunto com as práticas de comunicação e conservação. A documentação de acervos museológicos é, sobretudo, uma prática de preservação destes, uma vez que salvaguarda as informações intrínsecas e extrínsecas de cada objeto e possibilita a difusão da informação, evidenciando o papel social que as instituições museológicas possuem. Para Ferrez (1991), a documentação em museus é capaz de transformar as coleções museológicas em

[8] Graduanda em Museologia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio). Foi bolsista do Programa de Iniciação Científica da Fundação Casa de Rui Barbosa entre 2022 e 2024, no projeto "Documentação museológica em museus-casa: análise, adaptação e atualização de dados", orientado por Anna Gabriela Pereira Faria, integrado à linha de pesquisa "Reflexões, processos e trajetória da documentação museológica" do grupo "Perspectivas conceituais, memória e preservação em museus-casas" inscrito no Diretório do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Sumário

Apresentação
As organizadoras

Estudo da coleção bibliográfica de Rui Barbosa
Esther Nascimento M. do C. Araujo

Uma perspectiva arquivística e arquitetônica: levantamento, organização e acesso aos documentos gráficos relacionados ao patrimônio arquitetônico e paisagístico da Fundação Casa de Rui Barbosa
Valéria Peixinho da Silva e Felipe das Neves Lacerda

Reflexões sobre a documentação do Museu Casa de Rui Barbosa: investigação das fichas catalográficas e difusão da informação
Milena Gomes Moreira Bezerra

Fazenda Colubandê: memória dos cristãos-novos no Rio de Janeiro
Anna Figueiredo Vanoli

Contradições na apresentação de africanos no Dicionário de Macedo Soares
Daiane de Souza Villela da Silva

fontes de pesquisa científica e instrumentos de transmissão de conhecimento, e exerce um papel fundamental ao prestar o serviço de disseminação e tradução da informação para a comunidade.

O Museu Casa de Rui Barbosa foi inaugurado em 1930, sediado na casa que o político Rui Barbosa adquiriu 37 anos antes, localizada na rua São Clemente, nº 98,[9] no bairro de Botafogo, Zona Sul do Rio de Janeiro. A instituição conta, atualmente, com cerca de 1.600 peças em seu acervo, compreendendo itens de mobiliário, objetos de uso pessoal e de decoração, viaturas, peças de vestuário, porcelanas, prataria, entre outros. A documentação desses itens se deu a partir de 1929 pelo senhor Antonio Joaquim da Costa,[10] que listou 219 objetos situados no museu naquele momento. Ao longo dos anos, esse inventário foi sendo complementado e refeito, acompanhando a entrada de novos objetos ao acervo, especialmente com a posterior incorporação de museólogos capacitados que iniciaram o desenvolvimento de fichas catalográficas progressivamente. Rangel (2015) esclarece como foi pensada a política de aquisição de acervo: de forma que os objetos adquiridos possuíssem conexão com Rui Barbosa ou com sua família, e explica o sistema de classificação de cada item, que se dá da seguinte forma:

[9] De acordo com a autora Rejane Magalhães em *Rui Barbosa na Vila Maria Augusta* (2013), o imóvel, adquirido por Rui Barbosa no ano de 1893, ficava situado no nº 98 da Rua São Clemente, e no mesmo ano tomou o nº 104. Atualmente, o logradouro encontra-se sob o nº 134.

[10] Autor do livro *Rui Barbosa na intimidade* (1949), trabalhou como mordomo na residência de Rui Barbosa e sua família. Com a institucionalização da casa, assumiu a posição de zelador, desempenhando um importante papel na conservação e documentação do acervo museológico.

Sumário

Apresentação
As organizadoras

Estudo da coleção bibliográfica de Rui Barbosa
Esther Nascimento M. do C. Araujo

Uma perspectiva arquivística e arquitetônica: levantamento, organização e acesso aos documentos gráficos relacionados ao patrimônio arquitetônico e paisagístico da Fundação Casa de Rui Barbosa
Valéria Peixinho da Silva e Felipe das Neves Lacerda

Reflexões sobre a documentação do Museu Casa de Rui Barbosa: investigação das fichas catalográficas e difusão da informação
Milena Gomes Moreira Bezerra

Fazenda Colubandê: memória dos cristãos-novos no Rio de Janeiro
Anna Figueiredo Vanoli

Contradições na apresentação de africanos no Dicionário de Macedo Soares
Daiane de Souza Villela da Silva

estão divididos em dois livros de tombo distintos: no livro A constam os que pertenceram a Rui Barbosa, esposa e filhos. Esta letra compõe o número de registro do objeto, juntamente com o ano em que a peça foi registrada no Museu, podendo ou não coincidir com o ano da sua entrada na instituição. O livro B é subdividido em quatro categorias: CFR (Coleção Família de Rui); CRA (Coleção Reconstituição de Ambientes); COR (Coleção Relacionados a Rui), na sequência; e COD (Coleção Objetos Diversos) (Rangel, 2015, p. 62).

A pesquisa

O projeto de pesquisa intitulado "Documentação museológica em museus-casa: análise, adaptação e atualização de dados" tem como objetivos comparar, avaliar e organizar as novas informações adquiridas nesta pesquisa em relação à organização, ao acesso e à interpretação acerca da documentação do acervo do Museu Casa de Rui Barbosa, bem como analisar criticamente as fichas catalográficas produzidas no período de 1929 a 2022, a fim de atualizar as informações contidas nas fichas catalográficas do museu e investigar os meios de ajustar o sistema de inventário utilizado pela instituição para atender aos requisitos do Inventário Nacional dos Bens Culturais Musealizados (INBCM), refletindo a relevância de estar de acordo com as práticas de inventário no âmbito museológico, na tentativa de facilitar o fluxo de informações entre o museu e as demais instituições.

O projeto, em um primeiro momento, deu início a um pormenorizado trabalho de análise e reorganização das fichas catalográficas do Museu Casa de Rui Barbosa. A tarefa,

Sumário

Apresentação
As organizadoras

Estudo da coleção bibliográfica de Rui Barbosa
Esther Nascimento M. do C. Araujo

Uma perspectiva arquivística e arquitetônica: levantamento, organização e acesso aos documentos gráficos relacionados ao patrimônio arquitetônico e paisagístico da Fundação Casa de Rui Barbosa
Valéria Peixinho da Silva e Felipe das Neves Lacerda

Reflexões sobre a documentação do Museu Casa de Rui Barbosa: investigação das fichas catalográficas e difusão da informação
Milena Gomes Moreira Bezerra

Fazenda Colubandê: memória dos cristãos-novos no Rio de Janeiro
Anna Figueiredo Vanoli

Contradições na apresentação de africanos no Dicionário de Macedo Soares
Daiane de Souza Villela da Silva

realizada na Sala de Conservação, um pequeno cômodo situado no segundo andar do museu, que anteriormente dava lugar à despensa da casa, foi iniciada pelas fichas de tamanho A4 acondicionadas em pastas plásticas azuis identificadas por ano de aquisição dos objetos descritos. Cada uma das pastas recebia uma etiqueta de papel fazendo a divisão por ano, sendo eles a quantidade de pastas, respectivamente: 1929 (4), 1940 (2), 1950 (1), 1960 (1), 1970 (2) e 1980 (1) e duas pastas sem etiqueta, totalizando 13 pastas. Dentro de cada uma dessas pastas foram encontradas fichas catalográficas diversas, agrupadas por objeto e ordenadas por ordem alfabética, de acordo com o nome do objeto descrito. Em reunião de orientação da pesquisa ficou decidido que as fichas seriam reorganizadas e divididas, a princípio por modelo de ficha e, em um segundo momento, subdivididas e ordenadas por número de registro, em ordem crescente. Como forma de facilitar a localização de cada uma das fichas em suas respectivas pastas, foram adotadas nomenclaturas. Dessa forma, foram cotejadas um total de 3.880 fichas, sendo:

- 1.223 exemplares da ficha "A", elaborada no ano de 1977 (Figura 1);
- 700 exemplares da ficha "B", elaborada em 1977 (Figura 2);
- 530 exemplares da ficha "C", elaborada em 1998 (Figura 3);
- 1.092 exemplares da ficha "RUIBIB", elaborada em 1993 (Figura 4);
- 259 exemplares da ficha "D", elaborada em 1993 (Figura 5);
- 76 exemplares da ficha "E", elaborada em 1968 (Figura 6);

CADERNOS DE
INICIAÇÃO
CIENTÍFICA
Trabalhos Premiados na 19ª Jornada

Sumário

Apresentação
As organizadoras

Estudo da coleção bibliográfica de Rui Barbosa
Esther Nascimento M. do C. Araujo

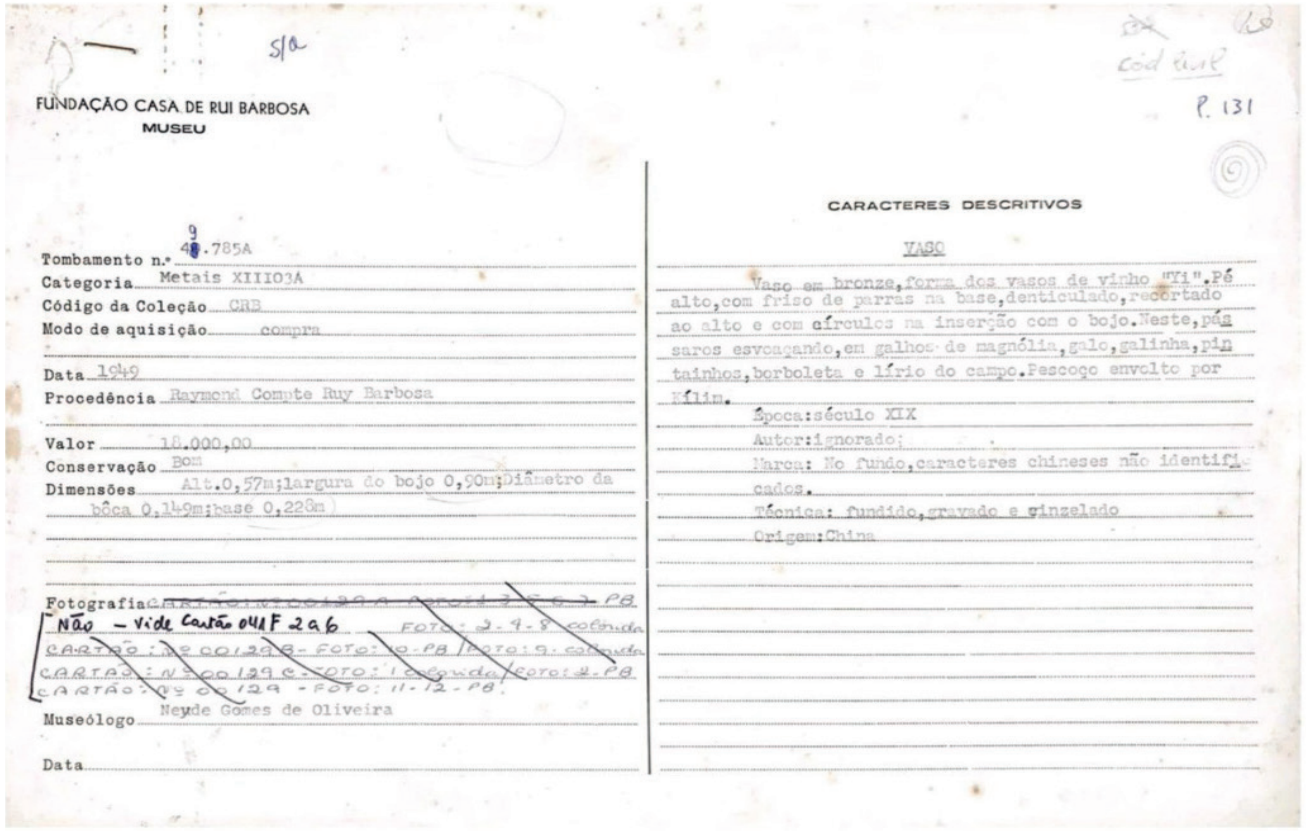
Uma perspectiva arquivística e arquitetônica: levantamento, organização e acesso aos documentos gráficos relacionados ao patrimônio arquitetônico e paisagístico da Fundação Casa de Rui Barbosa
Valéria Peixinho da Silva e Felipe das Neves Lacerda

Reflexões sobre a documentação do Museu Casa de Rui Barbosa: investigação das fichas catalográficas e difusão da informação
Milena Gomes Moreira Bezerra

Fazenda Colubandê: memória dos cristãos-novos no Rio de Janeiro
Anna Figueiredo Vanoli

Contradições na apresentação de africanos no Dicionário de Macedo Soares
Daiane de Souza Villela da Silva

Figura 1 – Frente de exemplar da ficha "A".


FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA
MUSEU

P. 131

Tombamento n.º 9 48.785A
Categoria Metais XIII03A
Código da Coleção CRB
Modo de aquisição compra

Data 1949
Procedência Raymond Compte Ruy Barbosa

Valor 18.000,00
Conservação Bom
Dimensões Alt.0,57m;largura do bojo 0,90m;diâmetro da bôca 0,149m;base 0,228m

Fotografia Não – vide Cartão 041 F 2 a 6 PB
CARTÃO: Nº 00129 - FOTO: 10 - PB
CARTÃO: Nº 00129 C - FOTO: 1 segunda
CARTÃO: Nº 00129 - FOTO: 11-12 - PB

Museólogo Neyde Gomes de Oliveira

Data

CARACTERES DESCRITIVOS

VASO

Vaso em bronze, forma dos vasos de vinho "Yi". Pé alto, com friso de parras na base, denticulado, recortado ao alto e com círculos na inserção com o bojo. Neste, pássaros esvoaçando, em galhos de magnólia, galo, galinha, pintainhos, borboleta e lírio do campo. Pescoço envolto por Kilin.
Época: século XIX
Autor: ignorado;
Marca: No fundo, caracteres chineses não identificados.
Técnica: fundido, gravado e cinzelado
Origem: China

Fonte: Fundação Casa de Rui Barbosa.

CADERNOS DE
INICIAÇÃO
CIENTÍFICA
Trabalhos Premiados na 19ª Jornada

Sumário

Apresentação
As organizadoras

Estudo da coleção bibliográfica de Rui Barbosa
Esther Nascimento M. do C. Araujo

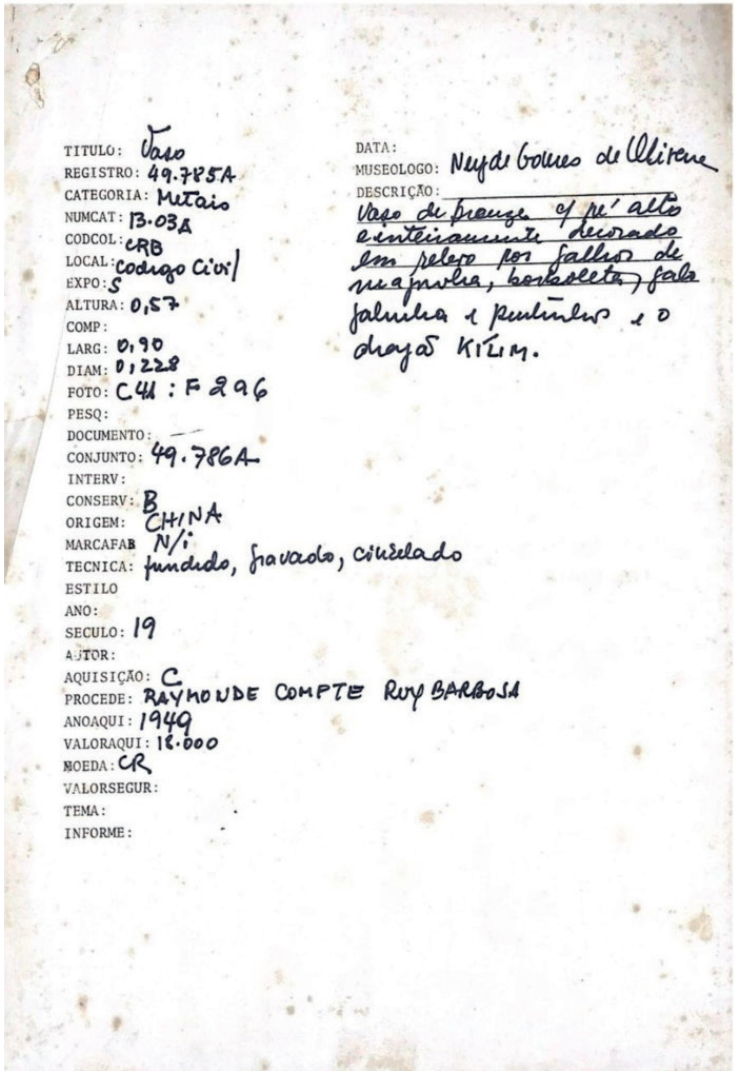
Uma perspectiva arquivística e arquitetônica: levantamento, organização e acesso aos documentos gráficos relacionados ao patrimônio arquitetônico e paisagístico da Fundação Casa de Rui Barbosa
Valéria Peixinho da Silva e Felipe das Neves Lacerda

Reflexões sobre a documentação do Museu Casa de Rui Barbosa: investigação das fichas catalográficas e difusão da informação
Milena Gomes Moreira Bezerra

Fazenda Colubandê: memória dos cristãos-novos no Rio de Janeiro
Anna Figueiredo Vanoli

Contradições na apresentação de africanos no Dicionário de Macedo Soares
Daiane de Souza Villela da Silva

Figura 2 – Exemplar da ficha "B".


TITULO: Vaso
REGISTRO: 49.785A
CATEGORIA: Metais
NUMCAT: 13.03A
CODCOL: CRB
LOCAL: Codigo Civil
EXPO: S
ALTURA: 0,57
COMP:
LARG: 0,90
DIAM: 0,228
FOTO: C41 : F 296
PESQ:
DOCUMENTO:
CONJUNTO: 49.786A
INTERV:
CONSERV: B
ORIGEM: CHINA
MARCAFAB N/i
TECNICA: fundido, gravado, ciuzelado
ESTILO
ANO:
SECULO: 19
AUTOR:
AQUISIÇÃO: C
PROCEDE: RAYMONDE COMPTE RUY BARBOSA
ANOAQUI: 1949
VALORAQUI: 18.000
MOEDA: CR
VALORSEGUR:
TEMA:
INFORME:
DATA:
MUSEOLOGO: Neyde Gomes de Oliveira
DESCRIÇÃO: Vaso de bronze c/ pé alto inteiramente decorado em relevo por faixas de margarida, borboleta, folha folhinha e pendentes e o dragão KILIN.

Fonte: Fundação Casa de Rui Barbosa.

Sumário

Apresentação
As organizadoras

Estudo da coleção bibliográfica de Rui Barbosa
Esther Nascimento M. do C. Araujo

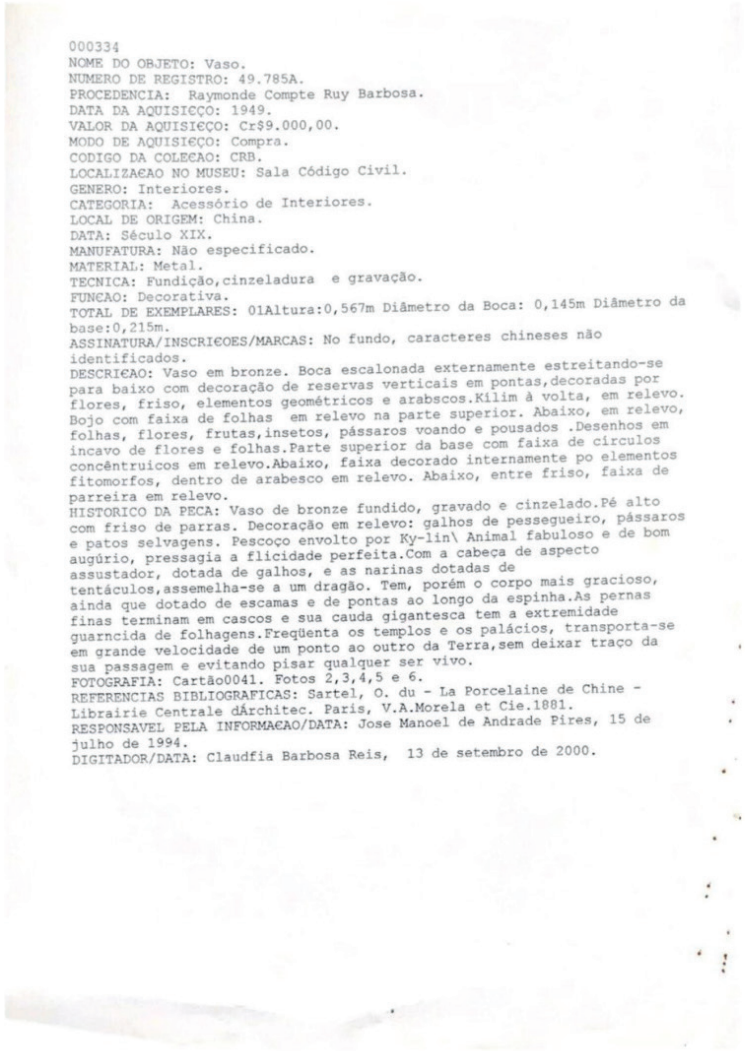
Uma perspectiva arquivística e arquitetônica: levantamento, organização e acesso aos documentos gráficos relacionados ao patrimônio arquitetônico e paisagístico da Fundação Casa de Rui Barbosa
Valéria Peixinho da Silva e Felipe das Neves Lacerda

Reflexões sobre a documentação do Museu Casa de Rui Barbosa: investigação das fichas catalográficas e difusão da informação
Milena Gomes Moreira Bezerra

Fazenda Colubandê: memória dos cristãos-novos no Rio de Janeiro
Anna Figueiredo Vanoli

Contradições na apresentação de africanos no Dicionário de Macedo Soares
Daiane de Souza Villela da Silva

Figura 3 – Exemplar da ficha "C".



000334
NOME DO OBJETO: Vaso.
NUMERO DE REGISTRO: 49.785A.
PROCEDENCIA: Raymonde Compte Ruy Barbosa.
DATA DA AQUISIÇÇO: 1949.
VALOR DA AQUISIÇÇO: Cr$9.000,00.
MODO DE AQUISIÇÇO: Compra.
CODIGO DA COLEÇAO: CRB.
LOCALIZAÇAO NO MUSEU: Sala Código Civil.
GENERO: Interiores.
CATEGORIA: Acessório de Interiores.
LOCAL DE ORIGEM: China.
DATA: Século XIX.
MANUFATURA: Não especificado.
MATERIAL: Metal.
TECNICA: Fundição,cinzeladura e gravação.
FUNÇAO: Decorativa.
TOTAL DE EXEMPLARES: 01Altura:0,567m Diâmetro da Boca: 0,145m Diâmetro da base:0,215m.
ASSINATURA/INSCRIÇOES/MARCAS: No fundo, caracteres chineses não identificados.
DESCRIÇAO: Vaso em bronze. Boca escalonada externamente estreitando-se para baixo com decoração de reservas verticais em pontas,decoradas por flores, friso, elementos geométricos e arabscos.Kilim à volta, em relevo. Bojo com faixa de folhas em relevo na parte superior. Abaixo, em relevo, folhas, flores, frutas,insetos, pássaros voando e pousados .Desenhos em incavo de flores e folhas.Parte superior da base com faixa de círculos concêntruicos em relevo.Abaixo, faixa decorado internamente po elementos fitomorfos, dentro de arabesco em relevo. Abaixo, entre friso, faixa de parreira em relevo.
HISTORICO DA PEÇA: Vaso de bronze fundido, gravado e cinzelado.Pé alto com friso de parras. Decoração em relevo: galhos de pessegueiro, pássaros e patos selvagens. Pescoço envolto por Ky-lin\ Animal fabuloso e de bom augúrio, pressagia a flicidade perfeita.Com a cabeça de aspecto assustador, dotada de galhos, e as narinas dotadas de tentáculos,assemelha-se a um dragão. Tem, porém o corpo mais gracioso, ainda que dotado de escamas e de pontas ao longo da espinha.As pernas finas terminam em cascos e sua cauda gigantesca tem a extremidade guarnecida de folhagens.Freqüenta os templos e os palácios, transporta-se em grande velocidade de um ponto ao outro da Terra,sem deixar traço da sua passagem e evitando pisar qualquer ser vivo.
FOTOGRAFIA: Cartão0041. Fotos 2,3,4,5 e 6.
REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS: Sartel, O. du - La Porcelaine de Chine - Librairie Centrale dArchitec. Paris, V.A.Morela et Cie.1881.
RESPONSAVEL PELA INFORMAÇAO/DATA: Jose Manoel de Andrade Pires, 15 de julho de 1994.
DIGITADOR/DATA: Claudfia Barbosa Reis, 13 de setembro de 2000.

Fonte: Fundação Casa de Rui Barbosa.

Sumário

Apresentação
As organizadoras

Estudo da coleção bibliográfica de Rui Barbosa
Esther Nascimento M. do C. Araujo

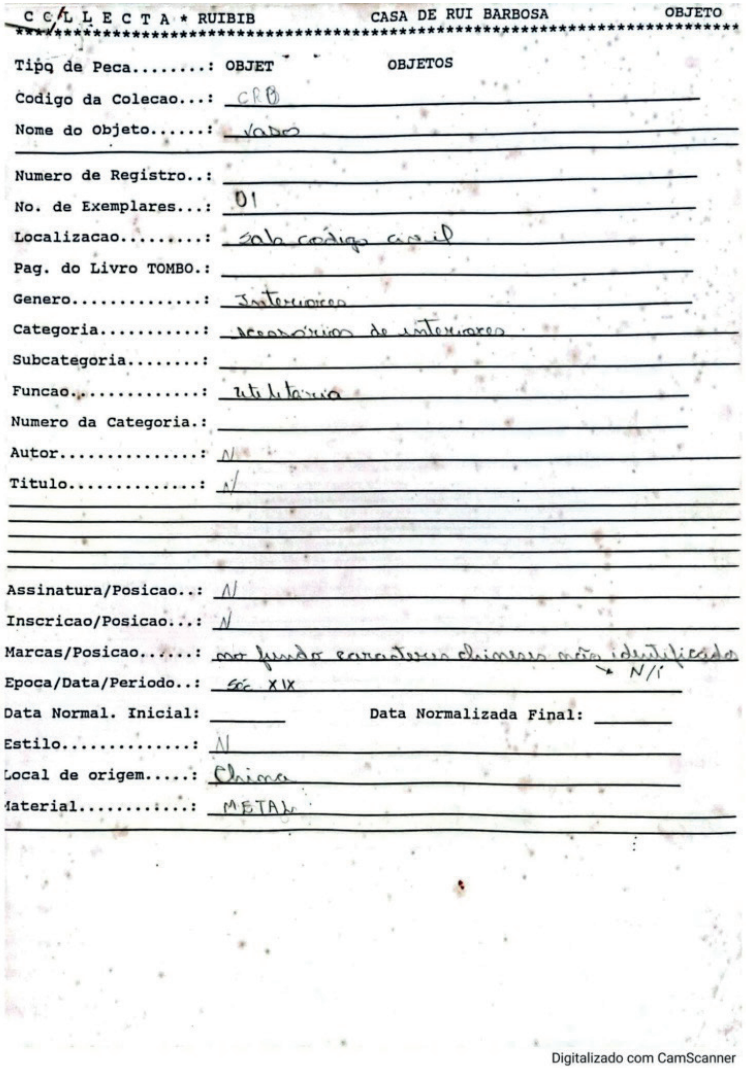
Uma perspectiva arquivística e arquitetônica: levantamento, organização e acesso aos documentos gráficos relacionados ao patrimônio arquitetônico e paisagístico da Fundação Casa de Rui Barbosa
Valéria Peixinho da Silva e Felipe das Neves Lacerda

Reflexões sobre a documentação do Museu Casa de Rui Barbosa: investigação das fichas catalográficas e difusão da informação
Milena Gomes Moreira Bezerra

Fazenda Colubandê: memória dos cristãos-novos no Rio de Janeiro
Anna Figueiredo Vanoli

Contradições na apresentação de africanos no Dicionário de Macedo Soares
Daiane de Souza Villela da Silva

Figura 4 – Frente de exemplar da ficha "RUIBIB".



Fonte: Fundação Casa de Rui Barbosa.

CADERNOS DE
INICIAÇÃO
CIENTÍFICA
Trabalhos Premiados na 19ª Jornada

Sumário

Apresentação
As organizadoras

Estudo da coleção bibliográfica de Rui Barbosa
Esther Nascimento M. do C. Araujo

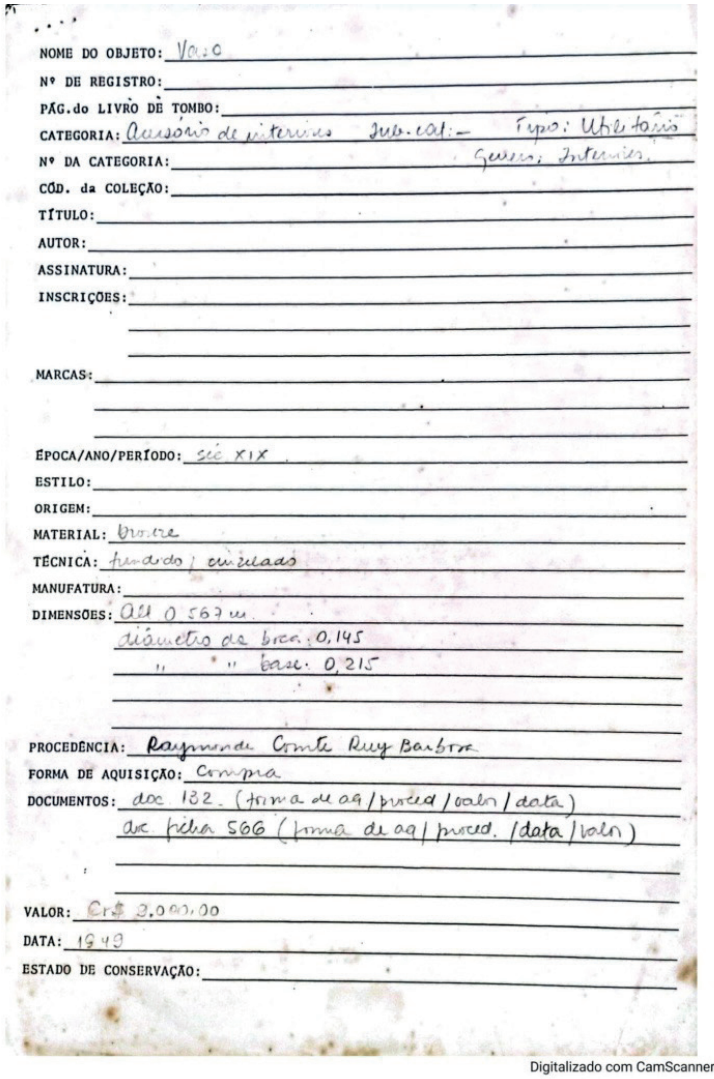
Uma perspectiva arquivística e arquitetônica: levantamento, organização e acesso aos documentos gráficos relacionados ao patrimônio arquitetônico e paisagístico da Fundação Casa de Rui Barbosa
Valéria Peixinho da Silva e Felipe das Neves Lacerda

Reflexões sobre a documentação do Museu Casa de Rui Barbosa: investigação das fichas catalográficas e difusão da informação
Milena Gomes Moreira Bezerra

Fazenda Colubandê: memória dos cristãos-novos no Rio de Janeiro
Anna Figueiredo Vanoli

Contradições na apresentação de africanos no Dicionário de Macedo Soares
Daiane de Souza Villela da Silva

Figura 5 – Frente de exemplar da ficha "D".


NOME DO OBJETO: Vaso
Nº DE REGISTRO:
PÁG. do LIVRO DE TOMBO:
CATEGORIA: Acessório de interiores Sub-cat.:— Tipo: Utensílio
Gênero: Interiores
Nº DA CATEGORIA:
CÓD. da COLEÇÃO:
TÍTULO:
AUTOR:
ASSINATURA:
INSCRIÇÕES:
MARCAS:
ÉPOCA/ANO/PERÍODO: séc XIX
ESTILO:
ORIGEM:
MATERIAL: bronze
TÉCNICA: fundido / cinzelado
MANUFATURA:
DIMENSÕES: Alt 0,567 m
diâmetro da boca: 0,145
" " base: 0,215
PROCEDÊNCIA: Raymundo Conte Ruy Barbosa
FORMA DE AQUISIÇÃO: Compra
DOCUMENTOS: doc 132 (forma de aq / procd / valor / data)
ac ficha 566 (forma de aq / procd. / data / valor)
VALOR: Cr$ 2.000,00
DATA: 1949
ESTADO DE CONSERVAÇÃO:
Digitalizado com CamScanner

Fonte: Fundação Casa de Rui Barbosa.

CADERNOS DE
INICIAÇÃO
CIENTÍFICA
Trabalhos Premiados na 19ª Jornada

Sumário

Apresentação
As organizadoras

Estudo da coleção bibliográfica de Rui Barbosa
Esther Nascimento M. do C. Araujo

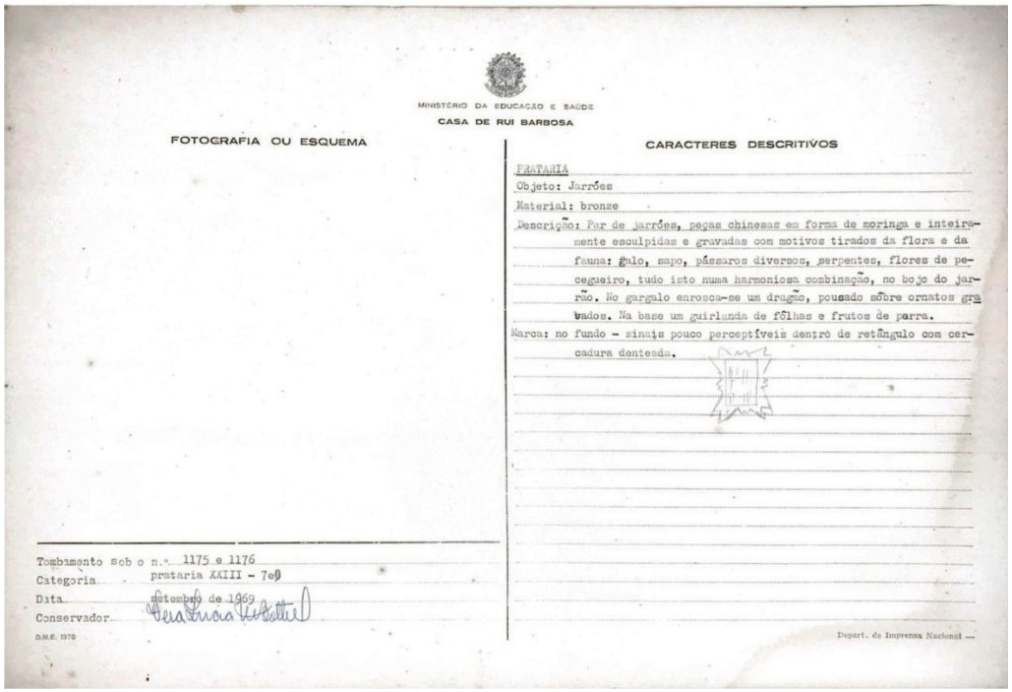
Uma perspectiva arquivística e arquitetônica: levantamento, organização e acesso aos documentos gráficos relacionados ao patrimônio arquitetônico e paisagístico da Fundação Casa de Rui Barbosa
Valéria Peixinho da Silva e Felipe das Neves Lacerda

Reflexões sobre a documentação do Museu Casa de Rui Barbosa: investigação das fichas catalográficas e difusão da informação
Milena Gomes Moreira Bezerra

Fazenda Colubandê: memória dos cristãos-novos no Rio de Janeiro
Anna Figueiredo Vanoli

Contradições na apresentação de africanos no Dicionário de Macedo Soares
Daiane de Souza Villela da Silva

Figura 6 – Frente de exemplar da ficha "E".


MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE
CASA DE RUI BARBOSA

FOTOGRAFIA OU ESQUEMA

CARACTERES DESCRITIVOS

PRATARIA
Objeto: Jarrões
Material: bronze
Descrição: Par de jarrões, peças chinesas em forma de moringa e inteiramente esculpidas e gravadas com motivos tirados da flora e da fauna: galo, sapo, pássaros diversos, serpentes, flores de pecegueiro, tudo isto numa harmoniosa combinação, no bojo do jarrão. No gargalo enrosca-se um dragão, pousado sôbre ornatos gravados. Na base um guirlanda de fôlhas e frutos de parra.
Marca: no fundo - sinais pouco perceptíveis dentrô de retângulo com cercadura dentada.

Tombamento Sob o n.º 1175 e 1176
Categoria prataria XXIII - 7e9
Data outubro de 1969
Conservador

D.M.E. 1970

Depart. de Imprensa Nacional

Fonte: Fundação Casa de Rui Barbosa.

Quanto ao formato das fichas, observa-se que os modelos "A" e "E" são similares: ambos contêm as informações dispostas horizontalmente, em papel de gramatura mais alta que o papel sulfite tradicional. Os demais modelos, por estarem dispostos em papel sulfite de baixa gramatura, apresentam mais sinais de degradação, como manchas, rasgos e perda de partes da informação escrita. Os modelos "A", "C" e "E" apresentam o preenchimento mecanografado dos dados, com o uso de máquina de escrever ou computador, enquanto as demais foram preenchidas manualmente pelos museólogos responsáveis

Sumário

Apresentação
As organizadoras

Estudo da coleção bibliográfica de Rui Barbosa
Esther Nascimento M. do C. Araujo

Uma perspectiva arquivística e arquitetônica: levantamento, organização e acesso aos documentos gráficos relacionados ao patrimônio arquitetônico e paisagístico da Fundação Casa de Rui Barbosa
Valéria Peixinho da Silva e Felipe das Neves Lacerda

Reflexões sobre a documentação do Museu Casa de Rui Barbosa: investigação das fichas catalográficas e difusão da informação
Milena Gomes Moreira Bezerra

Fazenda Colubandê: memória dos cristãos-novos no Rio de Janeiro
Anna Figueiredo Vanoli

Contradições na apresentação de africanos no Dicionário de Macedo Soares
Daiane de Souza Villela da Silva

nos respectivos períodos. Enquanto a maioria dos modelos de fichas possuem metadados fixos, a ficha "C" foi construída de acordo com a necessidade que cada objeto apresentava – sendo assim, a referida ficha não possui campos deixados em branco. Existe, ainda, a possibilidade de as fichas "C" serem uma versão digitada da ficha "RUIBIB", vide o campo "responsável pela informação/data" no primeiro modelo, geralmente preenchido de forma a referenciar a ficha "RUIBIB" referente ao mesmo objeto. A descrição dos objetos em ambos os modelos costuma ser detalhada e íntegra, aproximando-se do ideal quando se pensa em descrição de objetos musealizados. Quando comparados, foram observadas divergências nas dimensões dos objetos entre as fichas "A" e "RUIBIB" em 100% dos exemplares analisados.

Tão logo o conteúdo das fichas "E" começou a ser analisado, notou-se uma divergência no campo referente ao número de registro dos objetos, quando comparado aos campos equivalentes nos outros modelos de fichas. O número de registro de um objeto, também referenciado por "número de tombo" ou "número de tombamento", é o dado responsável pela identificação do bem, deve ser único e todo objeto musealizado deve possuir um, à semelhança do número de CPF para um cidadão brasileiro. O sistema de numeração utilizado é uma escolha institucional, pensada de forma a contemplar as particularidades de cada acervo. Foi observado que o número de registro apresentado nas fichas "E" seguia um padrão numérico simples, na medida em que o Museu Casa de Rui Barbosa, atualmente, faz uso de um sistema de numeração alfanumérico bipartido para identificar os objetos de seu acervo, seguindo o modelo XX.YYYY.W, no qual: "XX" representa os dois dígitos finais do ano de registro do objeto; "YYYY" representa

Sumário

Apresentação
As organizadoras

Estudo da coleção bibliográfica de Rui Barbosa
Esther Nascimento M. do C. Araujo

Uma perspectiva arquivística e arquitetônica: levantamento, organização e acesso aos documentos gráficos relacionados ao patrimônio arquitetônico e paisagístico da Fundação Casa de Rui Barbosa
Valéria Peixinho da Silva e Felipe das Neves Lacerda

Reflexões sobre a documentação do Museu Casa de Rui Barbosa: investigação das fichas catalográficas e difusão da informação
Milena Gomes Moreira Bezerra

Fazenda Colubandê: memória dos cristãos-novos no Rio de Janeiro
Anna Figueiredo Vanoli

Contradições na apresentação de africanos no Dicionário de Macedo Soares
Daiane de Souza Villela da Silva

um número sequencial, que começa em "01" e não se repete em um mesmo livro de tombo; e "W" representa os livros de tombo A ou B. Dessa forma, um objeto pode tomar o número 29.01A, ao mesmo tempo que um objeto distinto pode tomar o número 29.01B. Os dois livros seguem sequências independentes, portanto a letra "A" ou "B" no final de cada livro, nesse sistema de numeração, se faz essencial para a identificação do objeto. De imediato, ao identificar essa divergência, notou-se a necessidade de formulação de uma tabela de equivalência entre os dois números distintos, mantendo a informação a salvo e facilitando a sua recuperação.

Um grande número de exemplares das fichas "RUIBIB" e "D" não contém o campo "número de registro" preenchido. O trabalho de investigação e identificação dessas fichas demandou um longo tempo de dedicação, principalmente pelo volume de exemplares da ficha "RUIBIB". Em um primeiro momento, a solução encontrada foi transcrever a informação das fichas catalográficas de cada um dos objetos do acervo em uma planilha, para que, posteriormente, pudessem ser realizadas buscas por palavras-chave, consultando cada exemplar das fichas "RUIBIB" e "D", de modo a identificar os objetos descritos. Esse processo se revelou muito longo, de forma que atrasaria as demais demandas da pesquisa. Descartando essa opção, foi pensada uma nova planilha: uma relação de todas as fichas digitalizadas até então. Esse documento foi dividido em duas abas de mesma formatação: "Livro A" e "Livro B", compreendendo os objetos inscritos em cada um dos livros de tombo, respectivamente. Em cada uma das abas, as duas primeiras colunas à esquerda do documento apontam os metadados "ano de aquisição" e "número de registro", com a totalidade de objetos inscritos no Inventário do Acervo Museológico do

Sumário

Apresentação
As organizadoras

Estudo da coleção bibliográfica de Rui Barbosa
Esther Nascimento M. do C. Araujo

Uma perspectiva arquivística e arquitetônica: levantamento, organização e acesso aos documentos gráficos relacionados ao patrimônio arquitetônico e paisagístico da Fundação Casa de Rui Barbosa
Valéria Peixinho da Silva e Felipe das Neves Lacerda

Reflexões sobre a documentação do Museu Casa de Rui Barbosa: investigação das fichas catalográficas e difusão da informação
Milena Gomes Moreira Bezerra

Fazenda Colubandê: memória dos cristãos-novos no Rio de Janeiro
Anna Figueiredo Vanoli

Contradições na apresentação de africanos no Dicionário de Macedo Soares
Daiane de Souza Villela da Silva

Museu Casa de Rui Barbosa (2019-2020) numerados em ordem crescente, cada um arranjado em uma linha da planilha (do 29.01A ao 08.1287A e do 29.01B ao 08.386B). Adiante, seis colunas foram dispostas lado a lado: uma para cada um dos modelos de ficha analisados na pesquisa. Caixas de seleção apontam se o exemplar já está digitalizado ou não. No topo de cada uma dessas colunas há uma fórmula que contabiliza as fichas, sendo atualizada automaticamente a cada vez que uma caixa de seleção é marcada ou desmarcada. Os dados dos objetos contidos nas fichas passaram por um recorte, avaliando quais melhor auxiliariam no processo de investigação em busca dos números de registro das fichas "RUIBIB" e "D", tendo sido selecionados os metadados "título", "categoria" (referente à tipologia do objeto) e "coleção". Além desses dados, a plataforma Google Drive facilitou o processo – ao digitalizar e realizar o carregamento das fichas na plataforma, algumas palavras inscritas nos documentos são identificadas por meio delas. Sendo assim, por vezes foi possível digitar uma palavra-chave na ferramenta de busca da plataforma, que exibia todas as fichas que continham o termo buscado.

Na fase de digitalização das fichas catalográficas, alguns obstáculos foram encontrados: as fichas "B", "RUIBIB" e "D" possuem diversos exemplares preenchidos a lápis, o que dificultou a visibilidade do conteúdo em formato digital. Durante os dois anos do projeto, o Museu Casa de Rui Barbosa carecia de equipamentos de digitalização em alta resolução, e o processo foi inteiramente feito com uso de telefones celulares. Ademais, no primeiro contato com as fichas, foi observado que alguns exemplares de diferentes modelos estavam grampeados uns aos outros de acordo com o objeto descrito. Foi decidido, a princípio, que esses agrupamentos seriam mantidos, desejando preservar as

Sumário

Apresentação
As organizadoras

Estudo da coleção bibliográfica de Rui Barbosa
Esther Nascimento M. do C. Araujo

Uma perspectiva arquivística e arquitetônica: levantamento, organização e acesso aos documentos gráficos relacionados ao patrimônio arquitetônico e paisagístico da Fundação Casa de Rui Barbosa
Valéria Peixinho da Silva e Felipe das Neves Lacerda

Reflexões sobre a documentação do Museu Casa de Rui Barbosa: investigação das fichas catalográficas e difusão da informação
Milena Gomes Moreira Bezerra

Fazenda Colubandê: memória dos cristãos-novos no Rio de Janeiro
Anna Figueiredo Vanoli

Contradições na apresentação de africanos no Dicionário de Macedo Soares
Daiane de Souza Villela da Silva

escolhas de profissionais do museu em um momento anterior. Além dessa decisão afetar a agilidade da digitalização, alguns grampos encontravam-se oxidados, comprometendo a integridade física das fichas. Ainda, com a decisão de acondicionar as fichas separadas por modelo em suas respectivas pastas, diferentes modelos agrupados contrariam esse propósito, fazendo com que um consulente possa ter dificuldade em localizar uma ficha específica. No contexto museológico, algumas decisões devem ser reconsideradas caso comprometam a conservação de documentos, tornando preciso fazer, periodicamente, uma reflexão acerca dos benefícios e desvantagens de uma escolha.

A princípio, as fichas digitalizadas foram carregadas por meio de um armazenamento em nuvem compartilhado com a orientadora do projeto, sendo inacessível ao público geral. O processo de digitalização é longo e pormenorizado – uma vez que todas as fichas estejam devidamente digitalizadas e carregadas em uma plataforma de armazenamento, é indispensável que sejam disponibilizadas ao público por meio de um repositório de dados capacitado, que possibilite a vinculação das fichas catalográficas aos determinados objetos descritos, além de promover viabilidade para a inserção de novos dados que possam ser alcançados, frutos de pesquisas que venham a ser realizadas no futuro, conforme explicitado por Ferrez (1991, p. 6):

> um sistema eficiente de documentação impõe, cada vez mais, a presença de uma equipe conhecedora dos problemas de informação, sobretudo no que diz respeito à sua armazenagem e recuperação, sejam estas de forma manual ou automatizada. E, talvez mais do que isso, consciente da necessidade de se alcançar um

Sumário

Apresentação
As organizadoras

Estudo da coleção bibliográfica de Rui Barbosa
Esther Nascimento M. do C. Araujo

Uma perspectiva arquivística e arquitetônica: levantamento, organização e acesso aos documentos gráficos relacionados ao patrimônio arquitetônico e paisagístico da Fundação Casa de Rui Barbosa
Valéria Peixinho da Silva e Felipe das Neves Lacerda

Reflexões sobre a documentação do Museu Casa de Rui Barbosa: investigação das fichas catalográficas e difusão da informação
Milena Gomes Moreira Bezerra

Fazenda Colubandê: memória dos cristãos-novos no Rio de Janeiro
Anna Figueiredo Vanoli

Contradições na apresentação de africanos no Dicionário de Macedo Soares
Daiane de Souza Villela da Silva

> sistema transparente, isto é, um sistema em que qualquer membro da equipe do museu e demais usuários (pesquisadores e público em geral) possam facilmente "acessar" para obter as informações que desejam, sem precisar passar pelos meandros de sistemas criados para uso exclusivo de um pequeno grupo e até mesmo de uma única pessoa.

Atualmente, o museu faz uso do sistema SophiA para gestão do acervo, plataforma que utiliza uma linguagem voltada ao campo da biblioteconomia; estuda-se, porém, a possibilidade de migrar a base de dados do museu para o repositório Tainacan. O Tainacan é um repositório de dados desenvolvido para WordPress, um popular sistema livre e aberto, que pode ser utilizado para acomodar acervos arquivísticos, bibliográficos e museológicos de diferentes tipologias, uma vez que o usuário consegue customizar os metadados que melhor dialogam com seu acervo. O fato de se tratar de uma plataforma de código aberto dá autonomia aos profissionais de museu que adotam o repositório – mesmo aqueles sem formação específica em áreas de tecnologia – além de possuir instalação simples e configuração intuitiva, realizada pela própria interface do sistema. O sistema possui uma ferramenta que torna possível anexar as fichas catalográficas digitalizadas e vinculá-las aos objetos descritos. O repositório, entretanto, não possui a ferramenta de gerar relatórios – o que, para a função de gestão de acervos, pode ser um problema. Por outro lado, o SophiA não deixa visível ao usuário o número de registro dos objetos, nem possibilita a pesquisa por meio desse número, o que dificulta as consultas, além de carecer de imagens referenciais. Atualmente, ao pesquisar o termo "cadeira" na ferramenta de busca do SophiA, aplicando filtros que apresentem resultados que estejam localizados

Sumário

Apresentação
As organizadoras

Estudo da coleção bibliográfica de Rui Barbosa
Esther Nascimento M. do C. Araujo

Uma perspectiva arquivística e arquitetônica: levantamento, organização e acesso aos documentos gráficos relacionados ao patrimônio arquitetônico e paisagístico da Fundação Casa de Rui Barbosa
Valéria Peixinho da Silva e Felipe das Neves Lacerda

Reflexões sobre a documentação do Museu Casa de Rui Barbosa: investigação das fichas catalográficas e difusão da informação
Milena Gomes Moreira Bezerra

Fazenda Colubandê: memória dos cristãos-novos no Rio de Janeiro
Anna Figueiredo Vanoli

Contradições na apresentação de africanos no Dicionário de Macedo Soares
Daiane de Souza Villela da Silva

exclusivamente no museu e que possuam a palavra "cadeira" em seu título, 115 registros são encontrados. Dentre estes, nenhum possui fotografia; 82 resultados possuem o título "cadeira", 25 possuem o título "cadeira de braços", cinco possuem o título "cadeira de balanço", dois possuem o título "cadeira de secretária", e um resultado possui o título "cadeira espreguiçadeira". Todos os registros apresentam uma descrição do objeto e o cômodo da casa onde está exposto.

Mais do que a incumbência de comunicar somente aos pares, a documentação em museus e o profissional que documenta têm a missão de tornar a informação disponível e compreensível a qualquer um que manifeste interesse. A partir de sua experiência no Museu Histórico Nacional, Ferrez (1991) afirma que um objeto pode perder e ganhar informações a partir de interferências externas sobre si. No contexto museológico, um objeto não entra em obsolescência, pelo contrário, continua a ser influenciado pelo meio, surgindo a necessidade de registrar a perda e o ganho de informações ao longo de sua trajetória dentro da instituição. Apesar da experiência da autora ter sido retratada no âmbito de um museu de história, nos museus-casa (ou casas-museu) a prática é similar:

> Nas casas-museu desenvolve-se uma poética específica, surgida do diálogo entre o privado e o público, presente em diversas dimensões discursivas que perpassam os objetos, o personagem e a sua residência. Na sua forma mais clássica, a casa-museu é um espaço que guarda as marcas físicas e simbólicas da sua origem, que são presentificadas e ressignificadas não só pelo processo de reconstrução da memória provocado pelos discursos expositivos, mas também pelo olhar do visitante (Almeida; Rangel, 2017, p. 1).

CADERNOS DE
INICIAÇÃO
CIENTÍFICA
Trabalhos Premiados na 19ª Jornada

Sumário

Apresentação
As organizadoras

Estudo da coleção bibliográfica de Rui Barbosa
Esther Nascimento M. do C. Araujo

Uma perspectiva arquivística e arquitetônica: levantamento, organização e acesso aos documentos gráficos relacionados ao patrimônio arquitetônico e paisagístico da Fundação Casa de Rui Barbosa
Valéria Peixinho da Silva e Felipe das Neves Lacerda

Reflexões sobre a documentação do Museu Casa de Rui Barbosa: investigação das fichas catalográficas e difusão da informação
Milena Gomes Moreira Bezerra

Fazenda Colubandê: memória dos cristãos-novos no Rio de Janeiro
Anna Figueiredo Vanoli

Contradições na apresentação de africanos no Dicionário de Macedo Soares
Daiane de Souza Villela da Silva

Descrito como "um instrumento de inserção periódica de dados sobre os bens culturais musealizados que integram os acervos museológico, bibliográfico e arquivístico dos museus brasileiros, para fins de identificação, acautelamento e preservação" (Instituto Brasileiro de Museus, 2020), o INBCM pretende organizar a informação acerca dos bens culturais brasileiros da forma mais universal possível, facilitando o fluxo de informações – e a recuperação destas – entre instituições. Cada tipo de acervo contemplado pelo INBCM tem especificações para identificação, catalogação e indexação. Essas classificações são necessárias para enquadrar o bem no instrumento. Todavia, esse sistema, apesar de procurar criar um padrão a nível nacional para a documentação em museus, não substitui outras formas de documentação que ocorrem nas instituições. Os metadados definidos pelo INBCM são denominados "elementos de descrição", distribuídos de forma personalizada para cada tipologia de acervo. As tipologias museológica e bibliográfica se assemelham e alguns dos elementos são compartilhados entre elas, como "número de registro", "outros números" e "situação", enquanto a tipologia arquivística possui maiores particularidades. Dentre esses elementos, algumas informações são obrigatórias e outras facultativas: o item "número de registro" é obrigatório tanto no acervo museológico quanto no bibliográfico, assim como a informação "outros números" é facultativa em ambos. Já o item "título" é uma informação obrigatória para acervos bibliográficos, porém facultativa em acervos museológicos. O item "situação" (que está presente nos acervos bibliográfico e museológico, mas não no arquivístico), é uma informação obrigatória e

Sumário

Apresentação
As organizadoras

Estudo da coleção bibliográfica de Rui Barbosa
Esther Nascimento M. do C. Araujo

Uma perspectiva arquivística e arquitetônica: levantamento, organização e acesso aos documentos gráficos relacionados ao patrimônio arquitetônico e paisagístico da Fundação Casa de Rui Barbosa
Valéria Peixinho da Silva e Felipe das Neves Lacerda

Reflexões sobre a documentação do Museu Casa de Rui Barbosa: investigação das fichas catalográficas e difusão da informação
Milena Gomes Moreira Bezerra

Fazenda Colubandê: memória dos cristãos-novos no Rio de Janeiro
Anna Figueiredo Vanoli

Contradições na apresentação de africanos no Dicionário de Macedo Soares
Daiane de Souza Villela da Silva

que contém três status em que o objeto pode se encontrar no acervo: localizado, não localizado ou excluído. Há, para o acervo museológico, o item "classificação", que aponta como informação facultativa o uso de um tesauro como vocabulário controlado.

Os elementos de descrição para identificação do bem cultural museológico são:

- número de registro (obrigatório);
- outros números (facultativo);
- situação (obrigatório);
- denominação (obrigatório);
- título (facultativo);
- autor (obrigatório);
- classificação (facultativo);
- resumo descritivo (obrigatório);
- dimensões (obrigatório);
- material/técnica (obrigatório);
- estado de conservação (obrigatório);

Sumário

Apresentação
As organizadoras

Estudo da coleção bibliográfica de Rui Barbosa
Esther Nascimento M. do C. Araujo

Uma perspectiva arquivística e arquitetônica: levantamento, organização e acesso aos documentos gráficos relacionados ao patrimônio arquitetônico e paisagístico da Fundação Casa de Rui Barbosa
Valéria Peixinho da Silva e Felipe das Neves Lacerda

Reflexões sobre a documentação do Museu Casa de Rui Barbosa: investigação das fichas catalográficas e difusão da informação
Milena Gomes Moreira Bezerra

Fazenda Colubandê: memória dos cristãos-novos no Rio de Janeiro
Anna Figueiredo Vanoli

Contradições na apresentação de africanos no Dicionário de Macedo Soares
Daiane de Souza Villela da Silva

- local de produção (facultativo);
- data de produção (facultativo);
- condições de reprodução (obrigatório);
- mídias relacionadas (facultativo).

Assim, notou-se que os campos obrigatórios "número de registro", "resumo descritivo", "dimensões" e "estado de conservação" aparecem em todos os modelos de fichas estudados. O campo "denominação" está presente nas fichas "B", "C", "D", "E" e "RUIBIB", aparecendo na ficha "B" como "título". Na ficha "A", a denominação do objeto não apresenta um metadado próprio, mas a informação aparece sempre no topo do campo "caracteres descritivos". O campo "material/técnica" está presente nas fichas "C", "D" e "RUIBIB", dividido em dois campos: "material" e "técnica", enquanto a ficha "B" apresenta apenas o campo "técnica", raramente preenchido. O campo "autor" está presente nas fichas "B", "C", "D" e "RUIBIB", poucas vezes preenchido, ainda pela particularidade de a tipologia museu-casa permitir que a autoria dos objetos presentes no acervo nem sempre seja identificada. Os campos "situação" e "condições de reprodução" não foram identificados em nenhuma das fichas.

Observou-se também que os campos facultativos "classificação" e "mídias relacionadas" estão presentes em todas as fichas estudadas, nomeados como "categoria" e "fotografias". É relevante considerar, no momento de elaboração de novos modelos de ficha catalográfica

Sumário

Apresentação
As organizadoras

Estudo da coleção bibliográfica de Rui Barbosa
Esther Nascimento M. do C. Araujo

Uma perspectiva arquivística e arquitetônica: levantamento, organização e acesso aos documentos gráficos relacionados ao patrimônio arquitetônico e paisagístico da Fundação Casa de Rui Barbosa
Valéria Peixinho da Silva e Felipe das Neves Lacerda

Reflexões sobre a documentação do Museu Casa de Rui Barbosa: investigação das fichas catalográficas e difusão da informação
Milena Gomes Moreira Bezerra

Fazenda Colubandê: memória dos cristãos-novos no Rio de Janeiro
Anna Figueiredo Vanoli

Contradições na apresentação de africanos no Dicionário de Macedo Soares
Daiane de Souza Villela da Silva

para o museu, o acréscimo do campo "outros números" para registrar números distintos, como os da ficha "E". Ademais, o sistema de numeração utilizado pelo Museu Casa de Rui Barbosa atualmente precisará ser repensado com a aproximação do ano de 2029, vislumbrando a possibilidade de novos registros de objetos a partir desse ano. Como mencionado, o padrão utilizado tem início no número 29.01A e 29.01B – sendo "29" relativo ao ano de 1929. Ainda, a divisão dos objetos do acervo em dois livros distintos pode passar por uma reavaliação, visando a equidade de importância desses objetos. Dessa forma, com a unificação dos livros e a abstração do ano de registro, existe a possibilidade de que o sistema de numeração do museu volte, eventualmente, a seguir o padrão numérico simples.

Destaca-se, ainda, a importância da existência de campos não citados no INBCM, em se tratando de um museu-casa com as particularidades do Museu Casa de Rui Barbosa. São estes: "localização", de forma a apontar a localização do objeto dentro do museu, especificando o cômodo; "forma de aquisição", detalhando se a peça foi adquirida por doação, compra ou incorporação, quando o objeto já se encontrava na casa no momento em que o museu foi fundado; "procedência", que deve identificar o doador do objeto, ou o meio pelo qual foi adquirido; e "data de aquisição", que, por vezes, é diferente da data de registro do objeto no museu.

Considerações finais

Alterações manuais em diversos tipos de fichas, tais como rasuras e anotações sem autoria, foram uma dificuldade frequentemente enfrentada no cotejo das informações.

CADERNOS DE
INICIAÇÃO
CIENTÍFICA
Trabalhos Premiados na 19ª Jornada

Sumário

Apresentação
As organizadoras

Estudo da coleção bibliográfica de Rui Barbosa
Esther Nascimento M. do C. Araujo

Uma perspectiva arquivística e arquitetônica: levantamento, organização e acesso aos documentos gráficos relacionados ao patrimônio arquitetônico e paisagístico da Fundação Casa de Rui Barbosa
Valéria Peixinho da Silva e Felipe das Neves Lacerda

Reflexões sobre a documentação do Museu Casa de Rui Barbosa: investigação das fichas catalográficas e difusão da informação
Milena Gomes Moreira Bezerra

Fazenda Colubandê: memória dos cristãos-novos no Rio de Janeiro
Anna Figueiredo Vanoli

Contradições na apresentação de africanos no Dicionário de Macedo Soares
Daiane de Souza Villela da Silva

O problema pode se tornar maior futuramente, uma vez que, digitalmente, informações podem ser facilmente excluídas, adicionadas e substituídas sem deixar vestígios. Acerca desse assunto, Matos (2011) fala sobre a adoção do que chama de "manuais de procedimentos" para que, a partir de um conjunto de regras previamente estabelecidas, os profissionais de uma instituição de memória não realizem ações que possam culminar na perda da informação. A ausência dos referidos manuais no Museu Casa de Rui Barbosa culminou em dúvidas que não foram solucionadas com o decorrer do projeto: por que o sistema de numeração da instituição foi alterado? Por que diferentes modelos de fichas foram produzidos concomitantemente? Algumas perguntas permanecem sem respostas, e a elaboração de manuais é uma forma de minimizar esse impasse futuramente.

Por outro lado, um problema que, possivelmente, será facilmente solucionado com a digitalização e o carregamento das fichas no meio digital é a questão das fotografias de objetos do acervo mal anexadas às respectivas fichas nas pastas físicas, ocasionando a separação desses itens em alguns casos, enquanto os meios tecnológicos poderiam possibilitar que a recuperação da informação fosse mais fácil e rápida.

É necessário, também, a adoção de um vocabulário controlado para o preenchimento de alguns metadados. Para o nome do objeto e a categoria, por exemplo, existe o *Tesauro de objetos do patrimônio cultural nos museus brasileiros*, de Helena Dodd Ferrez (2016). Contudo, é indispensável a criação de um vocabulário controlado ou manual de preenchimento adequado ao Museu Casa de Rui Barbosa, como forma de padronizar informações particulares do acervo museológico da instituição, vide exemplo dos campos de procedência

Sumário

Apresentação
As organizadoras

Estudo da coleção bibliográfica de Rui Barbosa
Esther Nascimento M. do C. Araujo

Uma perspectiva arquivística e arquitetônica: levantamento, organização e acesso aos documentos gráficos relacionados ao patrimônio arquitetônico e paisagístico da Fundação Casa de Rui Barbosa
Valéria Peixinho da Silva e Felipe das Neves Lacerda

Reflexões sobre a documentação do Museu Casa de Rui Barbosa: investigação das fichas catalográficas e difusão da informação
Milena Gomes Moreira Bezerra

Fazenda Colubandê: memória dos cristãos-novos no Rio de Janeiro
Anna Figueiredo Vanoli

Contradições na apresentação de africanos no Dicionário de Macedo Soares
Daiane de Souza Villela da Silva

das peças, que são descritos de diferentes formas nas fichas (Maria Augusta; Maria Augusta Rui Barbosa; D. Maria Augusta Rui Barbosa etc.). Essa falta de padronização dos dados dificulta o trabalho de organização e recuperação da informação.

Mesmo com 97% das fichas digitalizadas, existem objetos que não foram identificados, nem nas fichas, nem nos inventários consultados. É previsto que, após o carregamento de todas as fichas em meio digital, seja realizado um trabalho de busca nos demais setores da instituição, como o Arquivo Histórico e Institucional da Fundação Casa de Rui Barbosa, por fichas não encontradas nas pastas da Sala de Conservação, para que estas também possam ser digitalizadas e disponibilizadas para o acesso do público geral. Para o caso de não serem encontradas fichas referentes aos objetos que não foram identificados, é ideal que se realize uma consulta aos livros de tombo do museu, de forma a identificar os objetos sem ficha catalográfica.

Referências

ALMEIDA, Álea Santos; RANGEL, Aparecida Marina de Souza. Os cómodos do Museu Casa de Rui Barbosa enquanto museália. *Revista Museus e Estudos Interdisciplinares*, [*s. l.*], v. 8, p. 1-15, 2017.

COSTA, Antonio Joaquim da. *Rui Barbosa na intimidade*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1949.

CADERNOS DE
INICIAÇÃO
CIENTÍFICA
Trabalhos Premiados na 19ª Jornada

Sumário

Apresentação
As organizadoras

Estudo da coleção bibliográfica de Rui Barbosa
Esther Nascimento M. do C. Araujo

Uma perspectiva arquivística e arquitetônica: levantamento, organização e acesso aos documentos gráficos relacionados ao patrimônio arquitetônico e paisagístico da Fundação Casa de Rui Barbosa
Valéria Peixinho da Silva e Felipe das Neves Lacerda

Reflexões sobre a documentação do Museu Casa de Rui Barbosa: investigação das fichas catalográficas e difusão da informação
Milena Gomes Moreira Bezerra

Fazenda Colubandê: memória dos cristãos-novos no Rio de Janeiro
Anna Figueiredo Vanoli

Contradições na apresentação de africanos no Dicionário de Macedo Soares
Daiane de Souza Villela da Silva

FERREZ, Helena Dodd. Documentação museológica: teoria para uma boa prática. *In*: FÓRUM DE MUSEUS DO NORDESTE, 4., 1991, Recife. *Anais* […]. [*S. l.*: *s. n.*], 1991.

FERREZ, Helena Dodd. *Tesauro de objetos do patrimônio cultural nos museus brasileiros*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2016.

FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. *Inventário Museu Casa de Rui Barbosa 2019-2020*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2020. Disponível em: https://rubi.casarui-barbosa.gov.br/bitstream/handle/20.500.11997/16693/Invent%c3%a1rio%20MCRB%20 2019.2020.pdf?sequence=3&isAllowed=y. Acesso em 1 dez. 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. Resolução Normativa nº 2, de 29 de agosto de 2014. Estabelece os elementos de descrição das informações sobre o acervo museológico, bibliográfico e arquivístico que devem ser declarados no Inventário Nacional dos Bens Culturais Musealizados, em consonância com o Decreto nº 8.124, de 17 de outubro. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 8 set. 2020. Disponível em: https://www.museus.gov.br/wpcontent/uploads/2014/09/ResolucaoNormativa2_INBCM.pdf. Acesso em: 30 dez. 2024.

MAGALHÃES, Rejane Mendes Moreira de Almeida. *Rui Barbosa na Vila Maria Augusta*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2003.

MATOS, Alexandre. *A importância da documentação e gestão das coleções na qualidade e certificação dos Museus*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2011. (Ensaios e práticas em Museologia 1)

CADERNOS DE
INICIAÇÃO
CIENTÍFICA
Trabalhos Premiados na 19ª Jornada

Sumário

Apresentação
As organizadoras

Estudo da coleção bibliográfica de Rui Barbosa
Esther Nascimento M. do C. Araujo

Uma perspectiva arquivística e arquitetônica: levantamento, organização e acesso aos documentos gráficos relacionados ao patrimônio arquitetônico e paisagístico da Fundação Casa de Rui Barbosa
Valéria Peixinho da Silva e Felipe das Neves Lacerda

Reflexões sobre a documentação do Museu Casa de Rui Barbosa: investigação das fichas catalográficas e difusão da informação
Milena Gomes Moreira Bezerra

Fazenda Colubandê: memória dos cristãos-novos no Rio de Janeiro
Anna Figueiredo Vanoli

Contradições na apresentação de africanos no Dicionário de Macedo Soares
Daiane de Souza Villela da Silva

RANGEL, Aparecida Marina de Souza. *Museu Casa de Rui Barbosa*: entre o público e o privado. 2015. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

CADERNOS DE
INICIAÇÃO
CIENTÍFICA
Trabalhos Premiados na 19ª Jornada

Sumário

Apresentação
As organizadoras

Estudo da coleção bibliográfica de Rui Barbosa
Esther Nascimento M. do C. Araujo

Uma perspectiva arquivística e arquitetônica: levantamento, organização e acesso aos documentos gráficos relacionados ao patrimônio arquitetônico e paisagístico da Fundação Casa de Rui Barbosa
Valéria Peixinho da Silva e Felipe das Neves Lacerda

Reflexões sobre a documentação do Museu Casa de Rui Barbosa: investigação das fichas catalográficas e difusão da informação
Milena Gomes Moreira Bezerra

Fazenda Colubandê: memória dos cristãos-novos no Rio de Janeiro
Anna Figueiredo Vanoli

Contradições na apresentação de africanos no Dicionário de Macedo Soares
Daiane de Souza Villela da Silva

Fundação Casa de Rui Barbosa

Fazenda Colubandê: memória dos cristãos-novos no Rio de Janeiro

Anna Figueiredo Vanoli[11]

Orientadora: Ana Pessoa

Introdução

Este artigo foi desenvolvido no âmbito do projeto "A casa senhorial em Portugal, Brasil e Goa: anatomia de interiores", coordenado pela professora doutora Ana Pessoa, voltado para o estudo das casas de elite no Brasil, e dedica-se à análise da Fazenda Colubandê, em São Gonçalo, visitada pelo grupo de pesquisa em março de 2024.

O estudo toma a fazenda como parte da memória dos cristãos-novos no Rio de Janeiro, elo colonial que sobreviveu ao ímpeto do Santo Ofício e às subsequentes mudanças da paisagem fluminense. Certamente a memória coletiva acompanha esse curso e se perde: os cristãos-novos brasileiros, infelizmente, são pouco conhecidos pela população, mesmo em relação ao engenho que ocuparam durante quase um século.

Hoje situada em área urbana, à margem da rodovia RJ-104, a Fazenda Colubandê é o único patrimônio gonçalense tombado pelo Governo Federal.[12] Ela foi uma das maiores

[11] Graduanda da Escola de Museologia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio); bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) na Fundação Casa de Rui Barbosa.

[12] O tombamento se deu em 1939, após dois anos da criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Sphan), hoje Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan).

Sumário

Apresentação
As organizadoras

Estudo da coleção bibliográfica de Rui Barbosa
Esther Nascimento M. do C. Araujo

Uma perspectiva arquivística e arquitetônica: levantamento, organização e acesso aos documentos gráficos relacionados ao patrimônio arquitetônico e paisagístico da Fundação Casa de Rui Barbosa
Valéria Peixinho da Silva e Felipe das Neves Lacerda

Reflexões sobre a documentação do Museu Casa de Rui Barbosa: investigação das fichas catalográficas e difusão da informação
Milena Gomes Moreira Bezerra

Fazenda Colubandê: memória dos cristãos-novos no Rio de Janeiro
Anna Figueiredo Vanoli

Contradições na apresentação de africanos no Dicionário de Macedo Soares
Daiane de Souza Villela da Silva

produtoras para o mercado externo (açúcar) e interno (gado) no Recôncavo da Guanabara nos séculos XVII e XVIII. É, portanto, um valioso documento histórico para o qual podem convergir diversas análises, tão diversas quanto seu histórico de ocupação.

De maneira geral, de grande produtora "cristã-nova" sustentada pela força de trabalho escravizada, tornou-se residência de capitães, coronel e alferes; depois, converteu-se em sede do Country Club e, atualmente, sede do Comando da Polícia Ambiental. É inegável que a Colubandê pertenceu a diversos proprietários e sofreu alterações significativas ao longo dos séculos. Igualmente factual é o abandono ao qual foi submetida na última década, descaso denunciado pela sociedade civil,[13] mas que foi mitigado por sua restauração pelo Iphan (2022-2024).

Destarte, este artigo faz um recorte do período entre 1618 e 1711, quando a propriedade pertenceu aos Vale, família de senhores de engenho cristãos-novos, isto é, descendentes de judeus ibéricos convertidos à força ao cristianismo. Desse modo, a Fazenda Colubandê pode ser considerada um dos únicos remanescentes cristãos-novos no estado, o que deu ensejo ao estudo desses ocupantes cristãos-novos sob a égide das fontes inquisitoriais, hoje amplamente disponíveis em formato digital pelo site do Arquivo Nacional Torre do Tombo, e da produção historiográfica acerca dessas fontes.

[13] O período de abandono começa em 2012 e termina em 2021. Vários grupos foram formados ao longo do tempo para a vigília do espaço e reclamação perante as autoridades, mas o único que se constatou estar em atuação hoje é o Coletivo Fazenda Colubandê – Quem Ama Cuida, focado em educação patrimonial e turismo cultural.

CADERNOS DE
INICIAÇÃO
CIENTÍFICA
Trabalhos Premiados na 19ª Jornada

Sumário

Apresentação
As organizadoras

Estudo da coleção bibliográfica de Rui Barbosa
Esther Nascimento M. do C. Araujo

Uma perspectiva arquivística e arquitetônica: levantamento, organização e acesso aos documentos gráficos relacionados ao patrimônio arquitetônico e paisagístico da Fundação Casa de Rui Barbosa
Valéria Peixinho da Silva e Felipe das Neves Lacerda

Reflexões sobre a documentação do Museu Casa de Rui Barbosa: investigação das fichas catalográficas e difusão da informação
Milena Gomes Moreira Bezerra

Fazenda Colubandê: memória dos cristãos-novos no Rio de Janeiro
Anna Figueiredo Vanoli

Contradições na apresentação de africanos no Dicionário de Macedo Soares
Daiane de Souza Villela da Silva

> no dito engenho consta de quatro casas todas necessárias para a fábrica [...], trinta e cinco escravos [...] cento e vinte bois, sete ou oito cavalos tudo necessário para a dita fábrica, e légua e meia de terra, parte dela que tinha pastos para os ditos bois, e outra que estava ainda em mato e tinha canaviais e uma casa em que vivia sua família, com vinte ou vinte e duas cabeças de escravos entre pequenos e grandes o qual engenho com todas as suas pertenças valeria setenta mil cruzados (Inventário do Processo nº 11.492, 1710, de Simão Rodrigues de Andrade).

Não se sabe ao certo como era configurada a fazenda em seus primórdios, em razão da ausência de plantas antigas. Porém, pelos inventários, como o de Simão Rodrigues, possivelmente incompletos, visto que muitos cristãos-novos sub-reportavam seus bens na esperança de recuperá-los de alguma forma, é possível determinar que se tratava de uma propriedade de médio a grande porte. O número de escravizados empenhado na lavoura estava dentro da média para o Recôncavo da Guanabara (11 a 40 indivíduos) (Machado, 2011, p. 3) e o engenho tinha uma produção líquida expressiva, de 60 caixas, "as menores com 30 arrobas algumas de açúcar mascavo e outras ainda por tirar o açúcar, que preencheria 8 ou 12 caixas" (Silva, 1995, p. 60).

O que se apresenta hoje da antiga imponência da Colubandê é a casa sede (Figura 1a), do século XVIII, e a capela (Figura 1b), do século XVII. Aquela aparta-se desta por um grande pátio, elevando-se do solo sobre porão habitável. Internamente, a casa organiza-se em torno de um pátio central alpendrado, que abriga um poço.

Sumário

Apresentação
As organizadoras

Estudo da coleção bibliográfica de Rui Barbosa
Esther Nascimento M. do C. Araujo

Uma perspectiva arquivística e arquitetônica: levantamento, organização e acesso aos documentos gráficos relacionados ao patrimônio arquitetônico e paisagístico da Fundação Casa de Rui Barbosa
Valéria Peixinho da Silva e Felipe das Neves Lacerda

Reflexões sobre a documentação do Museu Casa de Rui Barbosa: investigação das fichas catalográficas e difusão da informação
Milena Gomes Moreira Bezerra

Fazenda Colubandê: memória dos cristãos-novos no Rio de Janeiro
Anna Figueiredo Vanoli

Contradições na apresentação de africanos no Dicionário de Macedo Soares
Daiane de Souza Villela da Silva

Figura 1 – a) Fachada frontal (à esquerda) e b) Capela de Sant'Ana (à direita), da Fazenda Colubandê.



Fonte: A Casa Senhorial.

O programa interior (Figura 2) divide-se em: área de receber (varanda e cômodos posteriores – sala de jantar, de visitas e oratório); área de serviços, à direita (copa, cozinha, quarto de empregados e dois dormitórios); e a área privada/familiar, à esquerda.

A fachada frontal da casa possui, em forma de U, uma varanda sustentada por 17 colunas toscanas, intercaladas por bancos e elementos decorativos. O telhado é amplo, com detalhes nas molduras e bordas proporcionais. Há também, à direita da casa, uma escada de dois lances com robusto guarda corpo em alvenaria, elemento que, combinado à predominância de cheios em relação aos vazios, constrói a típica aparência da casa colonial. Nesse sentido, Cardozo (1943) marca os alpendres – presumivelmente influência dos claustros franciscanos – e as escadas (Figura 3) como os elementos mais reconhecíveis na fisionomia das casas lusitanas e brasileiras.

CADERNOS DE
INICIAÇÃO
CIENTÍFICA
Trabalhos Premiados na 19ª Jornada

Sumário

Apresentação
As organizadoras

Estudo da coleção bibliográfica de Rui Barbosa
Esther Nascimento M. do C. Araujo

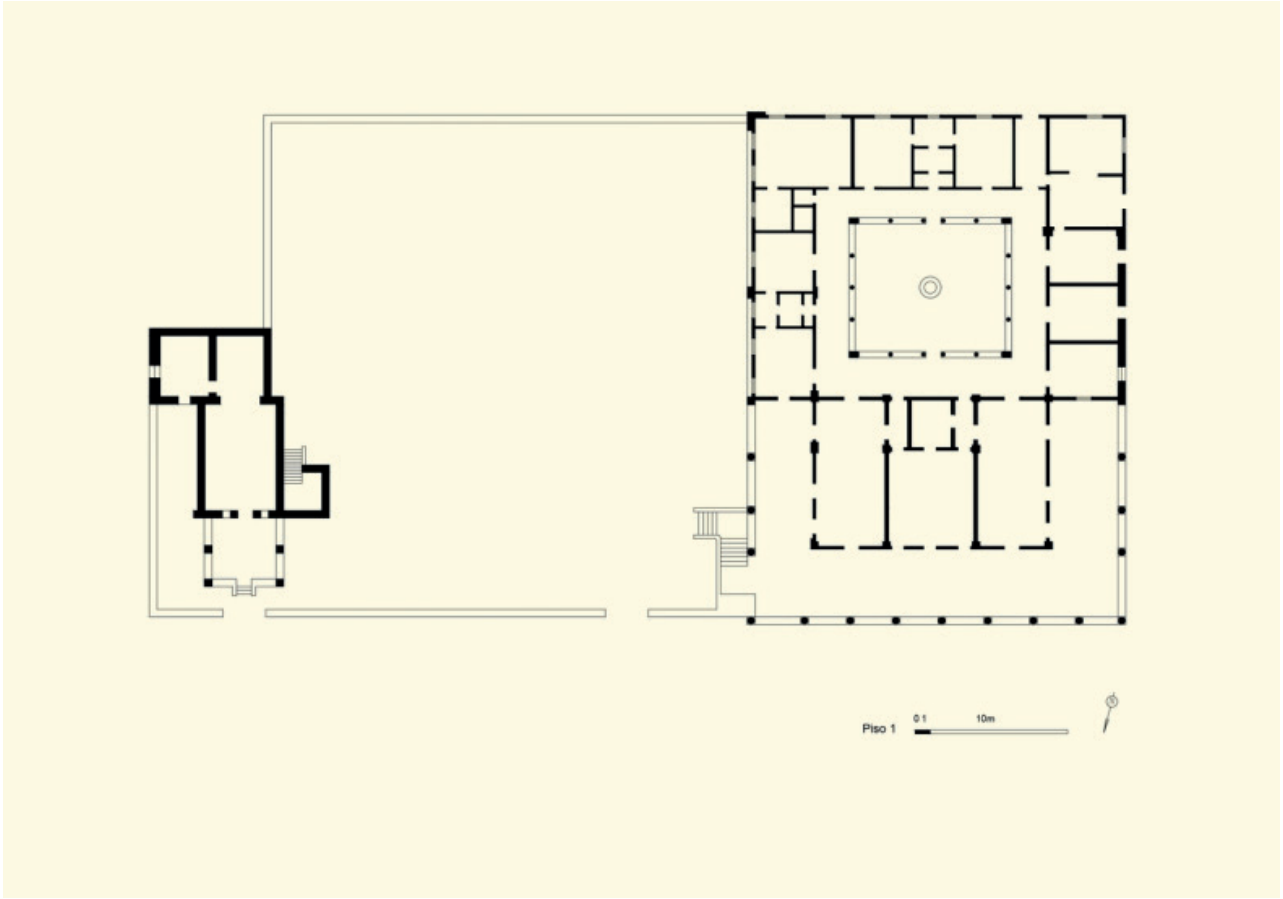
Uma perspectiva arquivística e arquitetônica: levantamento, organização e acesso aos documentos gráficos relacionados ao patrimônio arquitetônico e paisagístico da Fundação Casa de Rui Barbosa
Valéria Peixinho da Silva e Felipe das Neves Lacerda

Reflexões sobre a documentação do Museu Casa de Rui Barbosa: investigação das fichas catalográficas e difusão da informação
Milena Gomes Moreira Bezerra

Fazenda Colubandê: memória dos cristãos-novos no Rio de Janeiro
Anna Figueiredo Vanoli

Contradições na apresentação de africanos no Dicionário de Macedo Soares
Daiane de Souza Villela da Silva

Figura 2 – Planta baixa da Fazenda.



Fonte: Elaboração de Sávia Pontes Paz.

Sumário

Apresentação
As organizadoras

Estudo da coleção bibliográfica de Rui Barbosa
Esther Nascimento M. do C. Araujo

Uma perspectiva arquivística e arquitetônica: levantamento, organização e acesso aos documentos gráficos relacionados ao patrimônio arquitetônico e paisagístico da Fundação Casa de Rui Barbosa
Valéria Peixinho da Silva e Felipe das Neves Lacerda

Reflexões sobre a documentação do Museu Casa de Rui Barbosa: investigação das fichas catalográficas e difusão da informação
Milena Gomes Moreira Bezerra

Fazenda Colubandê: memória dos cristãos-novos no Rio de Janeiro
Anna Figueiredo Vanoli

Contradições na apresentação de africanos no Dicionário de Macedo Soares
Daiane de Souza Villela da Silva

Figura 3 – Detalhe das escadas.



Fonte: A Casa Senhorial.

A capela, independente da casa sede, possui nártex – na parte externa, em forma de pequena varanda, onde é possível sentar-se –, é composta por nave, arco do cruzeiro, capela-mor, sacristia, torre e coro, praticamente uma pequena igreja. Durante a ocupação cristã-nova era dedicada à Invocação Nossa Senhora de Monserrate, devoção espanhola celebrada no dia 8 de setembro, mês importante no calendário judaico por nele celebrar-se seu ano-novo e o

Sumário

Apresentação
As organizadoras

Estudo da coleção bibliográfica de Rui Barbosa
Esther Nascimento M. do C. Araujo

Uma perspectiva arquivística e arquitetônica: levantamento, organização e acesso aos documentos gráficos relacionados ao patrimônio arquitetônico e paisagístico da Fundação Casa de Rui Barbosa
Valéria Peixinho da Silva e Felipe das Neves Lacerda

Reflexões sobre a documentação do Museu Casa de Rui Barbosa: investigação das fichas catalográficas e difusão da informação
Milena Gomes Moreira Bezerra

Fazenda Colubandê: memória dos cristãos-novos no Rio de Janeiro
Anna Figueiredo Vanoli

Contradições na apresentação de africanos no Dicionário de Macedo Soares
Daiane de Souza Villela da Silva

Dia do Perdão (esses fatos não têm relação comprovada, mas chamam a atenção para possíveis significados culturais das devoções cristãs novas). Sem poder precisar a data, o orago passou a ser Sant'Ana, devoção bem mais generalizada; os azulejos da capela-mor retratam duas cenas sagradas, uma relacionada a Sant'Ana. No lado direito, os Esponsais da Virgem (Seminário […], 2023), e do lado esquerdo a Sant'Ana Mestra, que ensina a infanta Maria a ler. Havia também, no retábulo-mor, uma imagem de Sant'Ana Mestra, provavelmente em madeira (Figura 4b). Na capela deu-se o casamento, em 17 de agosto de 1700, de João da Fonseca Bernal e Grácia Duarte de Andrade, filha de Ana do Vale, matriarca da família e última proprietária cristã-nova da Colubandê (Molina; Silva, 1976, p. 60).

Figura 4 – a) elementos decorativos representando Sant'Ana Mestra (esquerda); b) escultura devocional representando Sant'Ana Mestra (centro); e c) os Esponsais da Virgem (direita).



Fonte: A Casa Senhorial.

CADERNOS DE
INICIAÇÃO
CIENTÍFICA
Trabalhos Premiados na 19ª Jornada

Sumário

Apresentação
As organizadoras

Estudo da coleção bibliográfica de Rui Barbosa
Esther Nascimento M. do C. Araujo

Uma perspectiva arquivística e arquitetônica: levantamento, organização e acesso aos documentos gráficos relacionados ao patrimônio arquitetônico e paisagístico da Fundação Casa de Rui Barbosa
Valéria Peixinho da Silva e Felipe das Neves Lacerda

Reflexões sobre a documentação do Museu Casa de Rui Barbosa: investigação das fichas catalográficas e difusão da informação
Milena Gomes Moreira Bezerra

Fazenda Colubandê: memória dos cristãos-novos no Rio de Janeiro
Anna Figueiredo Vanoli

Contradições na apresentação de africanos no Dicionário de Macedo Soares
Daiane de Souza Villela da Silva

A falta de documentação torna difícil determinar influências judaicas na construção. Contudo, a configuração da Colubandê, aliada às fontes discutidas adiante, aponta para uma ocupação envolvida com o crescente desenvolvimento das relações sociais e econômicas da elite canavieira, que passou a ter uma vida social mais ativa e maior cuidado estético com os aspectos exteriores da habitação e locais de culto.

Em meados do século XVI, teve início um período em que foi materialmente possível exibir distinção social na forma de morar, e, mais conveniente ainda para os hereges: promover a imagem inconspícua de um bom cristão. Sendo assim, a fazenda, para além de representação do auge açucareiro no Recôncavo da Guanabara nos séculos XVII e XVIII, é raríssimo testemunho, na paisagem atual, da ação do Tribunal do Santo Ofício no Brasil, que encarcerou e expropriou em massa os cristãos-novos, naquele momento pelo menos 20% da elite açucareira carioca (Silva, 2008, p. 117).

Os cristãos-novos no Rio de Janeiro

Para entender as consequências e as implicações da repressão do tribunal no contexto da Colubandê, é necessário primeiro investigar quem foram os cristãos-novos no Brasil Colônia, em sua condição exclusiva: nem inteiramente judeus, nem católicos, mas certamente influentes na economia colonial, organizados em grandes redes de sociabilidade.

A história dos cristãos-novos no Brasil acompanha a história da colonização portuguesa. A própria categoria “cristão-novo” pode ser colocada em questão, visto que não

Sumário

Apresentação
As organizadoras

Estudo da coleção bibliográfica de Rui Barbosa
Esther Nascimento M. do C. Araujo

Uma perspectiva arquivística e arquitetônica: levantamento, organização e acesso aos documentos gráficos relacionados ao patrimônio arquitetônico e paisagístico da Fundação Casa de Rui Barbosa
Valéria Peixinho da Silva e Felipe das Neves Lacerda

Reflexões sobre a documentação do Museu Casa de Rui Barbosa: investigação das fichas catalográficas e difusão da informação
Milena Gomes Moreira Bezerra

Fazenda Colubandê: memória dos cristãos-novos no Rio de Janeiro
Anna Figueiredo Vanoli

Contradições na apresentação de africanos no Dicionário de Macedo Soares
Daiane de Souza Villela da Silva

é autodeterminatória, mas uma imposição da Igreja Católica, que, por meio dos dispositivos eclesiásticos e estatais, na figura do rei Dom Manuel, forçou os judeus ibéricos a se converterem ao cristianismo a partir de 1497. Nesse sentido, a Inquisição no Brasil deu continuidade a essa perseguição e instaurou medo por três inconstantes séculos, desde 1580, ano em que o Santo Ofício delegou poderes inquisitoriais ao bispo da Bahia. Observar-se-á que o tribunal se concentrava nos centros econômicos: a maior parte dos presos no Brasil no século XVII chegava da Bahia, capital à época. Já no século XVIII, a maioria provinha do Rio de Janeiro, de onde o ouro mineiro era escoado para Portugal (Novinsky, 2009, p. 79).

Se a alcunha pejorativa não os define, quem, ou o quê, o faz? Em resposta a essas perguntas, Lina Gorenstein examinou, quantitativa e qualitativamente, características constitutivas dos cristãos-novos brasileiros, sobretudo no Rio de Janeiro. Buscou, assim, reconstruir, a partir do estudo dos processos inquisitoriais no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, a identidade do grupo. Para Gorenstein, o criptojudaísmo, a centralidade das mulheres, a endogamia, a miscigenação, e, por fim, as redes de sociabilidade próprias podem ser consideradas as suas características definidoras.

O primeiro ponto, o criptojudaísmo, diz respeito à prática entre quatro paredes de ritos judaicos, a crença na Lei de Moisés. Verifica-se nos autos dos processos que essa característica sobreviveu nas famílias cristãs-novas em diferentes graus. Quando eram praticados, esses ritos geralmente consistiam em restrições alimentares – não comer carne de porco –, jejuns entre os anoiteceres de sexta e sábado (*Shabbat*) e pelas almas dos mortos, orações

católicas subvertidas – como os salmos de Davi sem *Gloria Patri* no final – e comemoração coletiva das datas judaicas, como o Dia Grande ou Dia do Perdão (*Yom Kippur*), de modo que a preparação para tais dias era essencial e incluía acender velas em oração, limpar meticulosamente a si e à casa, se reunir e vestir as melhores roupas.

Entretanto, não é possível determinar quantas e quais famílias verdadeiramente mantinham essas tradições, tendo em vista que, ao serem presos, os réus eram interrogados sob tortura e não tinham permissão para saber exatamente pelo que eram processados. Assim, um dos únicos recursos de sobrevivência – incentivado pela Inquisição – era delatar tanto a si mesmo quanto ao maior número de pessoas possível. Consequentemente, mesmo o cristão-novo que não era criptojudeu, tendo o mínimo conhecimento sobre o funcionamento do tribunal, uma vez preso e buscando atenuar a pena, preparava-se para confessar seu criptojudaísmo. Afinal, ter sangue impuro, independentemente do quão diluído, já era motivo suficiente para a expropriação e condenação sob o jugo do Santo Ofício.

O segundo ponto, a centralidade da mulher cristã-nova, expressa que estas desempenhavam papéis ativos na sociedade, mais do que se esperaria da mulher colonial, administrando os engenhos e partidos dos maridos, os quais eram profissionais-liberais que trabalhavam no centro da cidade como advogados, comerciantes, médicos etc. Não obstante saber ler e/ou escrever (mais de metade das cristãs-novas presas no Rio era alfabetizada) (Silva, 2008, p. 177), algumas delas lidavam com as demandas comerciais enquanto também educavam seus filhos, sem deixar de circular pelos meios católicos e manter as aparências.

CADERNOS DE
INICIAÇÃO
CIENTÍFICA
Trabalhos Premiados na 19ª Jornada

Sumário

Apresentação
As organizadoras

Estudo da coleção bibliográfica de Rui Barbosa
Esther Nascimento M. do C. Araujo

Uma perspectiva arquivística e arquitetônica: levantamento, organização e acesso aos documentos gráficos relacionados ao patrimônio arquitetônico e paisagístico da Fundação Casa de Rui Barbosa
Valéria Peixinho da Silva e Felipe das Neves Lacerda

Reflexões sobre a documentação do Museu Casa de Rui Barbosa: investigação das fichas catalográficas e difusão da informação
Milena Gomes Moreira Bezerra

Fazenda Colubandê: memória dos cristãos-novos no Rio de Janeiro
Anna Figueiredo Vanoli

Contradições na apresentação de africanos no Dicionário de Macedo Soares
Daiane de Souza Villela da Silva

CADERNOS DE
INICIAÇÃO
CIENTÍFICA
Trabalhos Premiados na 19ª Jornada

Sumário

Apresentação
As organizadoras

Estudo da coleção bibliográfica de Rui Barbosa
Esther Nascimento M. do C. Araujo

Uma perspectiva arquivística e arquitetônica: levantamento, organização e acesso aos documentos gráficos relacionados ao patrimônio arquitetônico e paisagístico da Fundação Casa de Rui Barbosa
Valéria Peixinho da Silva e Felipe das Neves Lacerda

Reflexões sobre a documentação do Museu Casa de Rui Barbosa: investigação das fichas catalográficas e difusão da informação
Milena Gomes Moreira Bezerra

Fazenda Colubandê: memória dos cristãos-novos no Rio de Janeiro
Anna Figueiredo Vanoli

Contradições na apresentação de africanos no Dicionário de Macedo Soares
Daiane de Souza Villela da Silva

A respeito do terceiro ponto, o casamento endogâmico (entre familiares), Gorenstein explana que, no núcleo familiar cristão-novo, por mais que não fosse exceção às práticas da elite colonial, a ocorrência quase que exclusiva da endogamia traz uma característica implícita. Nada mais é do que a exclusão social, advinda em partes da pressão externa, da sabida necessidade da "pureza do sangue" por parte de cristãos-velhos. Autoisolamento ou não, o fato é que isso resultava na proximidade entre os "clãs", que assim concentravam os bens entre os seus, contribuindo para a formação de uma rede de engenhos em que ativamente se participava nos empreendimentos uns dos outros.

Por outro lado, também não dessemelhante aos hábitos da elite colonial cristã-velha, os cristãos-novos mantinham relações extraconjugais e filhos ilegítimos. Segundo Bruno Feitler, dos 325 presos por judaísmo no Seiscentos e Setecentos no Rio de Janeiro, 48 eram mestiços e três negros. Desses 48, cerca de 23 eram filhos legítimos (Feitler, 2012, p. 48). Gorenstein defende que os ilegítimos também eram, não raro, batizados e acolhidos pelo pai, convivendo com os irmãos, trabalhando nos engenhos, e às vezes recebiam educação.

Sobre o último ponto elencado, as redes de sociabilidade das famílias cristãs-novas fortaleciam os negócios por meio de relações de trabalho e casamento, moldando amizades e rivalidades entre clãs, dinâmica esmagada com a ação mais contundente do tribunal no Rio de Janeiro. Mais do que isso, essas redes, na ausência de sinagogas, rabinos e Torás, eram o principal, senão único, meio de transmitir as tradições judaicas remanescentes na família. Os criptojudeus mais velhos ensinavam a todos que se dispusessem a ouvir, sem seguir o critério de linhagem por parte materna, ou mesmo qualquer critério de

Sumário

Apresentação
As organizadoras

Estudo da coleção bibliográfica de Rui Barbosa
Esther Nascimento M. do C. Araujo

Uma perspectiva arquivística e arquitetônica: levantamento, organização e acesso aos documentos gráficos relacionados ao patrimônio arquitetônico e paisagístico da Fundação Casa de Rui Barbosa
Valéria Peixinho da Silva e Felipe das Neves Lacerda

Reflexões sobre a documentação do Museu Casa de Rui Barbosa: investigação das fichas catalográficas e difusão da informação
Milena Gomes Moreira Bezerra

Fazenda Colubandê: memória dos cristãos-novos no Rio de Janeiro
Anna Figueiredo Vanoli

Contradições na apresentação de africanos no Dicionário de Macedo Soares
Daiane de Souza Villela da Silva

linhagem, já que houve também escravizados, ou mestiços livres, presos por culpa de judaísmo, também levados a Lisboa.

Diferentemente da América espanhola, não havia aqui um Tribunal do Santo Ofício; os presos no Rio de Janeiro eram detidos no Colégio dos Jesuítas, no morro do Castelo, e depois enviados aos Estaús, na praça do Rossio, em Lisboa, onde ficava o tribunal. Nessa praça também eram realizados os autos de fé, em que as sentenças eram pronunciadas e havia um espetáculo público criado em torno das punições recebidas principalmente pelos judaizantes, incluindo o "relaxamento ao braço secular": queima na fogueira.

> Realizaram-se 28 autos de fé em Lisboa durante o reinado de Dom João V, aos quais o rei, bem como a família real, raramente faltavam. O clima era de tal modo festivo que se aproveitava a ocasião para se organizarem banquetes. O espectáculo cruel de assistir à morte de pessoas queimadas na fogueira estimulava o apetite, que era sarcasticamente saciado com pratos de carne assada (Rota Memorial do Convento, 2025).

Anunciavam-se castigos e sentenças do tribunal, como o uso perpétuo do hábito penitenciário, o sambenito, uma roupa feita de estopa com a cruz de Santo André pintada, um enorme X na frente e nas costas. Ninguém era absolvido diante dos espectadores, que ali se encontravam amontoados sob o pretexto de "benefícios espirituais": autoridades civis, eclesiásticas, e, na capital, a família real.

Para muito além da fé, são evidentes as motivações econômicas e políticas por trás da perseguição religiosa aos cristãos-novos. Exemplo disso foi a contribuição

Sumário

Apresentação
As organizadoras

Estudo da coleção bibliográfica de Rui Barbosa
Esther Nascimento M. do C. Araujo

Uma perspectiva arquivística e arquitetônica: levantamento, organização e acesso aos documentos gráficos relacionados ao patrimônio arquitetônico e paisagístico da Fundação Casa de Rui Barbosa
Valéria Peixinho da Silva e Felipe das Neves Lacerda

Reflexões sobre a documentação do Museu Casa de Rui Barbosa: investigação das fichas catalográficas e difusão da informação
Milena Gomes Moreira Bezerra

Fazenda Colubandê: memória dos cristãos-novos no Rio de Janeiro
Anna Figueiredo Vanoli

Contradições na apresentação de africanos no Dicionário de Macedo Soares
Daiane de Souza Villela da Silva

obrigatória a ser paga pelos penitenciados nos autos de 1711 e 1713, estipulada pelo tribunal: 6% pelas casas e 3% pelos engenhos sequestrados pelo Fisco Real. Os presos, assim, eram forçados a pagar pela própria aniquilação, como também foram forçados a pagar uma parte do resgate da cidade do Rio de Janeiro pela invasão francesa de 1711 (Dines, 1992, p. 771).

A família Vale, ou "os gordos da Colubandê"

Donos cristãos-novos da Colubandê, a família Vale, ou, como eram conhecidos, "gordos da Colubandê", foi presa, expropriada, torturada e condenada por judaísmo, sentenciada então ao cárcere perpétuo e uso de sambenito pelo tribunal. Muitos membros dessa família estiveram sujeitos ao Ato Público de Fé de 26 de julho de 1711, segundo "auto brasileiro" – dos 44 residentes no Rio de Janeiro acusados de judaísmo presentes nesse auto, ao menos 24 eram do "clã" Vale (Dines, 1992, p. 921-929). Nem os idosos ou as crianças foram poupados dele; a mais velha tinha 71 anos e a mais nova 14 (ambas chamadas Helena do Vale; aquela era irmã de Ana do Vale, e esta sobrinha). Assim, pretende-se aqui responder, ao menos minimamente, algumas perguntas básicas: Quem foram os membros dessa família? Por que se tornaram um dos alvos imediatos da Inquisição no Rio de Janeiro setecentista, e em tão grande número?

Tomar-se-á a própria Colubandê como referência temporal na árvore genealógica. Duarte Ramires de Leão (Benyamin Benveniste, em Amsterdã) comprou a fazenda em

CADERNOS DE
INICIAÇÃO
CIENTÍFICA
Trabalhos Premiados na 19ª Jornada

Sumário

Apresentação
As organizadoras

Estudo da coleção bibliográfica de Rui Barbosa
Esther Nascimento M. do C. Araujo

Uma perspectiva arquivística e arquitetônica: levantamento, organização e acesso aos documentos gráficos relacionados ao patrimônio arquitetônico e paisagístico da Fundação Casa de Rui Barbosa
Valéria Peixinho da Silva e Felipe das Neves Lacerda

Reflexões sobre a documentação do Museu Casa de Rui Barbosa: investigação das fichas catalográficas e difusão da informação
Milena Gomes Moreira Bezerra

Fazenda Colubandê: memória dos cristãos-novos no Rio de Janeiro
Anna Figueiredo Vanoli

Contradições na apresentação de africanos no Dicionário de Macedo Soares
Daiane de Souza Villela da Silva

1618.[14] Ele era cristão-novo, descendente de Ishaack Naar, judeu expulso de Castela. Duarte casou-se em 1617 com Beatriz da Costa, irmã de Isabel Mendes de Seia, primeira cristã-nova a ser presa no Rio de Janeiro, ainda em 1628. A família se dispersou pelo mundo, mas pelo menos dois entre os 10 filhos de Duarte e Beatriz permaneceram no Rio de Janeiro: Domingos Rodrigues Ramires e Isabel Gomes da Costa.

Isabel Gomes da Costa casou-se com João do Vale da Silveira e tiveram sete filhos. Um destes é Duarte Rodrigues de Andrade, que parece herdar a Colubandê, já que assim consta em uma escritura de dívida (Escritura […], 1687), como fiador, em 1687. Na ocasião já estava casado há pelo menos 11 anos[15] com uma prima, Ana do Vale, filha de Manuel do Vale da Silveira e Isabel Gomes da Costa – um dos pais era provavelmente filho de Domingos Rodrigues Ramires –, casal dono de um engenho de Invocação Santo Antônio e São José, situado em Irajá (Escritura […], 1686). Eram também abastados, tanto que um dos quatro irmãos de Ana, José Ramires do Vale, formou-se em Coimbra, em 1682.

Duarte Rodrigues morre antes das prisões em massa, e já em 1696 as terras são referidas pelo nome da viúva (Escritura […], 1696), não mais o seu. O patriarca morreu sem testamento, e a partilha de bens entre os filhos nunca foi feita. Todos os seus inventários confirmam essa informação. Eram eles seis: Manuel do Vale da Silveira,

[14] Processo de Ana do Vale, nº 4.151.

[15] Conclui-se que foi antes com base na idade dos filhos do casal quando presos em 1711. O primogênito, Manuel do Vale da Silveira, homônimo do avô, declarou na ocasião da prisão que tinha 35 anos, datando assim a união, no mínimo, de 1676.

CADERNOS DE
INICIAÇÃO
CIENTÍFICA
Trabalhos Premiados na 19ª Jornada

Sumário

Apresentação
As organizadoras

Estudo da coleção bibliográfica de Rui Barbosa
Esther Nascimento M. do C. Araujo

Uma perspectiva arquivística e arquitetônica: levantamento, organização e acesso aos documentos gráficos relacionados ao patrimônio arquitetônico e paisagístico da Fundação Casa de Rui Barbosa
Valéria Peixinho da Silva e Felipe das Neves Lacerda

Reflexões sobre a documentação do Museu Casa de Rui Barbosa: investigação das fichas catalográficas e difusão da informação
Milena Gomes Moreira Bezerra

Fazenda Colubandê: memória dos cristãos-novos no Rio de Janeiro
Anna Figueiredo Vanoli

Contradições na apresentação de africanos no Dicionário de Macedo Soares
Daiane de Souza Villela da Silva

35 anos, com partido no engenho; Simão Rodrigues de Andrade, 32, com partido no engenho; José Ramires do Vale, também 32 anos, com "parte no engenho" não especificada; Domingos Rodrigues Ramires, 30 anos, com partido no engenho; Isabel Gomes da Costa, casada com seu primo João Soares de Mesquita, e por fim Grácia Duarte (já falecida quando das prisões, diferentemente de seu marido João da Fonseca, preso em 1713). Além dos quatro filhos homens, eram partidários nas terras de Ana do Vale: Alexandre Soares Pereira, Diogo Bernal da Fonseca, Francisco de Siqueira Machado e João Soares de Mesquita (Molina; Silva, 1998, p. 131), todos cristãos-novos.

Alexandre Soares Pereira foi peça-chave nas denúncias. Era filho de Leonor Gomes da Costa (por sua vez filha de Isabel Gomes da Costa e João do Vale da Silveira) e João Soares Pereira (natural do Alentejo, Portugal, e creditado como "iniciador" de muitos cristãos-novos). Herdou do pai, João Soares, uma parte do engenho de Invocação São Francisco, em São João de Meriti. A parte herdada pelos tios lhe foi vendida, assim, no inventário de 1709, quando foi preso, consta ser dono de todo o engenho. Consta também que devia 230$000 à tia, Ana do Vale, pelo quinhão na Colubandê que lhe pertencia (Escritura […], 1700).

Diogo Bernal da Fonseca era cunhado de Grácia Duarte. Tinha um partido com 11 escravos, e sua última safra foi de sete caixas, com 32 arrobas cada. Metade do que produzia deveria ser pago à Ana do Vale. Já Francisco de Siqueira Machado era médico, formado em Coimbra em 1680, ocupava o cargo de Médico da Câmara e Presídio no Rio de Janeiro, morando ao lado desta (Silva, 1995, p. 44-45). O último partidário, João Soares

Sumário

Apresentação
As organizadoras

Estudo da coleção bibliográfica de Rui Barbosa
Esther Nascimento M. do C. Araujo

Uma perspectiva arquivística e arquitetônica: levantamento, organização e acesso aos documentos gráficos relacionados ao patrimônio arquitetônico e paisagístico da Fundação Casa de Rui Barbosa
Valéria Peixinho da Silva e Felipe das Neves Lacerda

Reflexões sobre a documentação do Museu Casa de Rui Barbosa: investigação das fichas catalográficas e difusão da informação
Milena Gomes Moreira Bezerra

Fazenda Colubandê: memória dos cristãos-novos no Rio de Janeiro
Anna Figueiredo Vanoli

Contradições na apresentação de africanos no Dicionário de Macedo Soares
Daiane de Souza Villela da Silva

de Mesquita, irmão de Alexandre Soares Pereira, era filho de Leonor Gomes da Costa, irmã de Ana do Vale, e era casado com a filha desta, Isabel Gomes da Costa. Segundo seu inventário, o partido "no estado em que estava valeria vinte ha trinta mil reis. E que elle tinha nove escravos no dito partido [*sic*]".[16]

Foram identificados, além da Colubandê, do engenho de Invocação Santo Antônio, em Irajá, e o de Invocação São Francisco, em São João de Meriti, outros dois pertencentes a membros da família: um em Araruama, distrito de Cabo Frio, pertencente a João Rodrigues de Andrade,[17] filho bastardo de Simão Rodrigues de Andrade, "o Marruz" (apontado nos processos como ensinador da Lei de Moisés), com uma mulher negra ou parda, Mariana. O outro engenho era de João Rodrigues do Vale,[18] irmão de Ana do Vale, também tomado pelo Fisco.

Cabe analisar também as reais crenças da família. Eram eles apenas cristãos-novos ou também criptojudeus? As informações disponíveis apontam para a última alternativa,

[16] Processo de João Soares de Mesquita nº 11.480, p. 5.

[17] João Rodrigues de Andrade fazia parte dos negócios familiares locais, porém, após um desentendimento, rumou para as terras de Cabo Frio. Foi preso pela Inquisição em 1713, mas conseguiu vender seu engenho antes. Além disso, esteve envolvido na procura pelo ouro. Segundo Dines (1992, p. 494): "compôs a legião que subiam as escarpas em direção à Minas".

[18] Inventário dos bens de João Rodrigues do Vale, confiscados pela Inquisição, informa "que ele declarante tem um engenho no Rio de Janeiro, no sítio chamado Jacutinga, com 15 escravos, cobres e mais fábrica pertencente ao tal engenho, o qual engenho valerá 14.000 cruzados, e ele declarante tinha feito venda fantástica do dito engenho a um Domingos da Costa, lavrador, que lhe dava por ele a dita quantia, a quem o ouvidor do Rio de Janeiro o tirou por ter notícia que a dita escritura de venda era fantástica, o que ele declarante lhe confessou também. Preço: 14.000 Cruzados" (Novinsky, 1976, p. 148-149).

CADERNOS DE
INICIAÇÃO
CIENTÍFICA
Trabalhos Premiados na 19ª Jornada

Sumário

Apresentação
As organizadoras

Estudo da coleção bibliográfica de Rui Barbosa
Esther Nascimento M. do C. Araujo

Uma perspectiva arquivística e arquitetônica: levantamento, organização e acesso aos documentos gráficos relacionados ao patrimônio arquitetônico e paisagístico da Fundação Casa de Rui Barbosa
Valéria Peixinho da Silva e Felipe das Neves Lacerda

Reflexões sobre a documentação do Museu Casa de Rui Barbosa: investigação das fichas catalográficas e difusão da informação
Milena Gomes Moreira Bezerra

Fazenda Colubandê: memória dos cristãos-novos no Rio de Janeiro
Anna Figueiredo Vanoli

Contradições na apresentação de africanos no Dicionário de Macedo Soares
Daiane de Souza Villela da Silva

sobretudo o processo de Isabel Gomes da Costa. No que tange ao histórico familiar na Colubandê, Isabel Gomes da Costa, 49 anos, era casada com Manuel de Paredes da Costa, de outro clã açucareiro cristão-novo, os Paredes. A avó de Isabel, homônima, era sobrinha de Izabel Mendes, sentenciada ao auto da fé de 2 de abril de 1634, primeira e única moradora do Rio a ser presa pela Inquisição no século XVII. Izabel Mendes confessou ser judaizante convicta, questionava a trindade e a adoração a imagens (Silva, 2008, p. 120-121). Mais do que isso, segundo Gorenstein, era estudiosa da religião, idioma e história judaicas. Passadas três gerações, a maior parte desse conhecimento foi perdida:

> Em algumas orações de cristãos novos foram identificados personagens bíblicos; […] Nem sempre a história está de acordo com a bíblia, mas sempre tem lógica. Na oração de Isabel Gomes não há nem história, nem lógica. Entre os personagens que louva, dois vilões da história judaica: o Faraó e Amão […] identificando sua ignorância da história judaica (Silva, 2008, p. 125).

Isabel disse que as duas orações que sabia tinham sido ensinadas por sua avó homônima, quando tinha 13 anos. Ela (a neta) também realizava um jejum incomum aos cristãos-novos, o jejum do Dia Pequeno, *Yom Kipur Katan*. Não só Isabel, como toda a família, ainda mantinha viva a memória judaica. Guardavam o *Shabbat* e se juntavam para jejuar no Dia do Perdão na casa de Beatriz Henriques (esta não se achou; talvez fosse Beatriz da Paz, irmã solteira do médico Francisco, ou Branca Henriques, irmã de Leonor Gomes).[19] Rezavam, à sua maneira, o *Shemá*, a confissão de que o Senhor é um só,

[19] Processos nº 688 e nº 6.678, p. 14.

Sumário

Apresentação
As organizadoras

Estudo da coleção bibliográfica de Rui Barbosa
Esther Nascimento M. do C. Araujo

Uma perspectiva arquivística e arquitetônica: levantamento, organização e acesso aos documentos gráficos relacionados ao patrimônio arquitetônico e paisagístico da Fundação Casa de Rui Barbosa
Valéria Peixinho da Silva e Felipe das Neves Lacerda

Reflexões sobre a documentação do Museu Casa de Rui Barbosa: investigação das fichas catalográficas e difusão da informação
Milena Gomes Moreira Bezerra

Fazenda Colubandê: memória dos cristãos-novos no Rio de Janeiro
Anna Figueiredo Vanoli

Contradições na apresentação de africanos no Dicionário de Macedo Soares
Daiane de Souza Villela da Silva

e alguns salmos, especialmente os de Davi e os salmos penitenciais (Silva, 2008, p. 127). Nesse sentido, estavam presentes na Bíblia cristã alguns dos episódios mais importantes da Bíblia judaica, que os cristãos-novos consequentemente conheciam. É o caso do sacrifício ou da amarração de Isaac, profissão de fé fundamental para o judaísmo (chamado de *Akedah*, é lido no *Rosh Hashaná*, ano-novo judaico, e durante o *Yom Kippur*, o Dia Grande). A família Vale fez ao menos uma encenação do episódio bíblico, o que, uma vez descoberto, os colocou na mira do Santo Ofício.

A encenação do sacrifício ou amarração de Isaac

O sacrifício de Isaac (para cristãos) ou amarração de Isaac (para judeus) está presente no livro de Gênesis; narra que Deus ordenou a Abraão que oferecesse seu filho Isaac como sacrifício, o que Abraão faz, mas é impedido no último minuto por um anjo enviado por Deus, que interrompe o sacrifício e traz em substituição um carneiro para ser sacrificado, história que simboliza obediência e recompensa pela fé. Um acontecimento no mínimo curioso é a encenação dessa história em uma data indeterminada entre 1703 e 1705 por membros da família Vale. A perspectiva é contada em ao menos três processos sobre o ocorrido: o processo de João Soares Mesquita, o de Catarina Mendes e o de Maria Rodrigues. O primeiro, de 1711, conta o seguinte:

> haverá sete annos no Rio de Janeiro, no Engenho de Alexandre Soares, irmão dele confidente se achou com o mesmo e com a mulher deste chamada Leonor Mendes da Paz, e com uma irmã da mesma chamada Catarina Mendes, e com

CADERNOS DE
INICIAÇÃO
CIENTÍFICA
Trabalhos Premiados na 19ª Jornada

Sumário

Apresentação
As organizadoras

Estudo da coleção bibliográfica de Rui Barbosa
Esther Nascimento M. do C. Araujo

Uma perspectiva arquivística e arquitetônica: levantamento, organização e acesso aos documentos gráficos relacionados ao patrimônio arquitetônico e paisagístico da Fundação Casa de Rui Barbosa
Valéria Peixinho da Silva e Felipe das Neves Lacerda

Reflexões sobre a documentação do Museu Casa de Rui Barbosa: investigação das fichas catalográficas e difusão da informação
Milena Gomes Moreira Bezerra

Fazenda Colubandê: memória dos cristãos-novos no Rio de Janeiro
Anna Figueiredo Vanoli

Contradições na apresentação de africanos no Dicionário de Macedo Soares
Daiane de Souza Villela da Silva

Fundação Casa de Rui Barbosa

> Francisco de Siqueira, médico, e com Agostinho Lopes Flores, cunhado dele confidente, e com Brites Soares, irmã dele confidente e com Joseph Fernandes e Isabel da Paz, dos quais todos, tem já dito, e estando todos nove em observância da Lei de Moisés na qual se tinham já declarado fizeram o sacrificio de Abraão, e Isaac, fazendo a figura de Abraão o dito Agostinho e de Isaac um mulatinho de oito anos que ali se achava (Processo nº 11.480, de João Soares Mesquita, p. 28).

Há mais detalhes no processo de Catarina Mendes (1709), que fez o papel de Sara, esposa de Abraão:

> haverá quatro anos pouco mais, ou menos na Cidade do Rio de Janeiro no sítio da Pavuna casa, e fazenda de seu cunhado Alexandre Soares Pereira cristão novo senhor de engenho, do qual tem dito em suas confissões, se achou com o mesmo, e com Agostinho Lopes Flores, do qual também tem dito em suas confissões, e com seu irmão Jerônimo da Paz, do qual também tem dito em suas confissões, e com Brites Soares, casada com Agostinho Lopes Flores, da qual também tem dito em suas confissões, e com Domingos, mulato, alfaiate, solteiro, filho de um cristão novo chamado Francisco Mendes, mestre de meninos, e de uma negra, a quem não sabe o nome, escravo de Maria Rodrigues, natural e moradora do Rio de Janeiro, e não sabe que fosse preso, ou apresentado, e estando todos ? disse o dito mulato que sua conhecida senhora Gracia, mulher branca, segundo dizia o mesmo mulato, ? ela confidente que era cristã nova pelas circunstâncias do fato que contou o dito mulato, dizendo que a dita senhora Gracia lhe dissera que Abraão fizera um sacrifício a seu filho Isaac, usando da oração seguinte ao descarregar do golpe: “Trate Abraão, não mates teu filho não, que Deus te tem

CADERNOS DE
INICIAÇÃO
CIENTÍFICA
Trabalhos Premiados na 19ª Jornada

Sumário

Apresentação
As organizadoras

Estudo da coleção bibliográfica de Rui Barbosa
Esther Nascimento M. do C. Araujo

Uma perspectiva arquivística e arquitetônica: levantamento, organização e acesso aos documentos gráficos relacionados ao patrimônio arquitetônico e paisagístico da Fundação Casa de Rui Barbosa
Valéria Peixinho da Silva e Felipe das Neves Lacerda

Reflexões sobre a documentação do Museu Casa de Rui Barbosa: investigação das fichas catalográficas e difusão da informação
Milena Gomes Moreira Bezerra

Fazenda Colubandê: memória dos cristãos-novos no Rio de Janeiro
Anna Figueiredo Vanoli

Contradições na apresentação de africanos no Dicionário de Macedo Soares
Daiane de Souza Villela da Silva

> procurado teu rico coração" e então disse o dito, Agostinho Lopes Flores que a dita cerimônia era da lei antiga e observância da de Moisés, que a fizessem, e logo o dito mulato se fez Isaac, e o dito Agostinho Lopes Flores lhe pôs um pano branco nos olhos, e logo inclinado de bruços, ao mesmo tempo o dito Agostinho pegou de uma faca, ou cutelo, fazendo ação que dava com ele no dito mulato Domingos, e pedindo a ela confidente antes que executasse a dita ação, que ao fazer dela, para executar o golpe, o impedisse pegando-lhe no braço, dizendo ao mesmo tempo a dita oração, como com efeito se fez a dita cerimônia da sobredita forma, e ela confidente ao levantar do braço do dito Agostinho com o dito instrumento da faca, ou cutelo, lhe pegou no mesmo braço, dizendo juntamente a dita oração e suspendeu o golpe; e então perguntou ela confidente ao dito Agostinho porque os observantes da lei de moisés faziam o dito sacrifício, e ele lhe respondeu que o deviam fazer por cerimônia da Lei Velha de Moisés, e as mais ditas pessoas assistiram e viram o dito sacrifício porém não se lembra agora formalmente as palavras que disseram, so o dito Agostinho se chegou para junto de um (bufete?) aonde os mesmos estavam, e estava falando com os mesmos sobre o dito sacrifício […] ela confidente se retirou logo com o dito seu irmão Jerônimo da Paz, por se achar doente, e os mais ficaram na dita casa de seu cunhado Alexandre Soares Pereira; e não sabe o que mais passaram (Processo nº 1.010, de Catarina Mendes da Paz, p. 122-123).

A "senhora Grácia" seria Grácia Dias, esposa do Marruz, ensinador. Esse é o lado dos Vale; porém, no processo de Maria Rodrigues, avó de Domingos, a história é um pouco diferente:

CADERNOS DE
INICIAÇÃO
CIENTÍFICA
Trabalhos Premiados na 19ª Jornada

Sumário

Apresentação
As organizadoras

Estudo da coleção bibliográfica de Rui Barbosa
Esther Nascimento M. do C. Araujo

Uma perspectiva arquivística e arquitetônica: levantamento, organização e acesso aos documentos gráficos relacionados ao patrimônio arquitetônico e paisagístico da Fundação Casa de Rui Barbosa
Valéria Peixinho da Silva e Felipe das Neves Lacerda

Reflexões sobre a documentação do Museu Casa de Rui Barbosa: investigação das fichas catalográficas e difusão da informação
Milena Gomes Moreira Bezerra

Fazenda Colubandê: memória dos cristãos-novos no Rio de Janeiro
Anna Figueiredo Vanoli

Contradições na apresentação de africanos no Dicionário de Macedo Soares
Daiane de Souza Villela da Silva

> Leonor Mendes, seu marido Alexandre Pereira, Manoel do Vale, seus irmãos, que por nome não percam e sua mãe Ana do Vale, Agostinho Lopes, e sua mulher, Francisco de Siqueira, sua mulher Catarina de Miranda, João Soares e sua mulher, Catarina Mendes e sua mãe Isabel da Paz e todos os das famílias dos Valles, e dos Cardozos são inimigos capitais da Re, e indignos de crédito contra ela em razão de que a dita Leonor Mendes pediu a ela Ré um escravo mulato, que a Ré tinha por nome Domingos para efeito de estar em sua casa alguns dias para cortar, e coser alguns vestidos, por ser alfaiate e com efeito mandado pela Ré à dita casa, ali sucedeu fazerem com o dito mulato tantas diabruras, atando um lenço aos olhos, e dando lhe pancadas nas costas, ou pescoço, e outras muitas ações, de que resultou ausentar-se o mulato da dita casa, e dizer publicamente a razão, porque dela saíra sem acabar as costuras, que começara, e chegando isto à notícia do Vigário Geral da Cidade do Rio, mandou chamar o dito mulato, e inquirindo deste, o que passara em casa da sobredita, e com (companhia?) da maior fé dos contraditados, disse ao mulato, que aquela gente estivera judiando com ele, e começou a inquirir? deste caso (Processo nº 7.915, de Maria Rodrigues, p. 208-209).

Embora os processos dos Vale não incluam a reação de Domingos e a subsequente devassa do vigário-geral, os envolvidos parecem ter tomado conta do assunto antes de serem presos pelo tribunal:

> desta devassa e queixa, que o mulato dava tiveram logo notícia os sobreditos contraditados, e começaram a dizer que se lhes sucedesse alguma coisa, da Ré se haviam de queixar, e passou a tanto a sua (temeridade?) que chegou Isabel da

CADERNOS DE
INICIAÇÃO
CIENTÍFICA
Trabalhos Premiados na 19ª Jornada

Sumário

Apresentação
As organizadoras

Estudo da coleção bibliográfica de Rui Barbosa
Esther Nascimento M. do C. Araujo

Uma perspectiva arquivística e arquitetônica: levantamento, organização e acesso aos documentos gráficos relacionados ao patrimônio arquitetônico e paisagístico da Fundação Casa de Rui Barbosa
Valéria Peixinho da Silva e Felipe das Neves Lacerda

Reflexões sobre a documentação do Museu Casa de Rui Barbosa: investigação das fichas catalográficas e difusão da informação
Milena Gomes Moreira Bezerra

Fazenda Colubandê: memória dos cristãos-novos no Rio de Janeiro
Anna Figueiredo Vanoli

Contradições na apresentação de africanos no Dicionário de Macedo Soares
Daiane de Souza Villela da Silva

Fundação Casa de Rui Barbosa

> Paz mãe de Francisco de Siqueira ambos contraditados, que na sobredita ocasião se acharão na dita casa a buscar a Ré com um papel de rosalgar, dizendo lhe que com aquele veneno matasse logo o seu mulato, porque não falasse mais naquelas causas, de que ela, e mais contraditados, lhe podia resultar um grande dano, e a Ré lhe respondeu, que ela não queria dar conta dessa morte, e que o que estava feito já não tinha remédio, pois estava público, e o Vigário Geral tinha devassado, e daqui resultou ir-se a sobredita, muito enfadada, e dizendo que se a eles lhe sucedesse algum mal, também ela Ré, o havia pagar. Sucedendo as prisões, e vindo nelas (muitos?) dos contraditados, como foram o médico Siqueira, sua mãe, suas irmãs, e Agostinho Lopes, sua mulher e outros. Começaram logo os que ficaram livres, a temer-se e a entender (firmemente?) e assim o diziam que o dito mulato da Ré fora a causa daquelas prisões, que a Ré tivera toda a culpa em não coser a boca do seu mulato, ou em o não matar, que devia fazer pois devia ao sobredito Francisco de Siqueira tirar-lhe todos os meses sua esmola, com que a Ré se ajudava, mas que nela Re se haviam vingar, que ela Re o havia sentir (Processo nº 7.915, de Maria Rodrigues, p. 208-209).

Guardadas as diferenças de perspectiva do relato, essa denúncia, aliada a muitas outras, como a do próprio Francisco Siqueira, levou Alexandre Soares Pereira, dono do engenho onde houve a encenação, a ser preso junto com o cunhado, numa das primeiras grandes levas de presos. Foram submetidos ao ato de fé de junho de 1709, primeiro auto com presença massiva de brasileiros, e começaram a se denunciar mutuamente para escapar da sentença máxima. Assim, a maioria da família Vale foi presa e enviada aos Estaús, processo que durou mais ou menos cinco anos. Nenhum Vale, até onde se sabe,

CADERNOS DE
INICIAÇÃO
CIENTÍFICA
Trabalhos Premiados na 19ª Jornada

Sumário

Apresentação
As organizadoras

Estudo da coleção bibliográfica de Rui Barbosa
Esther Nascimento M. do C. Araujo

Uma perspectiva arquivística e arquitetônica: levantamento, organização e acesso aos documentos gráficos relacionados ao patrimônio arquitetônico e paisagístico da Fundação Casa de Rui Barbosa
Valéria Peixinho da Silva e Felipe das Neves Lacerda

Reflexões sobre a documentação do Museu Casa de Rui Barbosa: investigação das fichas catalográficas e difusão da informação
Milena Gomes Moreira Bezerra

Fazenda Colubandê: memória dos cristãos-novos no Rio de Janeiro
Anna Figueiredo Vanoli

Contradições na apresentação de africanos no Dicionário de Macedo Soares
Daiane de Souza Villela da Silva

foi queimado. Alguns ligados à família conseguiram retornar ao Brasil, como é o caso de Manoel do Vale da Silveira, que em 1715 estava no Rio de Janeiro, morando em São Gonçalo (Silva, 1995, p. 110), e Mariana de Andrade, 56 anos, mulher parda, escrava de Domingos Rodrigues Ramires, iniciada aos 16 anos pelo Marruz. Regressou no mesmo ano do auto, 1713 (Dines, 1992, p. 765). Da maioria dos outros não se soube o paradeiro, provavelmente permanecendo em Portugal, mesmo quando saíam do cárcere.

Tampouco eram restituídos de seus bens. Os engenhos tomados pelo Juízo do Fisco Real eram postos a leilão, e muitos foram arrematados por militares de média patente já estabelecidos na vizinhança. É o caso da Colubandê, comprada pelo capitão Félix Madeira de Gusmão, que também arrematou o engenho vizinho, Vera Cruz, confiscado do português João Dique, garroteado e queimado no auto de fé de 1714 (Dines, 1992, p. 770). Dique, cristão-velho viúvo de cristã-nova, foi denunciado por um Vale aqui já mencionado, João Rodrigues de Andrade, cujo sobrinho Manuel Henriques foi baleado ao tentar retomar seu partido de cana no engenho Vera Cruz (Dines, 1992, p. 715).

Conclusão

A análise da Fazenda Colubandê dimensiona a relevância econômica e social da elite cristã-nova no Rio de Janeiro, envolvida em complexas relações sociais e de poder no Brasil colonial. Tais redes foram aniquiladas pela violenta – mas "silenciosa" – ação da Santa Inquisição, que perseguiu, prendeu e expropriou os cristãos-novos. A família Vale, em especial, mostrou-se objeto rico de estudo por meio das características propostas por

Sumário

Apresentação
As organizadoras

Estudo da coleção bibliográfica de Rui Barbosa
Esther Nascimento M. do C. Araujo

Uma perspectiva arquivística e arquitetônica: levantamento, organização e acesso aos documentos gráficos relacionados ao patrimônio arquitetônico e paisagístico da Fundação Casa de Rui Barbosa
Valéria Peixinho da Silva e Felipe das Neves Lacerda

Reflexões sobre a documentação do Museu Casa de Rui Barbosa: investigação das fichas catalográficas e difusão da informação
Milena Gomes Moreira Bezerra

Fazenda Colubandê: memória dos cristãos-novos no Rio de Janeiro
Anna Figueiredo Vanoli

Contradições na apresentação de africanos no Dicionário de Macedo Soares
Daiane de Souza Villela da Silva

Lina Gorenstein, que encapsulam o conflituoso grupo, em parte representado nos autos dos processos inquisitoriais. Outrossim, essas fontes, hoje facilmente acessíveis e em grande volume, carregam inúmeras possibilidades de estudo. Mais do que a crueldade do Santo Ofício, elas atestam a persistência do criptojudaísmo entre os cristãos-novos e a sagacidade da troca de informações por essas famílias, que conseguiram em muitos casos sobreviver ao violento processo. Permanecendo, entretanto, completamente destituídos, abriram uma lacuna de poder a ser ocupada por outros agentes.

Referências

ABREU, Maurício de Almeida. *Banco de dados da estrutura fundiária do Recôncavo da Guanabara.* Disponível em: https://mauricioabreu.com.br/escrituras. Acesso em: 18 set. 2024.

ANTT/IL. *Processo de Ana do Vale, nº 4.151*. Disponível em: https://digitarq.arquivos.pt/details?id=2304123. Acesso em: 18 set. 2024.

ANTT/IL. *Processo de Catarina Mendes da Paz, nº 1.010*. Disponível em: https://digitarq.arquivos.pt/details?id=2300894. Acesso em: 27 jan. 2025.

ANTT/IL. *Processo de Isabel Gomes da Costa, nº 688*. Disponível em: https://digitarq.arquivos.pt/details?id=2300566. Acesso em: 23 jan. 2025.

ANTT/IL. *Processo de João Soares de Mesquita, nº 11.480*. Disponível em: https://digitarq.arquivos.pt/details?id=2311673. Acesso em: 23 jan. 2025.

CADERNOS DE
INICIAÇÃO
CIENTÍFICA
Trabalhos Premiados na 19ª Jornada

Sumário

Apresentação
As organizadoras

Estudo da coleção bibliográfica de Rui Barbosa
Esther Nascimento M. do C. Araujo

Uma perspectiva arquivística e arquitetônica: levantamento, organização e acesso aos documentos gráficos relacionados ao patrimônio arquitetônico e paisagístico da Fundação Casa de Rui Barbosa
Valéria Peixinho da Silva e Felipe das Neves Lacerda

Reflexões sobre a documentação do Museu Casa de Rui Barbosa: investigação das fichas catalográficas e difusão da informação
Milena Gomes Moreira Bezerra

Fazenda Colubandê: memória dos cristãos-novos no Rio de Janeiro
Anna Figueiredo Vanoli

Contradições na apresentação de africanos no Dicionário de Macedo Soares
Daiane de Souza Villela da Silva

ANTT/IL. *Processo de Maria Rodrigues, nº 7.915*. Disponível em: https://digitarq.arquivos.pt/details?id=2308010. Acesso em: 23 jan. 2025.

ANTT/IL. *Processo de Simão Rodrigues de Andrade, nº 11.492*. Disponível em: https://digitarq.arquivos.pt/details?id=2311685. Acesso em: 23 jan. 2025.

CARDOZO, Joaquim. Um tipo de casa rural do Distrito Federal e estado do Rio de Janeiro. *Revista do Iphan*, Rio de Janeiro, n. 7, 1943.

DINES, Alberto. *Vínculos do fogo I*: Antônio José da Silva, o Judeu, e outras histórias da Inquisição em Portugal e no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

ESCRITURA de dinheiro a razão de juros com hipoteca de bens de raiz que dá o reverendo padre Vigário Licenciado Antonio da Rocha Freire, credor, a Diogo Bernal da Fonseca, tendo como fiador Duarte Rodrigues de Andrade – O fiador hipoteca um engenho de fazer açúcar, sito em São Gonçalo, de invocação Nossa Senhora de Monsserrate, com toda a sua fábrica. *Banco de dados da estrutura fundiária do Recôncavo da Guanabara (1635-1770)*, Rio de Janeiro, 4 dez. 1687. Disponível em: https://mauricioabreu.com.br/escritura?id=2119. Acesso em: 27 jan. 2025.

ESCRITURA de venda de metade de um engenho que faz João Rodrigues do Vale a seu irmão Duarte Ramires do Vale – sito em Irajá, de invocação Santo Antonio e São José, já pertencendo a outra metade ao comprador. A venda é feita com todas as cláusulas, obrigações e condições que constam da escritura que celebraram, feita em 9/7/1681 [2º Ofício].

Sumário

Apresentação
As organizadoras

Estudo da coleção bibliográfica de Rui Barbosa
Esther Nascimento M. do C. Araujo

Uma perspectiva arquivística e arquitetônica: levantamento, organização e acesso aos documentos gráficos relacionados ao patrimônio arquitetônico e paisagístico da Fundação Casa de Rui Barbosa
Valéria Peixinho da Silva e Felipe das Neves Lacerda

Reflexões sobre a documentação do Museu Casa de Rui Barbosa: investigação das fichas catalográficas e difusão da informação
Milena Gomes Moreira Bezerra

Fazenda Colubandê: memória dos cristãos-novos no Rio de Janeiro
Anna Figueiredo Vanoli

Contradições na apresentação de africanos no Dicionário de Macedo Soares
Daiane de Souza Villela da Silva

Duarte se obriga a pagar todas as dívidas do casal dos falecidos seus pais Manoel do Vale da Silveira e Isabel Gomes da Costa. Há várias cláusulas nesta venda, inclusive pagamento de dote à sua irmã Branca Henriques. Com obrigação de sua mulher Leonor Guterres da Costa assinar escritura de outorga no prazo de quatro meses. *Banco de Dados da Estrutura Fundiária do Recôncavo da Guanabara (1635-1770)*, Rio de Janeiro, 25 fev. 1686. Disponível em: https://mauricioabreu.com.br/escritura?id=2065. Acesso em: 27 jan. 2025.

ESCRITURA de venda de terras que fazem Salvador da Silva e sua mulher Sebastiana de Oliveira ao Capitão Gaspar Pereira de Oliveira – com 50 braças de testada e meia légua de sertão, sitas em Guaxindiba, partindo de uma banda com terras do comprador vendidas por eles vendedores e da outra com terras de Ana do Vale, herdadas da mãe da vendedora, Dona Isabel Pedrosa. *Banco de Dados da Estrutura Fundiária do Recôncavo da Guanabara (1635-1770)*, Rio de Janeiro, 3 ago. 1696. Disponível em: https://mauricioabreu.com.br/escritura?id=2384. Acesso em: 27 jan. 2025.

ESCRITURA de venda de um quarto de engenho que fazem Antonio do Vale [de Mesquita] e sua mulher Helena do Vale a seu sobrinho Alexandre Soares Pereira – de invocação São Francisco, com toda a parte da fábrica que lhe cabe, e das 28 peças do gentio de guiné, com 5 crias, que pertencem ao engenho, sito na Pabuna, freguesia de São João de Meriti, de que é senhor da metade João Soares Pereira, [pai de Alexandre] e do outro ¼ Pedro Dias Pereira. (AN - 4° Ofício de Notas. Livro 3. 11/6/1699 a 6/7/1700, p. 125v). *Banco de Dados da Estrutura Fundiária do Recôncavo da Guanabara (1635-1770)*, Rio de Janeiro, 22 mar. 1700. Disponível em: https://mauricioabreu.com.br/escritura?id=2507. Acesso em: 27 jan. 2025.

Sumário

Apresentação
As organizadoras

Estudo da coleção bibliográfica de Rui Barbosa
Esther Nascimento M. do C. Araujo

Uma perspectiva arquivística e arquitetônica: levantamento, organização e acesso aos documentos gráficos relacionados ao patrimônio arquitetônico e paisagístico da Fundação Casa de Rui Barbosa
Valéria Peixinho da Silva e Felipe das Neves Lacerda

Reflexões sobre a documentação do Museu Casa de Rui Barbosa: investigação das fichas catalográficas e difusão da informação
Milena Gomes Moreira Bezerra

Fazenda Colubandê: memória dos cristãos-novos no Rio de Janeiro
Anna Figueiredo Vanoli

Contradições na apresentação de africanos no Dicionário de Macedo Soares
Daiane de Souza Villela da Silva

FEITLER, Bruno. Escravos judaizantes? Cristãos-novos, negros, índios e mestiços no Brasil colônia. *Devarim*, Rio de Janeiro, p. 47-52, 2012.

MACHADO, Rubens da Mota. Demografia e escravidão no Recôncavo da Guanabara nos séculos XVIII-XIX. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 26., 2011, São Paulo. *Anais* […]. São Paulo: Anpuh, 2011. Disponível em: https://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1312338939_ARQUIVO_Anpuh-2011-Revisado.pdf. Acesso em: 23 jan. 2025.

MOLINA, Evadyr; SILVA, Salvador Mata e. *São Gonçalo no século XVIII*. São Gonçalo: Muiraquitã, 1998.

NOVINKSY, Anita Waingort. *Inquisição*: inventários de bens confiscados a cristãos novos: fontes para a história de Portugal e do Brasil. [*S. l.*: *s. n.*], 1976.

NOVINSKY, Anita Waingort. *Inquisição*: pioneiros do Brasil: séculos XVI a XIX. São Paulo: Perspectiva, 2009.

PESSOA, Ana. *Fazenda Colubandê*. Disponível em: https://acasasenhorial.org/acs/index.php/pt/casos-de-estudo/casosdeestudo/853-fazenda-colubande. Acesso em: 23 jan. 2025.

SEMINÁRIO: Fazendas e Casarões do Brasil Império – O caso da Fazenda Colubandê. Fazenda Colubandê – Quem Ama Cuida. São Gonçalo: Facebook, 2023. Disponível em: https://www.facebook.com/ocupacaofazendacolubande/videos/semin%C3%A1rio-fazendas-e-casar%C3%B5es-do-brasil-imp%C3%A9rio-o-caso-da-fazenda-coluband%C3%AA-em-s/595943402458754/. Acesso em: 27 de jan. 2025.

CADERNOS DE
INICIAÇÃO
CIENTÍFICA
Trabalhos Premiados na 19ª Jornada

Sumário

Apresentação
As organizadoras

Estudo da coleção bibliográfica de Rui Barbosa
Esther Nascimento M. do C. Araujo

Uma perspectiva arquivística e arquitetônica: levantamento, organização e acesso aos documentos gráficos relacionados ao patrimônio arquitetônico e paisagístico da Fundação Casa de Rui Barbosa
Valéria Peixinho da Silva e Felipe das Neves Lacerda

Reflexões sobre a documentação do Museu Casa de Rui Barbosa: investigação das fichas catalográficas e difusão da informação
Milena Gomes Moreira Bezerra

Fazenda Colubandê: memória dos cristãos-novos no Rio de Janeiro
Anna Figueiredo Vanoli

Contradições na apresentação de africanos no Dicionário de Macedo Soares
Daiane de Souza Villela da Silva

SILVA, Lina Gorenstein Ferreira da. *Heréticos e impuros*: a Inquisição e os cristãos-novos no Rio de Janeiro século XVIII. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 1995.

SILVA, Lina Gorenstein Ferreira da. O criptojudaísmo feminino no Rio de Janeiro (séculos XVII e XVIII). *Projeto História*: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, São Paulo, v. 37, n. 2, 2008.

CADERNOS DE
INICIAÇÃO
CIENTÍFICA
Trabalhos Premiados na 19ª Jornada

Sumário

Apresentação
As organizadoras

Estudo da coleção bibliográfica de Rui Barbosa
Esther Nascimento M. do C. Araujo

Uma perspectiva arquivística e arquitetônica: levantamento, organização e acesso aos documentos gráficos relacionados ao patrimônio arquitetônico e paisagístico da Fundação Casa de Rui Barbosa
Valéria Peixinho da Silva e Felipe das Neves Lacerda

Reflexões sobre a documentação do Museu Casa de Rui Barbosa: investigação das fichas catalográficas e difusão da informação
Milena Gomes Moreira Bezerra

Fazenda Colubandê: memória dos cristãos-novos no Rio de Janeiro
Anna Figueiredo Vanoli

Contradições na apresentação de africanos no Dicionário de Macedo Soares
Daiane de Souza Villela da Silva

Fundação Casa de Rui Barbosa

Contradições na apresentação de africanos no dicionário de Macedo Soares

Daiane de Souza Villela da Silva[20]

Orientadora: Laura do Carmo

Introdução

Este estudo tem por objetivo analisar características pró-abolicionistas e características culturais de grupos não europeus, apresentadas por Antônio Joaquim de Macedo Soares no *Dicionário brasileiro da língua portuguesa*, publicado até a palavra "candieiro", em 1889, pelos *Anais da Biblioteca Nacional*. A análise será feita por meio da redação dos verbetes, que remetem à conjuntura escravista e, em menor escala, em verbetes que mencionam grupos indígenas brasileiros.

O dicionário é parcial, voltado para o registro do léxico do Brasil, ou seja, registra palavras originárias do Brasil ou de uso popular, que não são encontradas nos dicionários gerais de língua portuguesa, como os de Caldas Aulete (1881) e Antônio de Morais Silva (1877-1878), ou o são, mas com significados diferentes. Segundo Olga Ferreira Coelho, Macedo Soares foi

[20] Graduanda em Letras – português literaturas – pela UFRJ. Este trabalho integra o projeto "A gramatização no Brasil: obras de referência: 1808-1930", orientado pela pesquisadora Laura do Carmo na Fundação Casa de Rui Barbosa. O projeto tem como ponto de partida a pesquisa de dicionários de língua portuguesa do século XIX e início do XX e dialoga com outro: "A gramatização no Brasil: língua e construção da nacionalidade no acervo da Biblioteca Nacional – 1808 a 1930", desenvolvido na Fundação Biblioteca Nacional, ambos subordinados à linha de pesquisa "A gramatização no Brasil: língua e construção da nacionalidade: 1808 a 1930".

Sumário

Apresentação
As organizadoras

Estudo da coleção bibliográfica de Rui Barbosa
Esther Nascimento M. do C. Araujo

Uma perspectiva arquivística e arquitetônica: levantamento, organização e acesso aos documentos gráficos relacionados ao patrimônio arquitetônico e paisagístico da Fundação Casa de Rui Barbosa
Valéria Peixinho da Silva e Felipe das Neves Lacerda

Reflexões sobre a documentação do Museu Casa de Rui Barbosa: investigação das fichas catalográficas e difusão da informação
Milena Gomes Moreira Bezerra

Fazenda Colubandê: memória dos cristãos-novos no Rio de Janeiro
Anna Figueiredo Vanoli

Contradições na apresentação de africanos no Dicionário de Macedo Soares
Daiane de Souza Villela da Silva

um dos primeiros filólogos a ocupar-se, de modo sistemático, da diferenciação entre o português brasileiro e o português europeu (Coelho, 2012, p. 200). Macedo era suscetível a defender a vigência das normas brasileiras, sem que estas, no entanto, conflitassem com o sistema da língua portuguesa, ou seja, com a gramática e os clássicos da literatura portuguesa.

Apesar da contradição em relação à formulação do conceito a respeito da língua do Brasil, Macedo deixa claro seu pensamento sobre a variante brasileira, registrada no pórtico do dicionário: "Já é tempo dos brazileiros escreverem como se falla no Brazil, e não como se escreve em Portugal" (Soares, 1889). Nesse sentido, o autor declara a importância do sistema da língua portuguesa ao tratar da impossibilidade de ignorar a gramática, mas, da mesma maneira, e de forma crítica, admite a existência de uma gramática subjacente, que é a variante brasileira.

Além disso, Macedo foi um dos primeiros estudiosos a falar sobre a importância das línguas africanas no português do Brasil. Ainda segundo Olga Ferreira Coelho, o autor "propõe, muitas vezes, origem africana para os itens lexicais que examina em seus trabalhos […] tenta reunir e tratar dados de línguas africanas e reivindicar para elas um papel relevante na formação do léxico do P[ortuguês] B[rasileiro]" (Coelho, 2012, p. 202-203).

Macedo Soares foi formado em ciências sociais e jurídicas pela Faculdade de Direito de São Paulo e atuou como jurista em diferentes comarcas até alcançar o cargo de ministro do Supremo Tribunal Federal. Durante a carreira ocupacional, a libertação dos escravizados constituiu a maior das suas preocupações (Morais, 1938, p. 1). Segundo Evaristo de Moraes,

CADERNOS DE
INICIAÇÃO
CIENTÍFICA
Trabalhos Premiados na 19ª Jornada

Sumário

Apresentação
As organizadoras

Estudo da coleção bibliográfica de Rui Barbosa
Esther Nascimento M. do C. Araujo

Uma perspectiva arquivística e arquitetônica: levantamento, organização e acesso aos documentos gráficos relacionados ao patrimônio arquitetônico e paisagístico da Fundação Casa de Rui Barbosa
Valéria Peixinho da Silva e Felipe das Neves Lacerda

Reflexões sobre a documentação do Museu Casa de Rui Barbosa: investigação das fichas catalográficas e difusão da informação
Milena Gomes Moreira Bezerra

Fazenda Colubandê: memória dos cristãos-novos no Rio de Janeiro
Anna Figueiredo Vanoli

Contradições na apresentação de africanos no Dicionário de Macedo Soares
Daiane de Souza Villela da Silva

Macedo era "prematuramente abolicionista, quando muitos outros amigos dos escravos não passavam de emancipadores" (Morais, 1938, p. 4), no sentido de que, enquanto Macedo defendia a abolição, isto é, o fim da mão de obra escravizada, outros defendiam medidas que concediam certa liberdade para os escravizados, mas não o fim da prática propriamente dito.

Paralelamente à carreira de jurista e político, Macedo era escritor e lexicógrafo. Além do *Dicionário brasileiro*, é autor dos seguintes estudos: *Estudos lexicográficos do dialeto brasileiro*; *Sobre algumas palavras africanas introduzidas no português que se fala hoje no Brasil*; *Campanha jurídica pela libertação dos escravos, 1867 a 1888*; *Da liberdade religiosa no Brazil: estudo de direito constitucional*, entre outros trabalhos publicados em revistas.

Macedo Soares, em sua obra lexicográfica, denuncia a opressão e a exploração de povos colocados como subcategorias dentro daquela sociedade escravista. Verbetes como "Abolicionista", "Amo" e "Bacalháo" revelam, de forma muito elucidativa, o posicionamento do lexicógrafo em discordância ao sistema escravista vigente, além de realizar, explicitamente, uma denúncia social. A denúncia e o registro dos maus-tratos a escravizados estão presentes nas definições e, sobretudo, em abonações de uso.[21]

O fato de ser um abolicionista não significa, de todo modo, que o lexicógrafo aceitava a cultura dos povos escravizados, principalmente se o contexto histórico for levado em consideração. O autor apresenta juízo de valor depreciativo em relação às culturas

[21] Abonação é "trecho de livro ou escrito que serve para autorizar o emprego de um vocábulo, sintagma, acepção, sintaxe etc. na língua", segundo o Houaiss.

CADERNOS DE
INICIAÇÃO
CIENTÍFICA
Trabalhos Premiados na 19ª Jornada

Sumário

Apresentação
As organizadoras

Estudo da coleção bibliográfica de Rui Barbosa
Esther Nascimento M. do C. Araujo

Uma perspectiva arquivística e arquitetônica: levantamento, organização e acesso aos documentos gráficos relacionados ao patrimônio arquitetônico e paisagístico da Fundação Casa de Rui Barbosa
Valéria Peixinho da Silva e Felipe das Neves Lacerda

Reflexões sobre a documentação do Museu Casa de Rui Barbosa: investigação das fichas catalográficas e difusão da informação
Milena Gomes Moreira Bezerra

Fazenda Colubandê: memória dos cristãos-novos no Rio de Janeiro
Anna Figueiredo Vanoli

Contradições na apresentação de africanos no Dicionário de Macedo Soares
Daiane de Souza Villela da Silva

africanas e, inclusive, indígenas, por meio da seleção de itens lexicais e de exemplos de uso e abonações que inferiorizam os hábitos dessas pessoas, como pode ser visto em verbetes como "Batuque", "Cachambú", "Bambá" e "Agir".

Em vista disso, este artigo pretende apresentar um "retrato" de Macedo Soares dentro da obra lexicográfica em questão. Um homem pró-abolicionista e, ao mesmo tempo, crítico dos costumes não europeus, sobretudo das tradições africanas e, em certa medida, dos modos indígenas, sem excluir, em todo caso, a sua relevância na defesa do direito à liberdade dessas pessoas.

Defesa e crítica aos escravizados: um "retrato" de Macedo Soares

O século XIX foi marcado pela implementação de medidas que visavam coibir, de certa forma, a escravidão no Brasil. Em 1831, a Lei Feijó proibiu a entrada de africanos escravizados no país, após a insistência da Inglaterra. Porém, pouco foi feito pelo governo brasileiro para conter o tráfico transatlântico de escravizados e a questão voltou ao centro do debate político imperial. Com o mesmo objetivo da lei anterior, a Lei Eusébio de Queiroz foi decretada em 1850, em decorrência da condenação moral ao tráfico de escravos que ganhava força no contexto internacional e da coerção e intervencionismo dos ingleses no processo que constituía uma ameaça à soberania brasileira (Cunha, 2020, p. 16).

A partir da segunda metade da década de 1860, a iniciativa por mudanças no estatuto da escravidão passou a ser protagonizada pela Coroa, pois existia uma conjuntura política

Sumário

Apresentação
As organizadoras

Estudo da coleção bibliográfica de Rui Barbosa
Esther Nascimento M. do C. Araujo

Uma perspectiva arquivística e arquitetônica: levantamento, organização e acesso aos documentos gráficos relacionados ao patrimônio arquitetônico e paisagístico da Fundação Casa de Rui Barbosa
Valéria Peixinho da Silva e Felipe das Neves Lacerda

Reflexões sobre a documentação do Museu Casa de Rui Barbosa: investigação das fichas catalográficas e difusão da informação
Milena Gomes Moreira Bezerra

Fazenda Colubandê: memória dos cristãos-novos no Rio de Janeiro
Anna Figueiredo Vanoli

Contradições na apresentação de africanos no Dicionário de Macedo Soares
Daiane de Souza Villela da Silva

e social, dentro e fora do Brasil, que contestava a continuidade do sistema escravista vigente. Dom Pedro II encaminhou projetos emancipacionistas para o Conselho de Estado, dentre os quais uma proposta de libertação do ventre das escravas (Cunha, 2020, p. 26).

Essas medidas emancipacionistas estavam contribuindo, de alguma maneira, para o declínio da escravidão naquele momento. Todavia, para Macedo Soares, ainda não estava completo: era preciso uma lei que sanasse o trabalho escravo no Brasil.

> A lei de 1831, a gloria de Feijó, continuada pela lei de 1850, a gloria de Eusebio, não está perfeita, ainda, com a lei de 1871, a gloria de Paranhos. Ha de vir estadista que a complete; e a sua tarefa será singularmente facilitada, porque basta traduzir o pensamento nacional nestas gloriosas palavras: Não ha mais escravos no Brasil (Morais, 1938, p. 6).

Macedo Soares, como juiz e jurista, estava comprometido em defender as causas daqueles que tinham seus direitos e seus corpos agredidos pela violência do Estado e da sociedade civil. Segundo Evaristo de Moraes, Macedo "teve o seu nome gloriosa e indelevelmente gravado no problema da Abolição" (Morais, 1938, p. 14) e lutou pelo fim da prática escravista numa campanha que só poderia lhe trazer contrariedades, devido à relação da escravidão com interesses econômicos e políticos do Império (Morais, 1938, p. 2).

Abolicionista convicto, Macedo Soares contribuiu com argumentos em defesa da abolição na Lei do Ventre Livre, promulgada em 1871, e, anos mais tarde, seria reconhecido como "o juiz redemptor" por aqueles que celebravam o grande feito de 1888 (Morais, 1938, p. 15).

Sumário

Apresentação
As organizadoras

Estudo da coleção bibliográfica de Rui Barbosa
Esther Nascimento M. do C. Araujo

Uma perspectiva arquivística e arquitetônica: levantamento, organização e acesso aos documentos gráficos relacionados ao patrimônio arquitetônico e paisagístico da Fundação Casa de Rui Barbosa
Valéria Peixinho da Silva e Felipe das Neves Lacerda

Reflexões sobre a documentação do Museu Casa de Rui Barbosa: investigação das fichas catalográficas e difusão da informação
Milena Gomes Moreira Bezerra

Fazenda Colubandê: memória dos cristãos-novos no Rio de Janeiro
Anna Figueiredo Vanoli

Contradições na apresentação de africanos no Dicionário de Macedo Soares
Daiane de Souza Villela da Silva

Sua disposição pró-abolicionista não se restringe ao exercício da magistratura; como lexicógrafo, apoiou os interesses dos escravizados, principalmente no que tange à liberdade dessas pessoas. O comportamento do dicionarista em defesa dos escravizados fica patente em certos verbetes que se encontram no *Diccionario brasileiro da lingua portugueza*.

No verbete "Abolicionista", por exemplo, o lexicógrafo afirma que a escravidão é um abuso, tolerada por governos covardes e por sociedades não justas. Ao fazer essas afirmações, o autor ultrapassa a função lexicográfica, por emitir juízo de valor na descrição do objeto; insere informações enciclopédicas, que vão além da tarefa de dizer o sentido da palavra.

> **Abolicionista** s., […] o abuso chamado escravatura, sustentado pelo homem ladrão, locupletando-se com o suor do homem roubado, á sombra da lei da força, tolerada por governos cobardes, em beneficio de sociedades que não têm clara a noção da justiça (Soares, 1889, p. 21).

Diante do excerto, percebe-se a opinião contrária do lexicógrafo em relação à vigência do regime escravocrata, bem como seu ponto de vista em relação às sociedades que sustentavam esse tipo de exploração. Expressões como "abuso", "homem ladrão" e "governos cobardes" reforçam o posicionamento do autor diante da questão.

"Amo", de acordo com a acepção que se encontra no dicionário, é aquele que é dono de escravizados. Mas Macedo critica o termo e afirma que se trata de um eufemismo, isto é, um termo utilizado para atenuar, suavizar, minimizar a relação violenta entre senhor e escravizado, nesse caso, o escravizado indígena e negro (Carmo, 2014).

Sumário

Apresentação
As organizadoras

Estudo da coleção bibliográfica de Rui Barbosa
Esther Nascimento M. do C. Araujo

Uma perspectiva arquivística e arquitetônica: levantamento, organização e acesso aos documentos gráficos relacionados ao patrimônio arquitetônico e paisagístico da Fundação Casa de Rui Barbosa
Valéria Peixinho da Silva e Felipe das Neves Lacerda

Reflexões sobre a documentação do Museu Casa de Rui Barbosa: investigação das fichas catalográficas e difusão da informação
Milena Gomes Moreira Bezerra

Fazenda Colubandê: memória dos cristãos-novos no Rio de Janeiro
Anna Figueiredo Vanoli

Contradições na apresentação de africanos no Dicionário de Macedo Soares
Daiane de Souza Villela da Silva

> **Amo** sm., […] os sertanistas conquistavão os indios, e reduzião-nos a cativeiro; como, porem, vedava-lhes a lei, e os jesuitas, sob a capa da religião, mas impelidos pelo interesse proprio, os estovarvão de tel-os por escravos, os senhores, fingindo tutela oficiosa e hipócrita, pretextavão ser apenas amos, não senhores, e ter os indios por criados, administrados, não escravos: e ahi entrava a significação usual port. de amo. Erão na realidade senhores, não amos, e crudelíssimos; e os desgraçados indios, escravos, reduzidos à condição mais lastimosa, à condição de coisa, que se vendia, trocava, alugava, doava (Soares, 1889, p. 40).

De acordo com o fragmento exposto, Macedo Soares parece relutar contra o uso indiscriminado do termo "amo" para designar aqueles que tinham a posse de pessoas escravizadas. O vínculo entre senhor e escravizado não poderia ser atenuado, dada a crueldade que se mantinha nessa relação. Esses termos serviam apenas para amenizar a violenta hierarquia que existia entre os sujeitos subalternizados e aqueles que dominavam esses sujeitos.

No verbete "Bacalháo", por sua vez, um instrumento de tortura utilizado para castigar escravizados (ver Figura 1), o autor utiliza um trecho da *Gazeta de Notíciais* da Corte para exemplificar o uso do termo. Embora não tenha nenhuma crítica direta, o fragmento escolhido contém muitos itens lexicais que dão ao leitor uma sensação de desconforto diante do cenário de hostilidade que é apresentado.

> **Bacalháo** sm., […] açoite de quatro ou cinco pernas, de couro crú, com que nas fazendas se castigavão escravos que tivessem cometido falta grave, batendo-lhes nas nadegas. No peito, nas costas, nos braços, apresentava as carnes dilaceradas a chicote; e as nadegas, inteiramente cortadas, denunciavão o suplicio demorado

Sumário

Apresentação
As organizadoras

Estudo da coleção bibliográfica de Rui Barbosa
Esther Nascimento M. do C. Araujo

Uma perspectiva arquivística e arquitetônica: levantamento, organização e acesso aos documentos gráficos relacionados ao patrimônio arquitetônico e paisagístico da Fundação Casa de Rui Barbosa
Valéria Peixinho da Silva e Felipe das Neves Lacerda

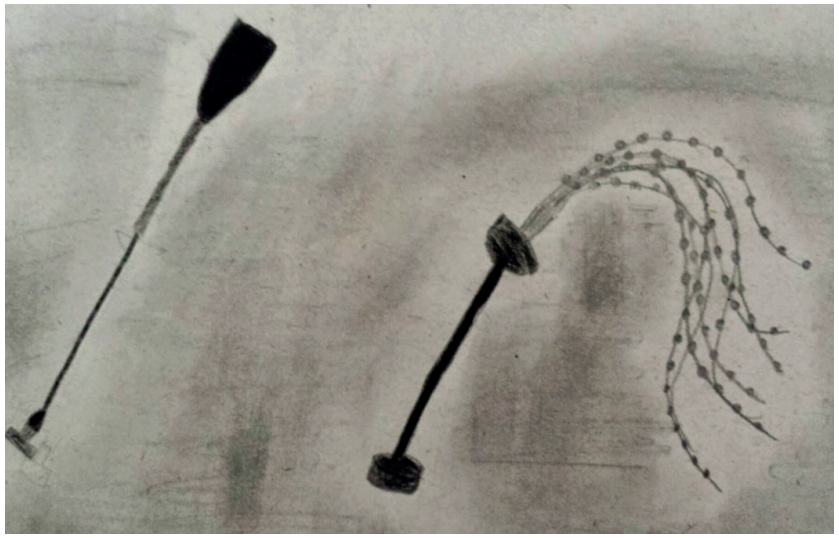
Reflexões sobre a documentação do Museu Casa de Rui Barbosa: investigação das fichas catalográficas e difusão da informação
Milena Gomes Moreira Bezerra

Fazenda Colubandê: memória dos cristãos-novos no Rio de Janeiro
Anna Figueiredo Vanoli

Contradições na apresentação de africanos no Dicionário de Macedo Soares
Daiane de Souza Villela da Silva

> do bacalháo a que fora submetida a infeliz escrava. Já muitas vezes usado para o mesmo fim, impregnadissimo de sangue putrefacto e exalando máo cheiro […] este instrumento da nossa selvageria (Soares, 1889, p. 64).

Figura 1 – Ilustração do bacalhau como instrumento de tortura.



Fonte: Arthur Pereira Silveira, 2014.[22]

A denúncia em relação aos abusos cometidos durante a escravidão se dá por meio da descrição de como o objeto de tortura em questão era utilizado. O leitor, possivelmente,

[22] A ilustração do bacalhau, também conhecido como açoite, foi registrada em 2014 pelo até então estudante do sétimo ano do ensino fundamental da rede municipal de ensino de São João Batista (SC) Arthur Pereira Silveira. Outras ilustrações acerca dos instrumentos de tortura utilizados para castigar escravizados podem ser encontradas no blog da professora e membro fundador vitalício da cadeira nº 19 da Academia de Letras de São João Batista, Janaína da Silva: https://entretantashistorias.blogspot.com/2014/09/os-instrumentos-de--tortura-utilizados.html.

CADERNOS DE
INICIAÇÃO
CIENTÍFICA
Trabalhos Premiados na 19ª Jornada

Sumário

Apresentação
As organizadoras

Estudo da coleção bibliográfica de Rui Barbosa
Esther Nascimento M. do C. Araujo

Uma perspectiva arquivística e arquitetônica: levantamento, organização e acesso aos documentos gráficos relacionados ao patrimônio arquitetônico e paisagístico da Fundação Casa de Rui Barbosa
Valéria Peixinho da Silva e Felipe das Neves Lacerda

Reflexões sobre a documentação do Museu Casa de Rui Barbosa: investigação das fichas catalográficas e difusão da informação
Milena Gomes Moreira Bezerra

Fazenda Colubandê: memória dos cristãos-novos no Rio de Janeiro
Anna Figueiredo Vanoli

Contradições na apresentação de africanos no Dicionário de Macedo Soares
Daiane de Souza Villela da Silva

deve ficar estarrecido diante da brutalidade empregada nas ações cometidas contra o corpo negro feminino, conforme exemplificado no fragmento – sujeito a esse tipo de sofrimento pelo fato de ser um corpo escravizado. Macedo não demonstra uma opinião concreta nesse contexto, mas, se o autor não apresentasse um posicionamento pró-abolicionista, esse fragmento provavelmente jamais seria escolhido como exemplificação, pois revela de forma explícita o caráter hediondo da escravidão.

Apesar das extensas definições em defesa da liberdade dos escravizados, Macedo não poupou palavras para se referir aos hábitos culturais dessas pessoas de forma pejorativa. No verbete "Bambá", por exemplo, vê-se um posicionamento crítico do autor em relação à dança, que acumula o sentido figurado de desordem, confusão. Nesse verbete, não são empregados exemplos de uso ou abonações; são palavras do próprio autor exprimindo a sua opinião depreciativa acerca da dança.

> **bambá** sm., 1° dansa dos negros africanos, em circulo de homens e mulheres que cantão o estribilho : Bambá, sinhá ! bambá, querê ! ao som de palmas cadenciadas, em applauso a um ou dois dansadores que, no centro, executão varios passos e figuras. […] 3° fig., desordem, confusão, sarilho, **como sóe haver nas dansas d'esse genero**. || 4° fig., dansa qualquer que acaba em desordem (Soares, 1889, p. 72, grifos nossos).

Assim ocorre também em "Batuque", outra dança de origem africana, em que o autor faz uma gradação de cor para qualificar ou desqualificar a prática (ver Figura 2). A dança seria melhor ou pior de acordo com o tom de pele dos participantes: "Dansa com sapateados e palmas, ao som de cantigas acompanhadas só de tambor quando é de negros, ou tambem de

CADERNOS DE
INICIAÇÃO
CIENTÍFICA
Trabalhos Premiados na 19ª Jornada

Sumário

Apresentação
As organizadoras

Estudo da coleção bibliográfica de Rui Barbosa
Esther Nascimento M. do C. Araujo

Uma perspectiva arquivística e arquitetônica: levantamento, organização e acesso aos documentos gráficos relacionados ao patrimônio arquitetônico e paisagístico da Fundação Casa de Rui Barbosa
Valéria Peixinho da Silva e Felipe das Neves Lacerda

Reflexões sobre a documentação do Museu Casa de Rui Barbosa: investigação das fichas catalográficas e difusão da informação
Milena Gomes Moreira Bezerra

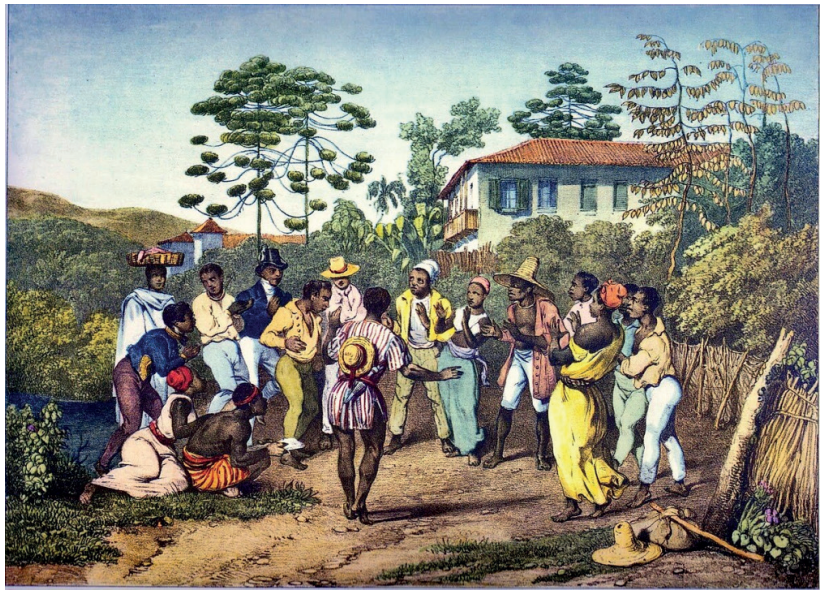
Fazenda Colubandê: memória dos cristãos-novos no Rio de Janeiro
Anna Figueiredo Vanoli

Contradições na apresentação de africanos no Dicionário de Macedo Soares
Daiane de Souza Villela da Silva

viola e pandeiro quando entra gente mais aceada" (Soares, 1889, p. 86). Quem seriam, portanto, essas pessoas "mais asseadas", isto é, mais limpas? A resposta está no comentário a seguir:

> **batuque** sm., […] Esta dansa, que se assimelha muito ao nosso fado, é a diversão predilecta dos habitantes do sertão africano onde a influencia dos europeus tem modificado de algum modo a sua repugnante imoralidade. Os cantares são menos obscenos, e não raro é ver tomar parte n'um batuque, por ocasião de festa, alguns indigenas de classe mais elevada. O mesmo se dá entre nós: o batuque do Congo é mais proprio dos negros africanos; o outro, já mais civilizado, é dos crioulos, dos mulatos e até dos brancos (Soares, 1889, p. 87).

Figura 2 – "Batuque", litografia de Johann Moritz Rugendas, 1822-1825.



Fonte: @BrazilImperial.

CADERNOS DE
INICIAÇÃO
CIENTÍFICA
Trabalhos Premiados na 19ª Jornada

Sumário

Apresentação
As organizadoras

Estudo da coleção bibliográfica de Rui Barbosa
Esther Nascimento M. do C. Araujo

Uma perspectiva arquivística e arquitetônica: levantamento, organização e acesso aos documentos gráficos relacionados ao patrimônio arquitetônico e paisagístico da Fundação Casa de Rui Barbosa
Valéria Peixinho da Silva e Felipe das Neves Lacerda

Reflexões sobre a documentação do Museu Casa de Rui Barbosa: investigação das fichas catalográficas e difusão da informação
Milena Gomes Moreira Bezerra

Fazenda Colubandê: memória dos cristãos-novos no Rio de Janeiro
Anna Figueiredo Vanoli

Contradições na apresentação de africanos no Dicionário de Macedo Soares
Daiane de Souza Villela da Silva

Fundação Casa de Rui Barbosa

Em "Cachambú", o autor novamente desvaloriza a cultura não europeia, por meio de um trecho retirado da obra *Viagem à Comarca da Palma*, de Virgilio Martins de Mello:

> **cachambú** sm., […] 2° dansa. « Aprecião [os do valle do Paranã] muito a dansa ; porém a mais commum é a que executa-se ao som do tambor, a que chamão cachambús. **Essa dansa, porém, nada tem de elegante, nem artistica; ao contrario, é grosseira e brutal como todas as coisas africanas, e consiste em uns trejeitos e gatimanhos** .. ». Virg. 55 (Soares, 1889, p. 125, grifos nossos).

Embora não sejam palavras do autor, o recorte utilizado como abonação pode revelar o ponto de vista do dicionarista, sobretudo porque se repete o número de informações em que ele apresenta um sentido negativo para o mesmo tema: a dança dos escravizados; a forma como se comportam quando estão dançando. A dança apenas melhora quando se tem a presença dos brancos, quando aí se apresenta mais "civilizada".

Todavia, é relevante destacar que a obra analisada neste trabalho corresponde a um dicionário do século XIX. Sendo um dicionário desse período, é relativamente comum que se encontrem informações similares ao que Macedo Soares apresenta. É certo que o ponto de vista apresentado por Macedo nas definições das danças não exprime somente um olhar dele sobre a prática cultural, mas o olhar de uma sociedade oitocentista que seguia os hábitos europeus em todas as suas formas.

Além da crítica aos costumes africanos, Macedo, no verbete "Agir", por meio das palavras de Claudio Soído, apresenta o indígena como um "espirito humano sem cultura e

Sumário

Apresentação
As organizadoras

Estudo da coleção bibliográfica de Rui Barbosa
Esther Nascimento M. do C. Araujo

Uma perspectiva arquivística e arquitetônica: levantamento, organização e acesso aos documentos gráficos relacionados ao patrimônio arquitetônico e paisagístico da Fundação Casa de Rui Barbosa
Valéria Peixinho da Silva e Felipe das Neves Lacerda

Reflexões sobre a documentação do Museu Casa de Rui Barbosa: investigação das fichas catalográficas e difusão da informação
Milena Gomes Moreira Bezerra

Fazenda Colubandê: memória dos cristãos-novos no Rio de Janeiro
Anna Figueiredo Vanoli

Contradições na apresentação de africanos no Dicionário de Macedo Soares
Daiane de Souza Villela da Silva

inspirado pela natureza" (Soares, 1889, p. 80).[23] A concepção do indígena como um ser "sem cultura" desponta com a chegada dos viajantes europeus às Américas a partir da produção de testemunhos acerca da realidade brasileira; a imagem distorcida das populações autóctones refletida por esses europeus atravessa séculos na história. Macedo Soares, assim como outros intelectuais do seu tempo, reproduz a imagem então estabelecida.

> índio é um conceito construído no processo de conquista da América pelos europeus. Desinteressados pela diversidade cultural, imbuídos de forte preconceito para com o outro […] Quando abordam o período colonial, particularmente o descobrimento, apresentam o índio como "selvagem", "primitivo" "antropófago"; tratando do processo de catequese, o índio recebe uma imagem não menos etnocêntrica: ele é "criança", "inocente" "alma virgem" enfim, alguém que precisa da mão protetora da Igreja (Silva; Silva, 2005, p. 222-224).

Considerações finais

A partir do que foi apresentado no decorrer do texto, percebe-se que o dicionário não se mostra apenas como um objeto de estudo e registro da língua; é também um recorte de seu tempo. Macedo Soares ora apresenta seu apoio à abolição da escravatura, ora apresenta caráter crítico em relação aos costumes não europeus, majoritariamente por meio de informações que extrapolam o conteúdo lexicográfico – deixa entrever, em muitos casos, seu posicionamento no que diz respeito à conjuntura escravista e aos hábitos dos escravizados.

[23] O trecho de Claudio Soido foi extraído da *Revista da Exposição Antropologica Brasileira*, de 1882.

Sumário

Apresentação
As organizadoras

Estudo da coleção bibliográfica de Rui Barbosa
Esther Nascimento M. do C. Araujo

Uma perspectiva arquivística e arquitetônica: levantamento, organização e acesso aos documentos gráficos relacionados ao patrimônio arquitetônico e paisagístico da Fundação Casa de Rui Barbosa
Valéria Peixinho da Silva e Felipe das Neves Lacerda

Reflexões sobre a documentação do Museu Casa de Rui Barbosa: investigação das fichas catalográficas e difusão da informação
Milena Gomes Moreira Bezerra

Fazenda Colubandê: memória dos cristãos-novos no Rio de Janeiro
Anna Figueiredo Vanoli

Contradições na apresentação de africanos no Dicionário de Macedo Soares
Daiane de Souza Villela da Silva

Em todo caso, não é possível anular a sua importância na defesa das populações indígenas e africanas no Brasil, pois, embora apresente críticas aos hábitos não europeus, essas críticas valem também como denúncia social, uma vez que exteriorizam não somente um pensamento individual, mas coletivo, de uma sociedade livre que vivenciava o regime escravista porque compactuava e legitimava a exploração da mão de obra de pessoas africanas e indígenas pelo critério racial e, inclusive, cultural.

Nesse sentido, a posição crítica de Macedo no que diz respeito aos hábitos culturais das populações escravizadas, apesar de não ser justificável, é cabível, levando-se em consideração o contexto histórico em que se situava. Todavia, independentemente disso, Macedo Soares foi e ainda é uma grande referência na intercessão aos direitos à emancipação das populações escravizadas, e isso, de maneira alguma, deve ser rescindido.

Referências

AULETE, Caldas. *Diccionario contemporaneo da lingua portuguesa*. Lisboa: Parceria Antonio Maria Pereira Liv. Ed. e Officinas Typographica e de Encadernação, 1881.

CARMO, Laura do. Africanos e descendentes em dicionários. *In*: LIMA, Ivana Stolze; CARMO, Laura do (org.). *História social da língua nacional 2*: diáspora africana. Rio de Janeiro: Nau, 2014. p. 165-182.

COELHO, Olga Ferreira. O português do Brasil em Macedo Soares (1838-1905). *Limite*: Revista de Estudios Portugueses y de la Lusofonía, [*s. l.*], n. 6, p. 199-215, 2012.

Sumário

Apresentação
As organizadoras

Estudo da coleção bibliográfica de Rui Barbosa
Esther Nascimento M. do C. Araujo

Uma perspectiva arquivística e arquitetônica: levantamento, organização e acesso aos documentos gráficos relacionados ao patrimônio arquitetônico e paisagístico da Fundação Casa de Rui Barbosa
Valéria Peixinho da Silva e Felipe das Neves Lacerda

Reflexões sobre a documentação do Museu Casa de Rui Barbosa: investigação das fichas catalográficas e difusão da informação
Milena Gomes Moreira Bezerra

Fazenda Colubandê: memória dos cristãos-novos no Rio de Janeiro
Anna Figueiredo Vanoli

Contradições na apresentação de africanos no Dicionário de Macedo Soares
Daiane de Souza Villela da Silva

CUNHA, André Gustavo Lescovitz. *Antônio Joaquim de Macedo Soares e o reformismo imperial na crise da escravidão*: década de 1870. 2020. Tese (Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2020.

MORAIS, Evaristo de. Palavras de simples apresentação. *In*: SOARES, Julião Rangel de Macedo. *Campanha jurídica pela libertação dos escravos*: 1867 a 1888. Rio de Janeiro: Liv. J. Olympio, 1938.

SILVA, Antonio de Moraes. *Diccionario da lingua portugueza*. Rio de Janeiro: Empreza Litteraria Fluminense de Santos, Vieira & Commandita, 1877-1878.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. *Dicionário de conceitos históricos*. São Paulo: Contexto, 2005.

SOARES, Antônio Joaquim de Macedo. *Diccionario brasileiro da lingua portugueza*. Rio de Janeiro: Anais da Biblioteca Nacional, 1889.



MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO FEDERAL



DO LADO DO POVO BRASILEIRO